

REVISTA *dos* CRIADORES



ANO XVII N.º 7

JULHO 1946

Número Gr. \$4,00 Em todo
Avulso Brasil



**Dê-me o que
necessito para
ser forte... e não
precisará me dar
remédios!**

o organismo animal necessita de certos elementos para manter a vida. Entre os mais importantes estão o cálcio e o fósforo que formam a carne e os ossos, e o iodo que defende contra doenças. Enriquecer a alimentação dos animais com estas substâncias é dar-lhes novas energias. É tornar o trabalho do criador mais fácil e mais rendoso. É valorizar o seu gado, aumentando rapidamente a produção de carne, leite, ovos, lã e tração. Por isso, a Mistura Iodo Cálcio Fosfatada é usada há muitos anos nos maiores centros criadores do mundo. É fácil de dar e custa pouco por cabeça. Experimente e os resultados o convencerão!

**MISTURA
IODO
CÁLCIO
FOSFATADA**

Econômico no custo

| | | | |
|----------|-----------|-----|----|
| Sacos de | 40 quilos | 220 | 08 |
| " " | 10 " | 70 | 00 |
| " " | 5 " | 40 | 00 |
| " " | 2 " | 18 | 00 |
| " " | 1 quilo | 10 | 00 |

- generoso nos resultados!

Pedidos e Bulas à

Associação dos Criadores

(EX-FEDERAÇÃO DE CRIADORES)

Associação Paulista de Criadores de Bovinos

DIRETORIA

- Presidente - Dr. Lafayette Alvaro de Souza Camargo.
 Vice-Presidente - Dr. Mario Masagão.
 1.º Secretário - Dr. Bernardo Gavião Monteiro.
 2.º Secret. - Dr. João Baptista Lara.
 1.º Tesour. - José C. Moraes.
 2.º Tesoureiro - Paulo Eduardo de Souza.

DIRETOR-GERENTE

Dr. Arnaldo de Camargo.

CONSELHO CONSULTIVO

- Eliseu Teixeira de Camargo.
 Cel. José Rezende Meirelles.
 Antonio Bento Ferraz.
 Joaquim de Barros Alcantara.
 João de Moraes Barros.
 Servulo Pacheco e Silva.
 Osny da Silva Pinto.
 Orlando de Barros Pereira.
 João de Castro Guimarães.

SUPLENTES

- Dr. Naur Martins.
 José Procopio de O. Azevedo.
 Dr. Pio de Almeida Prado.
 Francisco Pereira Lima.
 Francisco Galvão Bueno.
 Antonio Fachardo Junqueira.

MÉDICOS VETERINARIOS

- Dr. Celso de Souza Meirelles.
 Dr. Luiz Berardinelli.
 Dr. Brasilliano Candido Alves.

TÉCNICOS

- LEITE E DERIVADOS e
 CONTROLE LEITEIRO
 Dr. Fidelis Alves Netto.

- CARNE E DERIVADOS
 Dr. Pascoal Mucciolo.

- AGROSTOLOGIA
 Dr. Breno de M. Andrade.

- ENGENHARIA RURAL
 Dr. Laercio Osse.

- AVICULTURA
 Dr. Henrique Raimo.

- GERENTE COMERCIAL
 Otto Plessmann.

*Carecemos de um
 "Plano de Emergência" para
 resolver o problema
 do leite ?*

FIDELIS ALVES NETTO

Em nosso trabalho publicado no último número da Revista dos Criadores (de Junho do corrente), fizemos uma sugestão sobre qual deve ser o preço do leite, sugestão essa que forçosamente sofreu as críticas de muitos. Realmente, dizer a verdade e em toda a sua extensão nem sempre agrada a todos e principalmente áqueles atingidos por ela.

Mas, já temos escrito tanto sobre o assunto e esmiuçado tanta coisa nesse nosso velho problema do leite, mercê das nossas obrigações diárias que acabamos concluindo que essa coisa está precisando de sangue novo. Está precisando de um socorro urgente, de uma reviravolta. No andar em que vamos, não fôra a inexperiência dos novatos e o apêgo de uma classe antiga e a produção leiteira do Estado estaria a quasi zero.

Todos os anos procuramos às pressas uma solução urgente para a sêca que já se iniciou, num ramo de negócio em que nada se improvisa e que não admite pressa. Nós até agora não nos convencemos que vaca é vaca. Dá leite quando tem comida e quando a recebe em tempo oportuno. Ainda não nos convencemos que já passamos de uma cidade de 500.000 habitantes para outra de quasi 2.000.000 de bocas! Que os problemas de antes eram completamente diferentes que os atuais. Não nos convencemos que os métodos antigos já não mais servem, que precisamos de novas diretrizes!

Alguem há pouco tempo disse que estávamos carecendo de um "plano de emergência" para a produção leiteira. Realmente, estamos concordes em que precisamos urgentemente de um plano capaz de trazer um novo estímulo à nossa pecuária leiteira. Mas, que seja um plano exequível, discutido e traçado por quem entenda de fato do assunto, seja da especiali-



Revista dos Criadores

Redação: RUA SENADOR FEIJÓ, 30 — TELEF., 2-8268 — S. PAULO — BRASIL

ANO XVII

JULHO - 1946

N.º 7

DIRET.-RESP. E GERENTE: Luiz A. Penna
COLABORADORES ESPECIALIZADOS: Carne e Derivados, Pascoal Mucclolo * Lacticínios, Fidelis Alves Netto e José de Assis Ribeiro * Avicultura, Henrique Raimo * Alimentação, Brenno M. de Andrade.

Assinatura:

1 ano Cr\$ 40,00
2 anos Cr\$ 72,00
3 anos Cr\$ 100,00

Sob registro, mais Cr\$ 6,00 por ano.

Registro DNI n.º 11.328

As opiniões expendidas em artigos assinados correm por conta de seus autores.

É proibida a reprodução de qualquer matéria sem a devida autorização da Redação.

*

Oferecida gratuitamente aos sócios da A.P.O.B.

*

Venda Avulsa:

Cr\$ 4,00 em todo o Brasil.

Distribuidora Internacional Ltda.

Cx. Postal, 3542 — Rio de Janeiro

EIS AQUI

sua revista, leitor amigo. Nos números anteriores, anelamos muito para você, no sentido de comunicar-nos com franqueza sua impressão sobre as modificações que começávamos, então, a realizar nela. Já recebemos muito, desse concurso. Você não falhou à nossa confiança. O que esta neste, e o que você irá encontrar nos números vindouros, tem muito de sugestões suas.

Mas, se recebemos muito, não recebemos tudo — há bastante ainda que melhorar, até que você tenha em mãos, cada mês, a revista perfeitamente capaz de fazer-lhe companhia nas horas de folga e de o informar de quanto lhe interessa, dentro dos seus assuntos.

Por isso, continuaremos a apelar, em seu próprio benefício, para seu auxílio. Diga-nos, com lealdade, a que distância a "Revista dos Criadores" já está do seu ideal, em publicações no gênero.

Observe se a nossa revista lhe deixa no espírito, depois de a ter lido, uma lembrança agradável, uma noção útil e um desejo claro de a receber outra vez, no mês seguinte.

Se não deixa, ainda, seja franco e amigo — diga-nos por que.

E ajude-nos, como possa, a melhorá-la ainda mais — pois a fazemos para VOCE.

O ARTIGO DE SEU INTERESSE ESTÁ AQUI?

- PAGINA 1 — Carecemos de um "Plano de Emergência" para resolver o problema do leite? — gente nova, idéias novas — Fidelis Alves Netto.
- PAGINA 4 — Nossa Capa — o que publicamos este mês.
- PAGINA 4 — Campereando — No Parlamento, Peste Suína, XII.a Exposição de Animais, A Questão da Carne, O Zebú no México, Rendimento dos bovinos brasileiros, O fim do Zebú no México.
- PAGINA 23 — Arame farpado — dados que surpreendem — Dr. Arnaldo de Camargo.
- PAGINA 28 — Alimentação do gado na seca — novos conselhos — Dr. F. Cardoso.
- PAGINA 30 — Combate ao berne — um bichinho terrível — Eleó.
- PAGINA 34 — Uma dúzia de coisas sobre o bezerro... — ...e ele lhe dará lucro!
- PAGINA 36 — S.a Exposição Agro-Pecuária de Campo Grande — a Festa da Produção. Reportagem de Darcy Poppe e texto de J. B. Martins Ramos.
- PAGINA 41 — Comentando a exposição — a dança das colocações.
- PAGINA 42 — Um rodício de campeões — fotos e notas.
- PAGINA 44 — Campo Grande e seus puro.sangue — economia e elegancia.
- PAGINA 52 — A peste suína — o que fazer contra este flagelo — Dr. Mario D'Apice.
- PAGINA 56 — Vamos fazer queijos — maturação — Dr. José de Assis Ribeiro.
- PAGINA 60 — "Sou pelas proteínas", — dis o galo — alimentação e economia. Dr. Francisco F. Raimo.
- PAGINA 64 — A esterilidade — sério problema — Não alimente quem não produz.
- PAGINA 67 — Cultura em faixa — em defesa do nosso solo. Dr. J. Quintiliano A. Marques.
- PAGINA 74 — Sua carta chegou — respostas a novas consultas.
- PAGINA 77 — A Sra. faça assim... — ...novas receitas.
- PAGINA 78 — Serviço de Controle Leiteiro da A. P. C. B. — acompanhe, aqui, o valor destas vacas.
- PAGINA 86 — Cotações dos produtos lacteos — Como se portou o mercado em Junho.

NOSSA CAPA



Não sabemos o que foi mais honroso para "Argentina": se conquistar um prêmio na Exposição de Campo Grande, ou a graça de ser tida à rédea por esta gentil representante da elite campograndense. Como quer que seja, a beleza do quadro justifica a simpática iniciativa da Revista, de ornar com ele a capa desta edição.

PERMUTA

Desejamos estabelecer permuta com revistas similares.

Deseamos estabelecer canje con revistas similares.

On désire établir échange avec les revues similaires.

We wish to establish exchange with all similar reviews.



Campereando

DO QUE SE PUBLICA EM LIVROS, REVISTAS E JORNAIS, NACIONAIS E ESTRANGEIROS, APARTAMOS PARA VOCE ESTES TÓPICOS. SE ENTRE ELLES NÃO ESTIVER O ASSUNTO QUE LHE INTERESSA, COMUNIQUE-NOS, E NA PRÓXIMA CAMPEREADA O SATISFAREMOS.

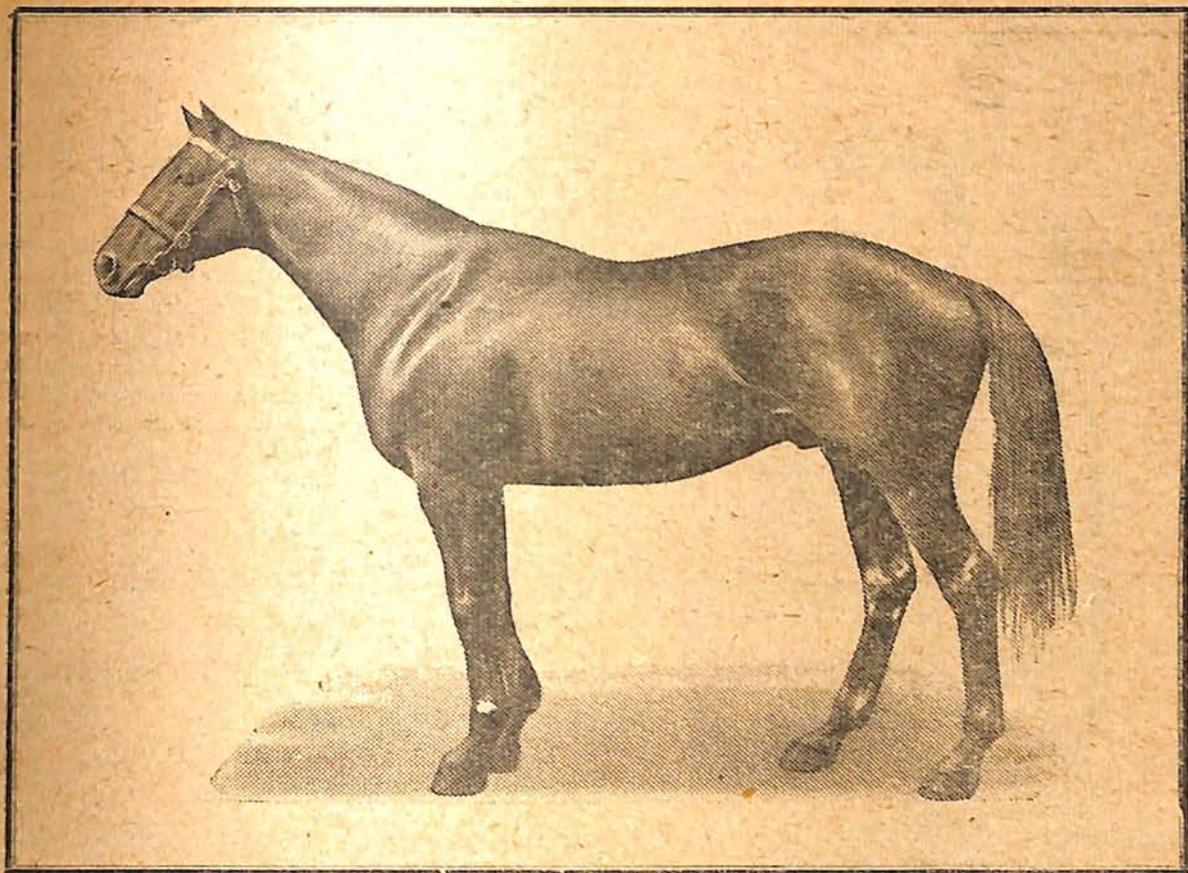
No Parlamento

Estreou o deputado udenista paraense Sr. Agostinho Monteiro, médico e criador na Amazônia. O seu discurso começou por um aparte ao Sr. Berto Condé; então dissera o paraense que "o povo brasileiro vive em estado de sub-nutrição" e por isto responsabilizava "em parte o Estado Novo". Vinha agora à tribuna provar o que afirmára.

O certo é que a importância do seu discurso transcende a significação política imediata e se afirma como um dos mais seguros documentos até agora apresentados ao exame da assembléia de 46.

O Sr. José Varela, pessedista do Rio Grande do Norte, ao ver o rumo que tomava o discurso do paraense, procurou demonstrar, em aparte, que "a questão alimentar é secundária. O problema principal tem infcio com o embrião"...

Mas o Sr. Agostinho Monteiro, com dados estatísticos da Liga das Nações, do IBGE, do Ministério do Trabalho, e de outras fontes autorizadas, enriqueceu o seu discurso. Mostrou que a produção de gêneros alimentícios atingira, em 1930, um total de 16.218.514 toneladas (segundo apuração oficial) e em 1944, segundo a mesma fonte não passou de 17.701.532. Ao acabar de ler o último alga-



COMO AMPARAR O DINHEIRO EMPATADO NUM ANIMAL DE RAÇA?

Um belo animal... Uma pequena fortuna em perigo... Se sobrevier um acidente... como alcançar uma indenização? A resposta é muito simples: um seguro na Carteira de Animais mantida pela SATMA. Já os maiores criadores do Brasil recorrem à SATMA para proteger os seus animais de valor. Faça também o mesmo, para sua maior tranquilidade.

**SUL AMERICA TERRESTRES,
MARÍTIMOS E ACIDENTES**

8 CARTEIRAS DE SEGUROS

Acidentes do Trabalho
Acidentes Pessoais
Incêndio
Automóveis
Fidelidade e Fiança
Transportes
Animais
Responsabilidade Civil



A MAIOR COMPANHIA DE SEGUROS EM SEU GÊNERO DA AMÉRICA DO SUL - RIO DE JANEIRO



TRAJES

para caça e
lides campestres

JAQUETAS
CALÇAS
BLUSAS
CULOTES

CASA
ANGLO-BRASILEIRA
Sucessora de MAPPIN STORES
S. PAULO

Campereando

rismo, ouviu o orador, do Sr. Abelardo Matar do PTB fluminense, o seguinte aparte:

— V. Excia. se dirige contra os homens!

Não, o paraense não se dirigia contra os homens. Passou a mostrar, com estatística oficial do IBGE, quais as percentagens de área cultivada sobre a área total de cada Estado:

Área cultivada e área total

| | % |
|-------------------------------|--------|
| Acre | 0,084 |
| Amazonas | 0,005 |
| Pará | 0,039 |
| Maranhão | 0,277 |
| Piauí | 0,224 |
| Ceará | 2,285 |
| Rio Grande do Norte | 2,682 |
| Paraíba | 5,282 |
| Pernambuco | 5,352 |
| Alagoas | 6,422 |
| Sergipe | 8,719 |
| Bahia | 0,933 |
| Espírito Santo | 10,176 |
| Rio de Janeiro | 14,808 |
| São Paulo | 18,944 |
| Paraná | 2,629 |
| Santa Catarina | 2,431 |
| Rio Grande do Sul | 4,147 |
| Mato Grosso | 0,024 |
| Goiás | 0,420 |
| Minas Gerais | 4,478 |

Assim se verifica que São Paulo não tem sequer 20% do seu solo cultivado. Cita a seguir, uma estatística que diz: "toda a área cultivada no Brasil atinge a 13.188.000 hectares. Só a província de Buenos Aires cultiva 10.370.802. O rendimento do hectare brasileiro, além disso, é muito baixo, pois não chega a 1,5 de tonelada. A nossa área cultivada com produtos alimentares é de 25 acres, "per capita", precisamente a metade do mínimo exigido nos Estados norte-americanos para uma boa alimentação — diz a seguir.

De passarem pelo Pará, que necessariamente devia ocupar a sua atenção com maior minúcia, ele mostrou que atingiu a mais de 22% "a tributação sobre gêneros alimentícios em Belém. A taxa de vendas e consignações é ali cobrada 5 vezes, além das adicionais, o imposto aos municípios e as taxas da Prefeitura de Belém elevam a 22,03% a tributação sobre farinha, feijão, arroz e milho".

Aos criadores do Brasil



— MATRIZ —

Avenida Agua Branca, 798 - (Em frente ao Parque de Indústria Animal)

Fones: 5-9229 e 5-7084 — Caixa Postal, 5018

SÃO PAULO

Endereço Telegráfico: "SOCILIL"

FABRICA: Avenida Santa Marina, 1571

— (Estação Agua Branca) — Telef. 5-9229

—
FILIAL EM UBERABA:

Rua Olegario Maciel, 24 — Telefone, 1138

Caixa Postal N.º 100 — Minas Gerais

As rações balanceadas que levam o
sêlo "Socil" - símbolo de seriedade -
estão sendo largamente usadas pelos
mais adiantados lavradores do País.
A SUA EFICIÊNCIA RESULTA NO MENOR CUSTO.

Campereando

Mostra quanto é irrisória a dotação orçamentária para o Ministério da Agricultura — 354 milhões — “quando às forças armadas, partes integrantes do povo brasileiro, carentes também de alimentação, se destinam somas que atingem mais de 30% da despesa orçada, ou, precisamente — 3.393.927.801,00.

Reporta-se, então, às estatísticas sobre a mortalidade infantil, nas quais o Rio aparece com a percentagem de 233,6 por mil crianças mortas entre 0 e 1 ano, seguido de Buenos Aires (146,2%). Mostra que em Recife é onde é mais baixo o total de calorias na alimentação, segundo inquérito oficial ali efetuado, pois é de precisamente 1.645 calorias o total apurado na capital de Pernambuco, ou seja, cerca de 40% menos do considerado normalmente necessário.

O senador carioca Hamilton Nogueira, católico da UDN, apartou então para dizer como professor de higiene e médico sanitário, que “a mortalidade infantil pesa de tal modo na mortalidade geral, do Brasil, que em seis capitais o coeficiente da mortalidade é maior que o da natalidade”.

O deputado paraense cita, então o Professor Carneiro Felipe, presidente da Comissão Censitária Nacional, que disse: “O Censo tem demonstrado que a mortalidade infantil, no país, é uma coisa impressionante. No interior, no sertão, em toda a zona rural, esses dados alarmam. São frequentes os boletins dessas regiões onde os chefes de família acusam registro de 12 a 14 filhos, dos quais apenas 3 ou 4 estão vivos”.

Mostrou, então, o Sr. Agostinho Monteiro que, sendo a alimentação baseada em três elementos essenciais, as proteínas, as gorduras e os hidratos de carbono, acrescidos dos sais minerais e das vitaminas, foram os seguintes os resultados aferidos em estudos recentes de especialistas em quatro grandes centros: Belém, Recife, Distrito Federal, S. Paulo.

Na Bahia, Thales de Azevedo verificou que caiu de 16 gramas, em 1941, para 8 gramas, em 44, a quantidade diária de protídeos obtidos da carne. Em Belém, Pedro Borges verificou que baixou de 36 para 10 gramas a diferença de protídeos obtidos da carne.

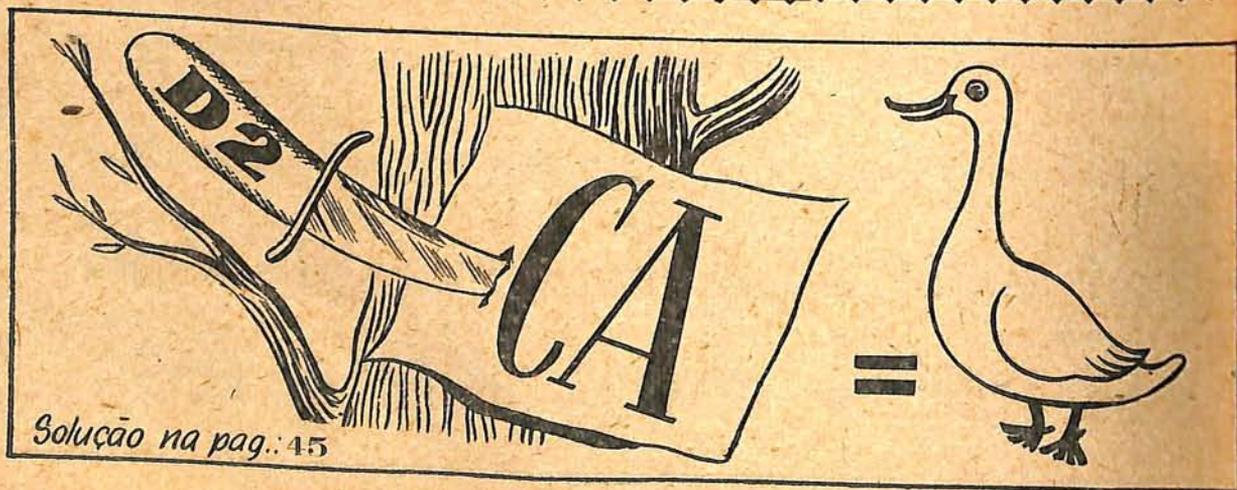
O leite — eis os resultados dos inquéritos efetuados por Josué de Castro, em Recife; Pedro Borges e Valério Konder em Belém; Barros Barreto e Josué Almir de Castro, no Rio; Paula Souza e Almeida Jr., em S. Paulo.

— Em Belém, um consumo de 9 cc. por pessoa; em Recife, 10 cc.; no Distrito Federal, 191; em São Paulo, 173. Nos Estados Unidos: 420,00. O Brasil, numa tabela de consumo de leite, “per capita”, na qual figuram 12 países da Europa e da América, figura em último lugar, abaixo da Itália (39,0) de antes da guerra.

O consumo de ovos, “per capita”, no Distrito Federal e em S. Paulo é de 4 por semana, baixando a um ovo por semana em Pernambuco e 1/2 por semana, em Belém. (Já quanto ao de leite se verificou que cabe a cada brasileiro uma colher de sopa de leite por dia).

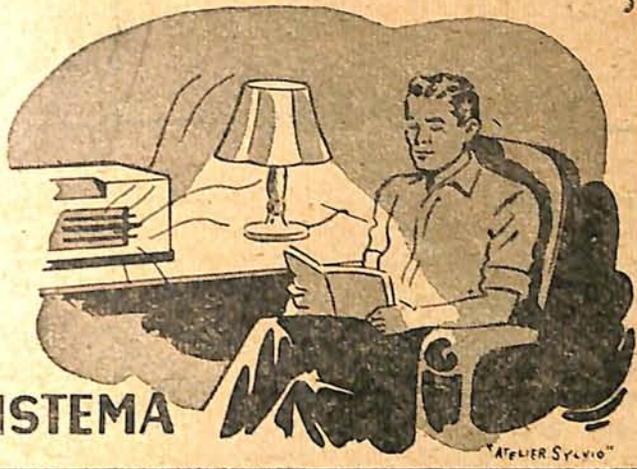
O consumo de verduras, “per capita”, é de 77 gramas diárias no Distrito Federal, baixando em Belém para 28 gramas.

Uma pesquisa feita pelo especialista Gonçalves da Rocha, na zona rural do Distrito Federal (Campo Grande, etc.), o chamado “sertão carioca” — revela que em 4.000 observações foi possível apurar que quase todos não dispunham de calorias cujo total diário ultrapassava



*você NOTARÁ
uma enorme
diferença...*

**A SUA PROPRIEDADE
ELETRIFICADA PELO SISTEMA**



WINCHARGER



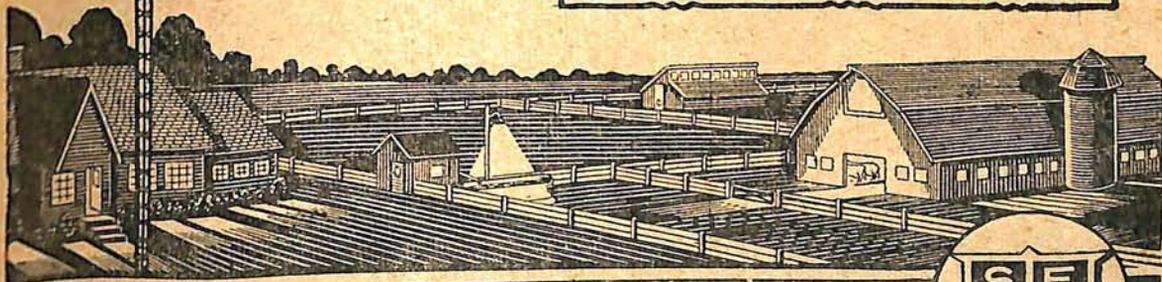
Você notará uma enorme diferença, quando modernizar a sua propriedade com Luz e Força elétrica. Poderá ter uma iluminação farta e uniforme á hora que quizer. A bôa luz prótejerá os olhos de seus filhos, poderá ligar seu rádio a qualquer hõra. Evita o perigo e a fumaça do kerozene e das lanternas.

**ELETRIFIQUE SUA
PROPRIEDADE
PELO SISTEMA**

WINCHARGER

AGORA

....Existem centenas de utilidades que pôde oferecer a instalação de um WINCHARGER, o qual trabalha, gratuitamente para você, tirandô energia do vento... Terá conforto... ganhará tempo e dinheiro. Você poderá comprar um Wincharger agôra mesmo, pelo preço de antes da guerra. Somos os importadores exclusivos e autorizados e em condições de fornecer todas as informações que nos pedir.



SOCIEDADE ELETRO MERCANTIL PAULISTA LTDA.



RUA 24 DE MAIO, 32
CAIXA POSTAL 4542

SÃO PAULO
(BRASIL)

TELEFONE 4-7842
END. TELEG. "SEMPA"

Campereando

se 1.700, quando as suas atividades exigiriam normalmente 3.500 a 4.500 calorias.

Lembra a seguir, o Sr. Agostinho Monteiro, que a Repartição de Relações Agrícolas do Exterior, do Departamento de Comércio dos Estados Unidos, advertiu o mundo sobre "um período de fome, em 1946, superior ao do último ano de guerra". Avalia-se em mais de 35

milhões de toneladas a quantidade de alimentos necessários aos países devastados.

("Observador Econômico e Financeiro"
— Abril).

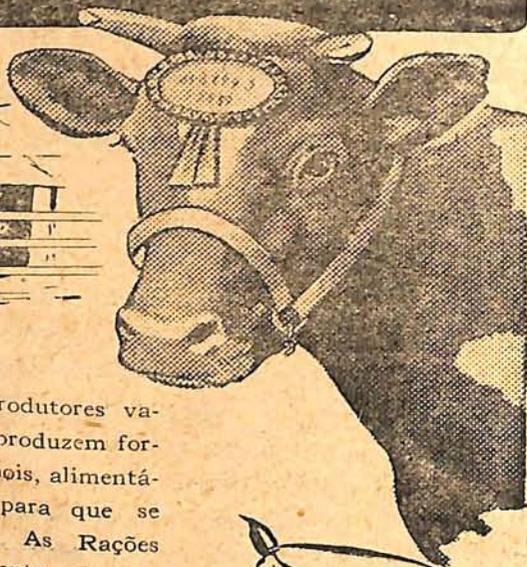
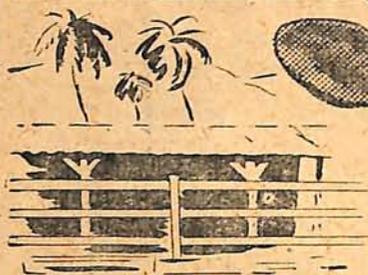
Peste suína

Grassa em todo o Estado a peste porcina. É lamentável que tão importante setor da nossa pecuária esteja entregue aos azares da destruição, por uma doença cujos meios de controle são conhecidos e de possível aplicação.

Em fins do ano passado chegaram as primeiras notícias, do norte do Paraná, dando a conhecer a origem do fóco, com bastante antecedência para que fossem tomadas providências de molde a impedir a sua propagação aos principais centros criadores. A advertência não surtiu quase nenhum efeito. Quem se desse ao trabalho de acompanhar as notícias chegadas de diferentes pontos do Estado, poderia seguir "pari-passu" a marcha da doença. Do norte do Paraná a peste porcina penetrou sem grande dificuldade em nosso Estado, e de criação em criação, estendeu-se ao longo dos caminhos, estradas de ferro e de rodagem, até atingir a Capital. Daqui, em forma de leque, a doença dos porcos se espalhou para todo o interior do Estado.

Muito difícil é calcular até onde vão os prejuízos que estão sofrendo nossos criadores, dada a notória deficiência de um levantamento estatístico dessa natureza, entre nós. Mas quando se sabe que o valor do rebanho suíno, no Brasil, é de cerca de dois bilhões e meio de cruzeiros e que em muitos lugares as perdas vão de 40 a 90 por cento dos animais, estaremos em condições de avaliar, muito por alto, a extensão desses prejuízos. De acordo com o último cálculo oficial, o rebanho porcino, no Brasil, andava à volta de 21.776.770 cabeças, das quais cerca de

Alimento de CAMPEÕES



OS CAMPEÕES reprodutores valem fortunas e produzem fortunas. É preciso, pois, alimentá-los racionalmente para que se desenvolvam bem. As Rações Manah cientificamente preparadas para campeões são garantia inestimável de sua saúde.

★

MANAH restabelece a saúde e aumenta a produção



(MANAH)

F. CARDOSO & CIA. LTDA.

R. LIBÉRIO BADARÓ, 306 - 3.º AND. - TEL. 3-2293

Panam

A solução do seu problema pode estar num destes livros...



Pedidos à

ASSOCIAÇÃO DE CRIADORES

CRIAÇÃO

Volume - Cr\$

| | |
|---|-------|
| Criação Prática de Suínos | 10,00 |
| Manual do Criador de Caprinos | 15,00 |
| Bovinos das Raças Indianas — Dr. Celso de Souza Meirelles — Assuntos de suma importância para todos que se dedicam à criação das Raças Zebú | 40,00 |
| Como Criar Bezerros — Dr. Celso de Souza Meirelles | 2,50 |
| Exterior e Julgamento dos Equídeos — Prof. Walter R. Jardim | 30,00 |
| Manual Prático de Castração — Dr. Celso de Souza Meirelles — Detalhes e segredos na arte de castrar | 12,00 |
| Manual de Medicina Veterinária — Alvaro da Penha Sobral | 25,00 |
| Obstetrícia Veterinária — Dr. René Straunard | 25,00 |
| Manual do Criador de Bovinos — Prof. Nicolau Athanassof | 85,00 |
| Principais Característicos da Boa Vaca Leiteira — Hugh G. Van Pelt ... | 6,00 |
| Manual do Criador de Suínos — Prof. Nicolau Athanassof | 40,00 |
| O Zebú — Prof. M. Paulino Cavalcanti | 20,00 |
| A Pecuária Cearense e o seu melhoramento — Prof. Octavio Domingues | 20,00 |
| LEITE E LATICÍNIOS | |
| Noções Gerais Sobre o Leite — Manual de Arruda Behmer | 18,00 |
| Análise do Leite e Laticínios — 3.a Edição contém ilustrações de todo o material usado nessa especialidade | 10,00 |
| Fabricação de Queijos — Manuel L. Arruda Behmer | 20,00 |
| Fabricação dos Queijos — Castro Brown | 10,00 |
| Leite e Derivados — João Vieira ... | 10,00 |
| Indústria do Queijo e da Manteiga — Manuel de Arruda Behmer | 18,00 |

CONTABILIDADE E ORGANIZAÇÃO

Volume - Cr\$

| | |
|--|-------|
| Contabilidade nas Fazendas - D. Tafuri | 15,00 |
| Livro para Registro de Gado Bovino — Em duas Partes — A primeira para escrituração e controle geral do gado existente na fazenda e a segunda para o registro individual de cada animal | 20,00 |
| Livro de Controle, com 24 folhas para o gado existente, na fazenda e controle da produção de leite ... | 25,00 |

AVICULTURA

| | |
|---|-------|
| Conjunto de Lições sobre Criação de Galinhas, Patos, Marrecos, Gansos, Perús e Coelhoos. - Volume ricamente encadernado com 386 paginas . | 50,00 |
| Instalações Avícolas Industriais | 20,00 |
| Perús, Patos, Marrecos e Gansos e sua Criação | 10,00 |
| O Fator Sucesso em Avicultura | 8,00 |
| Pintos de Um Dia (2.a edição) | 12,00 |
| Os Perús — Adaptação e ampliação de J. Reis — Criação e aproveitamento | 10,00 |
| Marrécós e Patos — Tradução e adaptação de J. Reis | 10,00 |
| Incubação dos Ovos de Galinha — Trad. e adaptação de J. Reis | 8,00 |
| Criação de Galinhas — J. Reis | 10,00 |

DIVERSOS

| | |
|--|-------|
| Construções Rurais — Prof. Orlando Carneiro | 30,00 |
| Silo Econômico — Finalidade e instr. p/ construção de um silo subterrâneo | 3,00 |
| Principais Forrageiras para o Estado de São Paulo — Brenno M. de Andrade | 5,00 |
| A Mecanização da Lavoura — Octavio R. Cunha | 30,00 |
| Reflorestamento - Mansueto Kosciuski | 3,00 |

Para remessa, sob registro, pelo correio mais Cr\$ 5,00 por volume
NÃO TRABALHAMOS COM O SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL
 Os associados gozam o desconto de 10% sobre os preços desta lista

O "Raquitismo" nos Animais Domésticos

O raquitismo é uma afecção óssea, que surge no período de crescimento dos animais, caracterizada por uma perturbação da ossificação e devida a uma carência de Vitamina D. É uma doença dos animais jovens. Na clínica veterinária encontramos-a com frequência nos suínos, caninos, caprinos, ovinos, bovinos e principalmente nos equinos e nas aves.

Os animais raquíticos apresentam tumefações ósseas ao nível das articulações, curvaturas dos ossos longos e arqueamento da coluna vertebral. Seus dentes são pequenos e fracos. No início da moléstia, há perda de apetite e aumento do volume do ventre, com ou sem diarreia.

É fato perfeitamente aceito que a causa fundamental do raquitismo nos animais é a deficiência da Vitamina D na alimentação. É esta substância a responsável pela fixação do cálcio e do fósforo no organismo.

A deficiência de cálcio e ácido-fosfórico na alimentação também pôde determinar a moléstia.

O melhoramento da raça pela consanguinidade, a hereditariedade, o clima frio e a pobreza do sólo são fatores predisponentes.

Entre as causas indiretas, ocasionais, citam-se: as intoxicações crônicas, as infecções, as verminoses, a falta de higiene alimentar, a conservação dos animais em lugares pouco arejados, sombrios e húmidos, impedindo-os de receberem os raios solares, enfim, a alimentação quantitativa ou qualitativamente deficiente.

O tratamento consiste na administração de alimentos ricos em cálcio e fósforo, na conservação dos animais ao ar livre, não os retendo por muito tempo nos estábulos, cocheiras, boxes, canis, etc. e, principalmente na administração de Vitamina D em doses suficientes.

Duas são as vitaminas antiraquíticas: a Vitamina D2 e Vitamina D3.

A Vitamina D2 (Calciferol) é uma substância obtida artificialmente pela irradiação do ergosterol.

A Vitamina D3 provem de fontes animais, sendo encontrada no leite irradiado e nos óleos de fígado de peixes.

A Vitamina D2 sendo administrada em doses maciças, fica armazenada no fígado, baço e outros órgãos, sendo sua ação prolongada por vários meses.

Depósito-Veterinário, contendo 0,05 grs. de calciferol (2.000.000 U. I. de Vit. D2) por ampola, tem sua máxima indicação no raquitismo dos animais, atuando, também, de maneira segura e eficaz em outras afecções, tais como Osteoporose e Osteomalácia (Cara inchada). É um produto de aplicação fácil e econômica e produz resultados mais rápidos e completos.

Campereando

54% localizados em São Paulo e Estados limítrofes, da seguinte forma:

| | Cabeças |
|--------------------------|-----------|
| Rio de Janeiro | 386.400 |
| Mato Grosso | 413.700 |
| Goias | 1.231.100 |
| Paraná | 1.277.500 |
| São Paulo | 2.041.107 |
| Minas Gerais | 6.378.000 |

Os outros grandes Estados criadores de porcos são Santa Catarina, Bahia e Rio Grande do Sul, sendo este o segundo Estado criador do país, colocando-se entre Minas Gerais e São Paulo.

A peste porcina é conhecida, nos Estados Unidos, por "hog-cholera" e durante muito tempo ocasionou periodicamente o pânico entre os criadores, devido à maneira rápida de se propagar e de exterminar as criações. Mas depois da descoberta do método de tratamento pela aplicação do soro e do vírus, em conjunto, o doença passou a ser considerada como outras que todo suinocultor precisa conhecer, para evitá-las. Sabe-se que a Estação Experimental de Berkeley, da Universidade da Califórnia, descobriu, antes da guerra, uma nova vacina, preparada com os tecidos de porcos atacados, que vem sendo aplicada com os mais satisfatórios resultados. Segundo um recente relatório daquela Estação, em 15.000 porcos vacinados, mantidos nas mesmas condições de outros com peste porcina, nenhum caso de doença foi verificado. Do ponto de vista da erradicação da doença, diz o relatório, isso é extremamente promissor, por ser óbvia a necessidade do método antigo, de aplicação do virulento vírus, em condições absolutamente higiênicas.

Vê-se que a vacinação, bem como outras medidas profiláticas preventivas, são práticas aconselháveis que precisam ser melhor difundidas entre os criadores de suínos, para que cada um tome a iniciativa de pôr-se a coberto de tão mortífera doença.

Finalmente, é lastimável que a população do nosso Estado, que encontrava na carne de porco o substituto quase único da carne vacum, venha a sofrer mais esse contratempo, para somar aos muitos outros que ela anda a suportar.

(“O Estado de S. Paulo”)

ESTABELECIMENTOS AGRICOLAS MARENGO
OS LIDERES DA VITI-POMICULTURA NACIONAL

PREMIADOS EM 19 EXPOSIÇÕES
GRANDE PARQUE DE FRUTAS
E
DEPOSITO PERMANENTE DE PLANTAS



SEDE E ADMINISTRAÇÃO
AV. CELSO GARCIA, 4815
ANTIGO 1311
FONE 9-0191 - S. PAULO

CESAR MARENGO

São Paulo, 22 de Março de 1946

- CREADORES DO
- PECEGO MARENGO O
- EXPOENTE MÁXIMO DA
- FRUTICULTURA NACIONAL
- VITICULTURA
- POMICULTURA
- OLIVICULTURA
- CITRICULTURA
- COQUEROS ANOS E
- COQUEROS BAIXA
- ESPECIALIZADOS, VIVERISTAS
- PECAM O NOSSO ULTIMO CATALOGO LUSTRADO E DESCRITIVO
- HORNEIS VEGETAIS A
- MAIOR DESCOBERTA DA CIENCIA BOTANICA DE NOSSO SEGULO PECAM OPUSCULOS

À
Industria Agro Quimica do Brasil
Rua S. Bento, 290 - 6º - Sala 8
CAPITAL

Prezados senhores.-

Temos a satisfação de informar a Vv. Ss., que tendo experimentado e usado o formicida e Extintor "EFEBECÊ", em varios formigueiros, obtivemos resultados mais do que satisfatórios, tanto em eficiencia, como economia - que calculamos seja 60% mais economico do que qualquer outro.

Informamos mais que, dentre os formigueiros atacados, a maior parte foi da formiga "QUEM-QUEM MINEIRA" - a mais dificil de ser exterminada.

Atestamos tambem que o resultado foi ótimo, pois temos verificado esses formigueiros e ate hoje não deram sinal de que estão vivos, apesar de decorridos mais de 30 dias.

É, portanto, com satisfação que lhes fazemos o presente atestado, do qual poderão se utilizar da maneira que bem entenderem.

Sendo o que se nos oferece e colocando-nos ao inteiro dispor de s/acatadas ordens, firmamo-nos, apresentando-lhes n/

Cordiais saudações

CM/J.-
9.º TABELLIONATO
Rua Dr. Miguel Couto, 46 - S. PAULO

Reconheço a firma
S. Paulo, 22 de Março de 1946
Em test.º

Dr. AFFONSO A. RUBIÃO
TABELLÃO - SUCESSOR
Rua Dr. Miguel Couto, 46 - S. Paulo



Aparelho produtor do gaz-pesado efebecê, inofensivo para o homem e mortal para as formigas.

Pedidos nas boas casas do ramo ou à

INDÚSTRIA AGRO-QUÍMICA DO BRASIL

Fabricante e distribuidora

Escrit.: RUA S. BENTO, 290 - 6.º andar - sala 8 — Telef.: 8-30-52 — S. PAULO

Precisam-se de agentes distribuidores em todo o país

A VENDA NA ASSOCIAÇÃO DE CRIADORES

VACINAS

CONTRA A FEBRE AFTOSA

CONTRA A PESTE SUINA

CONTRA A BRUCELOSE



PRODUTOS GEYER

iodo salicilato B1

contra manqueira de origem reumática.

VACINA CONTRA A PESTE DA MANQUEIRA.

VACINA ANTIPIOGÊNICA

para mamites, abcessos.

Prod. Vet. ZOOFARMA

Ltda.

Rua Cristovão Colombo, 63 — 1.º and.

Sala 5 — Fones: 2-6634 e 4-4298

SÃO PAULO

Endereço Telegráfico: - "ZOOFARMA"

Campereando

XII.ª Exposição de Animais

Realizar-se-á, no período de 14 a 23 de setembro, na cidade de S. Paulo, no Parque da Agua Branca — a

XII Exposição Nacional de Animais e Produtos Derivados, a qual promete revestir-se de excepcional interesse. Prosseguem os entendimentos a respeito entre autoridades da Secretaria do Agricultura do Estado de S. Paulo e o Ministério da Agricultura. As inscrições gratuitas de animais serão abertas no próximo mês de junho, podendo inscrever-se criadores de todo o país, os quais terão as despesas de transportes e de alimentação de seus animais pagas pelo governo federal.

As quotas atribuídas aos Estados na XII Exposição Nacional de Animais e Produtos Derivados são as seguintes: Bovinos, inclusive vacas leiteiras, São Paulo, 220; Minas Gerais, 120; Rio G. do Sul, 80; Rio de Janeiro, 70; outros Estados, 30; governo federal, 20. Total, 540. — Equinos — S. Paulo, 64; Minas Gerais, 30; governo federal, 11; Rio G. do Sul, 10; Rio de Janeiro, 10; outros Estados, 10; Remonta Militar, 6. Total, 141. — Caprinos — S. Paulo, 10; outros Estados, 15. Total, 25. — Ovinos — Rio Grande do Sul, 20; outros Estados, 6. Total, 20.

Terão preferência para as inscrições os animais registrados puros, de origem e por cruzamento, mediante certificado das associações de registros genealógicos.

A Questão da Carne

Segundo declarações do sr. presidente da Federação das Associações Rurais do Estado de São Paulo, foi resolvida de modo muito leal e correto, a pendência entre os invernistas e os frigoríficos. A Federação das Associações Rurais do Estado de São Paulo enviou ao sr. ministro da Agricultura um officio que, no seu quarto item, reza o seguinte: "Acresce que, segundo nos foi demonstrado, com base no exame da contabilidade das empresas frigoríficas, estas não poderiam economicamente realizar as suas compras na base de 62 cruzeiros a arroba, para o gado da atual safra".

Em vista do resultado da averiguação, a Federação das Associações Rurais do Estado de S. Paulo resume a situação da seguinte forma: A portaria que estipulou o preço de 62 cruzeiros não tem sido observada. Existe,

**Esta soma MULTIPLICARÁ
seus Lucros!**

| | |
|--------------------------------|--------------|
| CÁLCIO | 11,9% |
| PROTEINAS | 14,5% |
| GORDURA | 12,2% |
| + EXTRATOS não AZOTADOS | 39,7% |
| FIBRAS | 12,5% |
| UMIDADE | 9,2% |

= RESÍDUOS DE CACAU "ORQUIMA"



— O ALIMENTO PREFERIDO PARA MISTURA NAS RAÇÕES DE BOVINOS — EQUINOS — ASININOS — SUINOS — AVES — ETC.

Magnífico para engorda e fortalecimento dos animais



Preço — Cr\$ 600,00 por tonelada ensacada e posta vagão em São Paulo.

Frete — Mínimo — igual ao do capim e ao da alfafa (tabela 4).

Sacos — Cada saco devolvido em bom estado será creditado em Cr\$ 3,00 nas futuras compras.

DOSAGEM

SUINOS:

| | |
|----------------------------------|-----|
| Leitões mamando (até 3 meses) | 5% |
| Leitões na desmama (3 a 5 meses) | 8% |
| Capadetes | 10% |
| Meia ceva e selecionados | 15% |
| Capados e porcas de cria | 20% |

BOVINOS:

| | |
|--------------------------------|-----|
| Bezerros | 10% |
| Reprodutores e vacas leiteiras | 20% |
| Outros animais: | 20% |
| Animais novos: | 10% |

FAÇA UMA ENCOMENDA EXPERIMENTAL AOS FABRICANTES

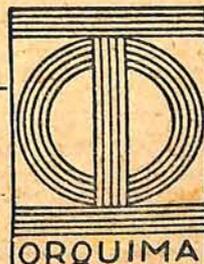
"ORQUIMA"

INDÚSTRIAS QUÍMICAS REUNIDAS S. A.

MATRIZ: SÃO PAULO — Rua Líbero Badaró, 158 — 6.º Andar

FILIAL: RIO DE JANEIRO — Rua Mexico, 168 — 5.º Andar

FILIAL: PRESIDENTE PRUDENTE (E.F.S.) — Rua Tte. Newton Prado, 863



À VENDA NA ASSOCIAÇÃO DE CRIADORES

BANCO DO BRASIL S. A.

R. Alvares Penteado, 112 - S. Paulo

Cobranças — Depósitos — Empréstimos
— Cambio — Custódia — Ordens de
Pagamento — Crédito Agrícola e Indus-
trial — Carteira de Financiamento.

Taxas das Contas de Depósito:

| | |
|--|------------|
| Populares | |
| (limite de Cr\$ 50.000,00) - 4% a.a.: | |
| Limitados | |
| (limite de Cr\$ 100.000,00) - 3% a.a.: | |
| SEM LIMITE | - 2% a.a.: |

Depósitos a Prazo Fixo

| | |
|----------------|----------|
| 12 meses | 5% a.a.: |
| 6 meses | 4% a.a.: |

Depósitos de Aviso Prévio

| | |
|---------------|-----------|
| 90 dias | 4½% a.a.: |
| 60 dias | 4% a.a.: |
| 30 dias | 3½% a.a.: |

Contas a Prazo Fixo, com pagamento mensal de juros:

| | |
|----------------|-----------|
| 6 meses | 3½% a.a.: |
| 12 meses | 4½% a.a.: |

DIREÇÃO GERAL e AGÊNCIA CENTRAL: — Rua 1.º de Março, 66 — RIO DE JANEIRO. End. Tel. "SATÉLITE".

Agências em todas as capitais dos Estados e principais praças do país. Correspondentes nas principais praças do País e do Exterior.

AGÊNCIAS LOCALIZADAS NA REDE FERROVIÁRIA DE SÃO PAULO:

Alfenas - Aquidauana - Araçatuba - Araguaçu - Araguari - Araraquara - Araxá - Assis - Avaré - Bariri - Barretos - Baurú - Bebedouro - Botucatu - Bragança Paulista - Buri Alegre - Caceres - Cafelandia - Campinas - Campos Grande - Catanduva - Chavantes - Cornélio Procopio - Corumbá - Culabá - Curitiba - Duartina - Franca - Golanía - Guaxupé - Guiratinga - Iguape - Ipameri - Itapetininga - Itapira - Ituiutaba - Ituverava - Jacarézinho - Jaú - Limeira - Lins - Londrina - Maracajú - Marília - Matão - Mirassol - Mogi das Cruzes - Monte Aprazível - Nova Granada - Novo Horizonte - Olímpia - Orlandia - Ouro Fino - Passos - Perdeneiras - Piracicaba - Pirajú - Pirajuí - Pirassununga - Ponta Grossa - Ponta Porá - Pres. Prudente - Promissão - Rib. Bonito - Rib. Preto - Rio Claro - Sto. André - Sta. C. do R. Pardo - Sto. Anastácio - Santos - S. João da B. Vista - S. José dos Campos - S. José do R. Pardo - S. José do Rio Preto - Sertãozinho - Sorocaba - Taquaritinga - Taubaté - Três Corações - Três Lagôas - Tupã - Uberaba - Uberlândia - Valparaíso - Varginha.

Campereando

além disso, a "impossibilidade de uma revisão de preços que permita a base mínima de 62 cruzeiros, conforme as conclusões do exame". Finalmente, está-se esgotando o período de escoamento regular da safra das águas. Sugere por isso a Federação, ao governo federal, a liberação, no Brasil Central, do mercado de bovinos vivos de corte. Prometem os pecuaristas que, com esta providência, voltarão à normalidade os negócios de gado gordo.

A nosso ver, adotada essa sugestão e tomadas mais algumas medidas de menor importância, contribuirá de fato o governo para dar novamente ao mercado bovino bases normais, caracterizadas por uma colaboração construtiva entre invernistas e frigoríficos. O que resta a esclarecer é, porém, a questão do abastecimento de carne nos últimos três meses do ano em curso. Continuamos insistindo na necessidade de informações seguras sobre se a atual abundância de carne não provocará uma escassez aguda a partir do mês de outubro.

("O Estado de S. Paulo")

Zebú no México

A segunda leva de gado zebú brasileiro a ser recebida no México está de quarentena na ilha dos Sacrificios, perto de Vera Cruz.

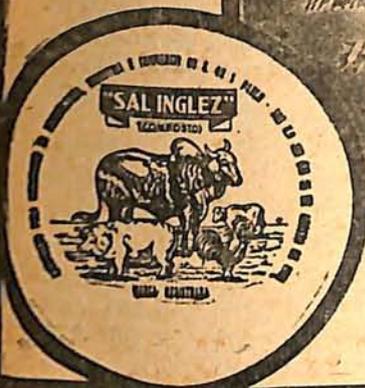
O gado só será transferido para o continente depois de observação, que durará mesmo quarenta dias. São 362 cabeças e os veterinários do governo devem declarar que não são portadores de doenças externas e internas, antes da entrega.

A primeira leva de gado zebú brasileiro foi recebida no México em outubro passado, quando uma associação de pecuária brasileira enviou 120 cabeças.

De conformidade com tratados entre os Estados Unidos e o México, a quarentena e o exame dos animais devem ser rigorosamente observados antes da entrada do gado de países onde há doenças que o afetam. Uma epidemia no México poria em perigo o comércio de gado entre os dois países. O México exporta cerca de 500.000 cabeças para os Estados Unidos, anualmente, no valor de vários milhões de dólares.

"Quase todos os zebús adquiridos no Brasil são reprodutores. Os criadores mexicanos se empenharam na aquisição de reprodutores e

Feche
a
porteira
às
doenças!
USANDO



SAL INGLEZ

(COMPOSTO)

PINTO BUENO & CIA.
RUA AURORA, 39
SÃO PAULO

**UNICOS
FABRICANTES
DO**



“E’ APLICADO COM GRANDE PROVEITO PARA A ENGORDA DOS ANIMAIS EM GERAL, E INDICADO COMO TÔNICO RECONSTITUINTE PARA ANIMAIS CONVALESCENTES. AUMENTA A GORDURA EM POUCO TEMPO. DÁ ENERGIA E VIVACIDADE AOS ANIMAIS”.

Nas vacas leiteiras aumenta o leite e facilita a assimilação dos alimentos.

DESPEZA MENSAL DE Cr\$ 0,30, COM A SALITRAÇÃO POR ANIMAL — LUCRO DE Cr\$ 20,00 a Cr\$ 30,00 POR CABEÇA.

DISTRIBUIDORES:

Minas Gerais - Belo Horizonte: - Secretaria da Agricultura do Estado de Minas Gerais.
Rio de Janeiro e Norte do Brasil: - Hasenclever & Cia. (Em liquidação) — Campo de São Cristovam, 110 - Caixa Postal, 640.
São Paulo: - Almolda Silva & Cia. — Rua Brigadeiro Tobias, 502.
João Jorge Figueiredo S/A. — Rua Miguel Couto, 8.
Drogasil Ltda. — Rua José Bonifácio, 166.
Elekeiroz S/A — Rua São Bento, 63.

Campereando

os do Brasil se adaptam ao clima quente, em quase todas as partes deste país.

O zebú faz bom cruzamento com o gado nativo mexicano. Os bezerros retêm as qualidades de adaptação ao calor e resistência aos insetos, como os zebús de puro sangue.

O antigo presidente Lázaro Cardenas comprou parte da primeira leva. Não se sabe ainda quem adquirirá os componentes da segunda, mas vários criadores mexicanos já demonstraram o seu interesse em comprá-los.

O preço do zebú é de aproximadamente mil e quatrocentos dólares (28.000 cruzeiros), inclusive o custo da quarentena.

(“Diário de Notícias”)



Nenhum criador joga fóra propositadamente o leite que produz em sua fazenda — porque leite é dinheiro proveniente de trabalho contínuo e penoso.

Já pensou, entretanto, em quantos latões de leite o senhor desperdiça simplesmente porque deixa de os produzir?

Lembre-se de que para produzirem com eficiência e economia as vacas leiteiras exigem uma *alimentação racional* — farta, rica e bem equilibrada.

As “**RAÇÕES CONCENTRADAS BRASIL**” são cuidadosamente calculadas para a obtenção do máximo rendimento dos seus animais, conservando-os fortes e sadios.

Experimente-a hoje mesmo e nunca mais deixará de usa-la.

(Resp. Brenno M. de Andrade, eng.-agro.)

Produto da Refinadora de Oleos Brasil S/A
Rua Xavier de Toledo, 114 - Caixa Postal, 1117
São Paulo



O rendimento dos bovinos brasileiros Tem sido muito discutida a questão do rendimento-carne de nosso gado bovino de corte. O fenômeno da introdução do sangue indiano nos rebanhos de corte da região central avivou o assunto, pois parece não restar dúvida de que ele contribuiu para a melhoria da produção de carne das boiadas, onde se fez notar. Todavia, estamos ainda longe de qualquer alvo desejável, pois a não ser o Rio Grande do Sul, com seu gado de tradição européia, bem aclimatado em certas zonas, e o Brasil Central (Triângulo, partes de Goiás, Mato Grosso e São Paulo) os rendimentos apresentados nas outras regiões são precários. Mas mesmo nas zonas de melhores rebanhos, os índices estão muito aquém dos argentinos, por exemplo.

No período 1940-44, segundo dados divulgados pelo Serviço de Estatística da Produção, do Ministério da Agricultura, o movimento de abate de bovinos e de produção de carne desses animais foi o seguinte:

| Anos | Cabeças abatidas |
|------|------------------|
| 1940 | 4.595.891 |
| 1941 | 4.751.105 |
| 1942 | 4.973.730 |
| 1943 | 4.591.846 |
| 1944 | 4.035.813 |

| Anos | Carne produzida (kg.) |
|------|-----------------------|
| 1940 | 766.002.880 |
| 1941 | 781.635.207 |
| 1942 | 803.056.507 |
| 1943 | 682.942.721 |
| 1944 | 625.733.450 |

Verificou-se a ascensão do abate, até 1942, com acentuado decréscimo a partir de 1943, a ponto de 1944 ser o ano mais fraco do quinquênio. Quanto à produção de peças verde, frigorificada, descarne, se refere às várias esdratada, salgada, enlatada e xarque. Foi o seguinte o índice de produção por res abatida, no aludido período desprezados os quebrados superiores:

| Anos | Produção de carne por unidade (kgv.) |
|------|--------------------------------------|
| 1940 | 166 |
| 1941 | 164 |
| 1942 | 161 |
| 1943 | 148 |
| 1944 | 163 |

Veja quanto pode comprar com Cr.\$ 40,00

- ⊗ Como criar seus animais para obter maior rendimento ?
- ⊗ Como alimentá-los de forma racional e econômica ?
- ⊗ Quais as doenças mais comuns e os meios faceis de combatê-las ?
- ⊗ Quais os cuidados simples e práticos para evitá-las ?
- ⊗ Quais as raças e tipos que mais lhe convem criar ?
- ⊗ Qual a situação atual do mercado, as ofertas e os preços ?

ESTAS e outras informações para quem vive de criação e comércio do gado são encontradas na "Revista dos Criadores". E devem ser lidas pelo senhor, porque são assuntos seus; orientam seus negócios; tornam sua vida mais facil e mais próspera.

Cada número da "Revista dos Criadores", pela sua utilidade prática, vale uma pequena fortuna. Essa fortuna será entregue em suas mãos, todos os meses, durante um ano, mediante pequeno desembolso de apenas Cr\$ 40,00, anuais.

Assine, ainda hoje, a

"Revista dos Criadores"

Orgão oficial da Associação Paulista de Criadores de Bovinos

RUA SENADOR FEIJO, 30 — S. PAULO

(Destaque esta parte)

A. Redação da "REVISTA DOS CRIADORES",
Rua Senador Feijó, 30 - S. Paulo.

Junto remeto a importância de Cr\$ 40,00 para assinatura anual da "Revista dos Criadores", a começar desta data.

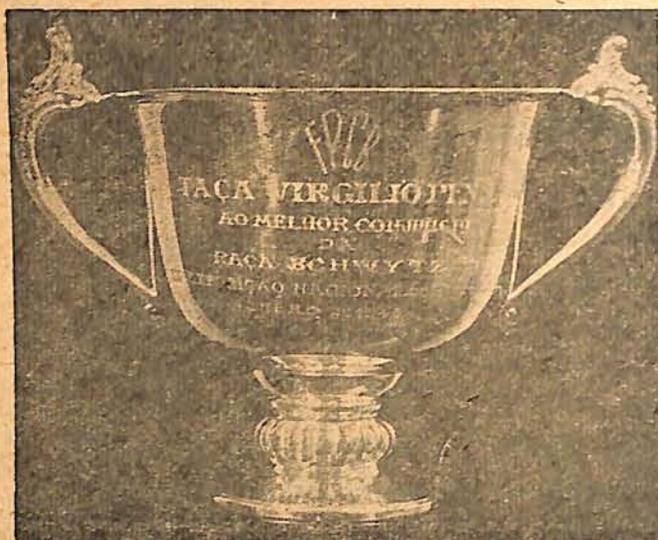
.....de.....de 19.....

Nome.....

Endereço.....

IMPORTANTE: — Envie-nos hoje mesmo para receber o próximo número que apresentará artigos de grande interesse.

Para sua segurança, faça a remessa em carta com Valor Declarado Vale Postal, ou Cheque.



Taças e Troféus

FORNECEDORES DA ASSOCIAÇÃO
DE CRIADORES, SOCIEDADE RU-
RAL BRASILEIRA E DEPARTA-
MENTO DA PRODUÇÃO ANIMAL.

ATELIER DE GRAVURAS

TRABALHOS DE ARTE

CASA PANELLI

Ouriveis Cinzeladores

RUA SEMINÁRIO, 45 - TEL.: 4-5262

SÃO PAULO

Campereando

Nota-se, assim um declínio na produção de carne por unidade, que chega ao auge em 1943 e procura ser recuperado em 1944. Na verdade, não se podem considerar esses índices como absolutos, porque não significam rendimento de carne limpa, pois incluem o xarque, a carne enlatada e a desidratada, cujo processo de preparo reduz apreciavelmente o peso primitivo da mercadoria. Há ainda a considerar que, no total dos bovinos e viteses com peso menor, além de gado inferior de máu rendimento.

De qualquer fôrma, porém, o declínio da produção de carne por animal é surpreendente. Sobretudo, porque ele se registra com mais acento em 1943 e 44, anos em que decaiu a produção de carne em conserva e xarque (a de carne desidratada ainda é insignificante) e em que o abate de vacas apresentou declínio.

Observe-se como em 1943, justamente quando houve grandes matanças antecipadas, com o sacrifício de gado imaturo, principalmente nas zonas mais altamente industrializadas, o índice de rendimento baixou. E em 1944, quando ainda se verificam as matanças prematuras, embora haja uma recuperação, o nível de produção de carne por unidade se conserva bem inferior ao do triênio 1940-42. Aguardemos os dados de 1945, que devem ser melhores, para verificar até onde chegou a ação de recobro.

O fenômeno deve merecer a atenção dos técnicos, das autoridades, das associações de classe. Há técnicos que afirmam que há muitos anos, mesmo antes das recentes crises de carne, vimos abatendo gado de reserva. Por outro lado, os índices de rendimento das últimas exposições não têm sido animadores. Para governo de nossa política de carnes, devemos verificar se tem havido, erro de aproveitamento do rebanho disponível, ou se a melhoria do gado bovino para o corte não se tem processado como se supunha.

("Folha da Manhã")



... A A.P.C.B. lhe oferece um escritório no Centro, para Você marcar encontros, receber suas cartas e amigos, tratar de negócios com facilidade e conforto, e onde Você poderá ler uma coleção sempre nova de revistas, e livros que dizem respeito à criação e comércio do gado, saboreando um gostoso cafézinho.



Evite preocupações

no estudo de planos para suas
Construções Rurais

NOSSA EXPERIÊNCIA DE 19 ANOS, INDICA O QUE DE MAIS PRÁTICO, CÔMODO E ECONÔMICO ADOTAR

PLANTAS PARA CONSTRUÇÕES RURAIS

PLANTAS

| | Cr\$ |
|---|-------|
| Cocho Coberto para dar sal ao gado | 10,00 |
| Tronco para ordenha | 10,00 |
| Banheiro para Suínos | 10,00 |
| Estábulo para 60 vacas | 20,00 |
| Estábulo Econômico | 20,00 |
| Estábulo para 26 vacas | 20,00 |
| Estábulo MODELO | 20,00 |
| Estábulo para 48 vacas | 20,00 |
| Plataforma para banho carrapaticida com bomba de aspersão | 10,00 |
| Aprisco para 70 carneiros | 10,00 |
| Projéto de uma grande estrumeira | 10,00 |
| Projéto de uma pequena estrumeira | 10,00 |
| Tipo de pequena pocilga | 10,00 |
| Cavalaria mixta | 20,00 |
| Tronco para apartação de gado | 10,00 |
| Paioi | 10,00 |
| Tronco para cobertura | 10,00 |
| Fábrica de Manteiga | 20,00 |
| Silo Subterraneo | 10,00 |
| Silo de 130 toneladas | 20,00 |
| Silo Aéreo | 20,00 |
| Silo de Encosta | 20,00 |
| Projéto de um Silo Econômico | 20,00 |
| Projéto de um Rolo de Faca | 10,00 |
| Galpão esterqueira | 20,00 |
| Cocheira | 30,00 |
| Banheiro Carrapaticida | 20,00 |
| Tipo de maternidade dupla para 24 suínos | 20,00 |

PLANTAS

| | Cr\$ |
|---|-------|
| Curral | 20,00 |
| Currais com apartação e tronco para ordenha | 20,00 |
| Abrigo Mixto | 10,00 |

RESFRIAMENTO DE LEITE, ENGARRAFAMENTO E CONSERVAÇÃO ATÉ O MOMENTO DA ENTREGA

Estes projéto contém: planta, córtes, fachadas, esquemas e dados de toda espécie para a construção completa; além de um memorial descritivo do maquinário necessário com todas especificações técnicas e orientadoras para a instalação.

PROJÉTOS COMPLETOS (planta e memorial)

| | Cr\$ |
|--|--------|
| Fábrica de Manteiga - Cap. 100 lts. | 100,00 |
| Fábrica de Manteiga - Cap. 300 lts. | 100,00 |
| Fábrica de Manteiga - Cap. 500 lts. | 100,00 |
| Posto de Resfriamento de latões por circulação - Capacidade 200 litros | 100,00 |
| Posto de Resfriamento - Cap. 200 lts. | 100,00 |
| Posto de Resfriamento - Cap. 500 lts. | 100,00 |
| Posto de Resfriamento e Engarrafa-mento - Capac. 200 litros diários | 100,00 |
| Posto de Resfriamento e Engarrafa-mento - Capac. 500 litros diários | 100,00 |

Os associados gozam o desconto de 20% sobre os preços desta lista



PEDIDOS A

Associação Paulista de Criadores de Bovinos

(EX-FEDERAÇÃO DE CRIADORES)

RUA SENADOR FEIJO, 30 — S/LOJA — FONES: 2-3882 e 2-6429 — S. PAULO

Campereando

O fim do zebú no México

Um criador mexicano disse que estão sendo feitos preparativos para matar e queimar, no México, 327 cabeças de gado "Brama".

O sr. Roberto Schneider, numa chamada telefônica da cidade do México para o sr. C. C. Cline, da "El Paso Union Stockyards", disse que os animais importados, que fizeram com que os Estados Unidos fechassem suas fronteiras ao gado mexicano, serão destruídos na ilha dos Sacrificios, no porto de Vera Cruz, onde estavam de quarentena desde que chegaram do Brasil.

Sobre o assunto, escreve o seguinte um matutino:

Sociedade Agro-Pastoril de Pernambuco Ltda.

Diretor: JOSE' PESSOA DE QUEIROZ

Vendemos garrotes "zebús" para reprodução das seguintes raças:

GYR

INDÚ-BRASIL

GUZERATH

procedentes de nossas Fazendas de Criação, situadas na "Usina Santa Teresinha" em Pernambuco e Alagoas, e na "Usina do Outeiro" em Campos, Estado do Rio.

Os interessados podem dirigir-se à nossa sede ou aos nossos representantes, nos endereços seguintes:

RECIFE (Séde) — Rua do Brum, 61 — 1.º andar — End. teleg.: QUEIROZ.

SÃO PAULO — Ferraz & Barros — Rua de São Bento, 290.

RIO DE JANEIRO — Cia. Usina do Outeiro — Rua da Alfandega, 41 — 5.º andar — salas 507-9.

MANAUS — Ferreira da Silva & Cia. — Rua Marechal Deodoro, 236.

BELÉM — A. Peres & Cia. Ltda. — Rua de Santo Antônio, 117.

SÃO LUÍS — Silva Linhares & Cia. Ltda. — Rua Portugal, 285.

PARNAÍBA — Ranulpho Tôres Raposo — Av. Pres. Getúlio Vargas, 260.

FORTALEZA — Agências Alvaro de Castro Correia S/A. — Rua Major Facundo, 125-131.

CURITIBA — João Franco Filho — Rua 15 de Novembro, 608.

PORTO ALEGRE — J. Pereira da Silva — Praça Rui Barbosa, 39 — 1.º andar.

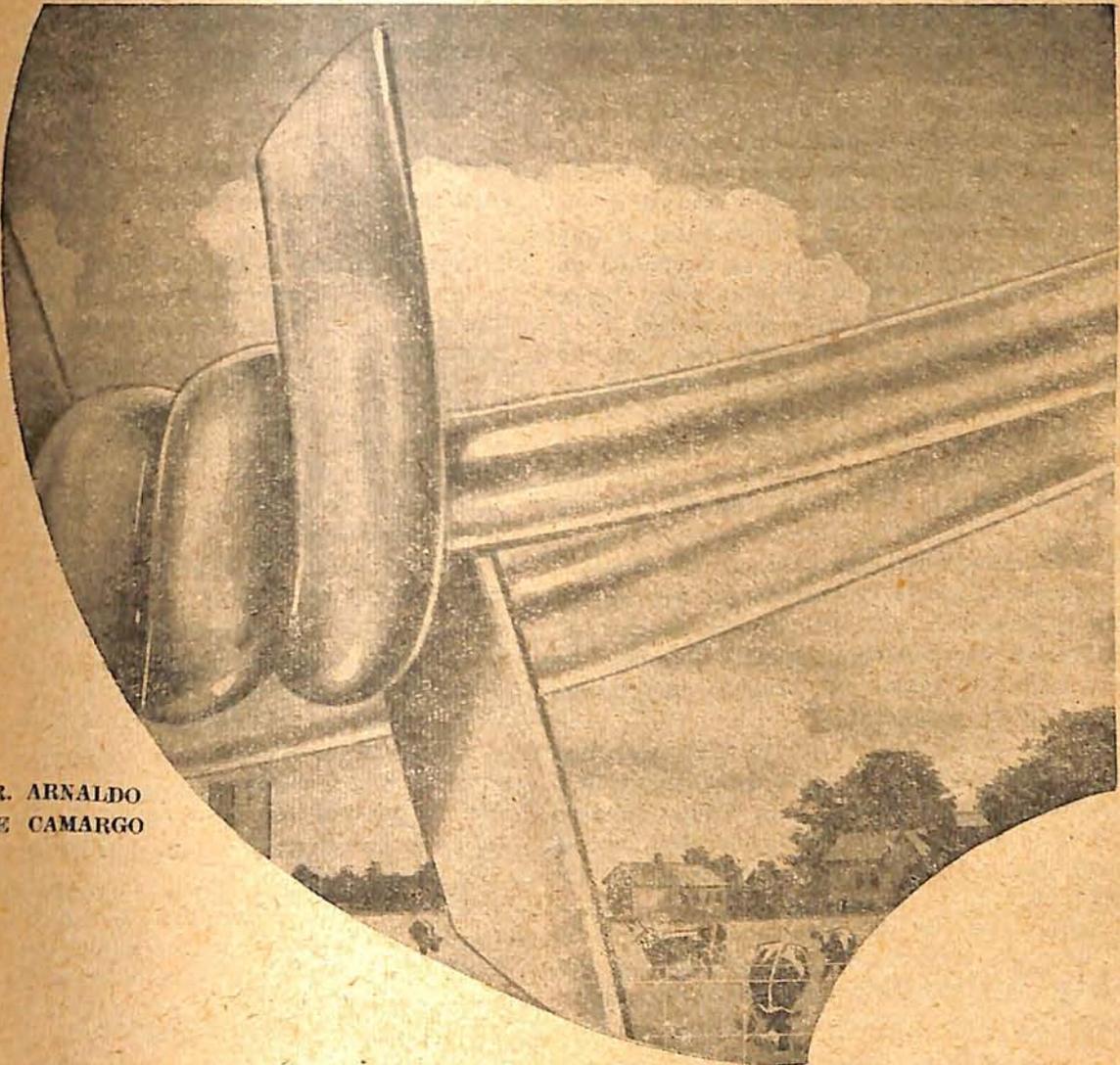
Mantemos exposição permanente de animais em Recife à Avenida Caxangá, 3942, e enviamos fotografias aos interessados.

"Os zebús que vão ser sacrificados são reprodutores da mais fina qualidade, exportados pelos criadores do Brasil Central. O gado teve sua entrada proibida no território mexicano por autoridades americanas — por força de acôrdo existente entre os dois países, sob pretexto de evitar a introdução de epizootias nos rebanhos daqueles países.

"Faz-se mister notar, entretanto, como já assinalou o deputado Domingos Velasco, na tribuna da Assembléa Constituinte, que esse gado exportado foi previamente submetido a rigoroso exame por competentes veterinários brasileiros, e, chegado ao México, por veterinários mexicanos, que constataram o perfeito estado dos mesmos.

"O sacrifício dos reprodutores zebús parece ser a confirmação da denúncia feita, na Constituinte, por aquele representante golano, a que nos referimos: são capitalistas americanos que querem impedir a exportação do nosso gado fino, por temerem a nossa concorrência no mercado".

(“Folha da Manhã”)



DR. ARNALDO
DE CAMARGO

ARAME FARPADO

As restrições à importação em consequência da situação criada pela guerra, continuam afetando seriamente nossas atividades agropecuárias, opondo obstáculos ao seu desenvolvimento e intensificação e perturbando até o seu próprio prosseguimento normal.

Bem fastidioso, por demasiado longo, enumerar todas as utilidades que presentemente escasseiam no mercado e que tão diretamente interessam as atividades agro-pastoris.

Citaremos apenas uma delas, que figura entre as mais importantes e cuja escassez no momento, quasi que absoluta, constitui um dos problemas mais graves para os criadores. Referimo-nos ao arame farpado para cercas. O desenvolvimento da pecuária leiteira e

de corte no Estado de S. Paulo tem sido verdadeiramente notavel, constituindo hoje empreendimento que concorre relevantemente para a consolidação do nosso arcabouço econômico.

Hoje, mais do que nunca, o ritmo dessa expansão não pôde ser paralizado ou sequer diminuído em face da grave emergência porque passa o Brasil, porquanto, como não se ignora, a indústria pastoril constitui um dos setores vitais da chamada frente interna de um país de vastidão territorial como o nosso.

Uma rápida, mas exata visão das proporções que já alcançou neste Estado a produção do leite e da carne, nos dá esta expressiva informação: somente para o abastecimento

diário da Capital estão chegando cerca de 230 mil litros de leite em espécie e mais de 200 mil são convertidos em queijo, manteiga e outros derivados.

Quasi meio milhão de litros de leite consume, pois, só a cidade de S. Paulo.

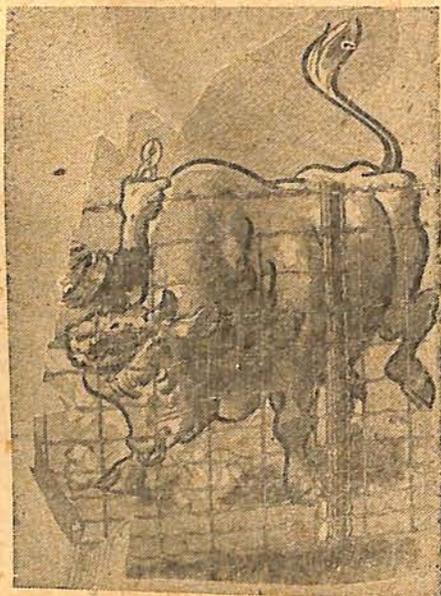
Como é do conhecimento geral, a grande maioria dos nossos rebanhos é mantida em regime semi-extensivo de exploração, o que vale dizer, em regime quasi que exclusivo de pasto o que nos leva a estimar em 3 litros diários a média de lactação por cabeça.

Inferese daí que é de cerca de 150.000 reses o rebanho em lactação abastecedor da Capital. Torna-se evidente que um rebanho com tal capacidade de produção, necessita de um reforço, no mínimo em dobro, para que seja mantida aquela média diária "per capita".

Calculando-se em $2\frac{1}{2}$ cabeças por alqueire a capacidade média de sustentação dos nossos pastos para gado de criar, conclue-se que necessitamos de mais de 100 mil alqueires de pasto sómente para a manutenção do rebanho que abastece a Capital.

Para a pecuária de córte maiores ainda são as necessidades de áreas cercadas, se lembrarmos que em 1942, S. Paulo abateu 1.200.000 reses, tarefa esta que exigiu o concurso de mais de 400.000 alqueires de pastos cercados.

Apresentado assim ligeiramente o quadro do desenvolvimento da nossa pecuária, acreditamos ter evidenciado a importância que re-



presenta o arame farpado e a inadiável necessidade de ser facilitada a sua importação, cuja falta já vem comprometendo seriamente um dos principais baluartes econômicos do Estado.

PREVISÃO DA QUANTIDADE DE ARAME FARPADO PARA CERCAR ÁREAS IDEAIS

Presentemente a distribuição de arame farpado, ainda coordenada, está sujeita a guias liberatórias fornecidas pelo Departamento da Produção Animal.

Geralmente os pedidos para liberação de arame aos nossos associados são encaminhados por nosso intermédio o que nos leva a fornecer dados para a avaliação aproximada da quantidade de arame necessária para cercar áreas determinadas.

De um modo geral, a contenção dos grandes animais domésticos nas nossas propriedades pastoris pequenas, médias e grandes, é feita em piquetes e internadas. As áreas comuns para piquetes variam de 1 a 10 alqueires e as de internadas de 20 a 100 alqueires.

Áreas maiores trazem o inconveniente de dificultar a fiscalização do rebanho e a obtenção de melhor aproveitamento do pastoreio, ou seja do próprio rendimento do pasto.

No nosso meio pastoril por circunstâncias várias o uso do arame farpado é mais generalizado, razão pela qual os nossos cálculos se basearão em rolos de arame de comprimento médio de 366 metros, n.º 13½ e pesando aproximadamente 32 quilos.

Assim para 1.000 metros de cerca de 3 fios, a mais usada hoje em dia pela escassez de material, necessita-se de $1.000 \times 3 = 3.000$ metros de arame ou sejam $\frac{3.000}{366} = 8,5$ rolos.

Para 1.000 metros de cerca de 3 fios necessita-se de 12 quilos de grampos, ou seja 1½ quilo aproximadamente por rolo de arame.

Admitindo-se perímetros geométricamente ideais, com percurso mínimo para fechar áreas máximas, indicamos, a seguir, a quantidade necessária de arame e grampos para os seguintes casos ideais:

- a) piquete de 1 alqueire (24.200 mts.).
 Perímetro: $220 \text{ mts.} \times 2 + 110 \text{ mts.} \times 2 = 660 \text{ mts.}$
 Cerca: 660 mts. a 3 fios = 1.980 mts. de arame.

Rolos de Arame (366 mts.):

$$\frac{1980}{366} = 5,5 \text{ rolos.}$$

Grampos: $1\frac{1}{2}$ quilo por rolo = 8,5 quilos.

b) piquete de 10 alqueires.

$$\text{Perímetro: } 550 \text{ mts.} \times 2 + 440 \text{ mts.} \times 2 = 1.980 \text{ mts.}$$

Cêrca: 1.980 mts. x 3 fios = 5.940 mts. de arame.

$$5.940$$

Rolos de arame: $\frac{5.940}{366} = 16,5$ rolos.

$$366$$

Grampos: 25 quilos.

c) Invernada de 50 alqueires.

$$\text{Perímetro: } 1.100 \text{ mts.} \times 2 + 1.100 \text{ mts.} \times 2 = 4.400 \text{ mts.}$$

Cêrca: 4.400 x 3 fios = 13.200 mts. de arame.

$$13.200$$

Rolos de Arame: $\frac{13.200}{366} = 36$ rolos.

$$366$$

Grampos: 54 quilos.

d) Invernada de 100 alqueires.

$$\text{Perímetro: } 2.750 \text{ mts.} \times 2 + 880 \text{ mts.} \times 2 = 7.260 \text{ mts.}$$

Cêrca: 7.260 x 3 fios = 21.780 mts. de arame.

$$21.780$$

Rolos de arame: $\frac{21.780}{366} = 60$ rolos.

$$366$$

Grampos: 90 quilos.

CONSTRUÇÃO DE CÊRCAS

A construção de cêrcas em nosso meio pastoril geralmente é feita por empreitada e computada por braça linear.

Há casos em que o corte dos mourões e dos esticadores ou palanques está incluído na empreitada e outros nos quais o empreiteiro recebe mourões e esticadores no local.

Varia muito o preço do corte dos mourões, dependendo da variedade da madeira e quantidade e da necessidade ou não de rachá-la.

Dado ao caráter prático dessa descrição sobre a avaliação do custo de mão de obra, fica ressaltado o custo regional do mesmo e assim iremos exemplificar com uma avaliação de preço de empreitada feita para a construção recente de uma cêrca em nossa proprie-

dade. O primeiro serviço a ser feito, escolhida a direção eventual da cêrca, é a abertura da picada para a cêrca determinado o alinhamento definitivo da cêrca. A picada deverá ter a largura de 4 mts. por todo o comprimento da futura cêrca. Vamos admitir, para facilidade do cálculo, 1.000 mts. lineares de comprimento, o que dará uma área de 4.000 mts. quadrados a ser roçada para a abertura da picada. A avaliação do preço desse serviço terá o seu apóio no preço que se paga para roçar um pasto com roçada bem baixa, sujo e praguejado. Pronta a picada, inicia-se o alinhamento e marcação dos locais dos postes e dos esticadores.

Os espaçamentos dos postes deverão ter 2,5 mts. e os dos esticadores 25 mts.

Inicia-se então a abertura dos buracos cujas profundidades deverão ser de 50 cms. para os postes e 70 cms. para os esticadores. Para maior facilidade da estiragem do arame, convem colocar em seus lugares, primeiramente os esticadores que após a retificação do alinhamento e da socagem da terra receberão o arame para estiragem e respectiva pregação.

Para a duração da estiragem é conveniente embora trabalhosa, dar uma volta com o arame ao redor do esticador, evitando-se assim, no futuro, que o eventual rompimento do arame provoque o bambeamento do arame em estensão maior que a compreendida entre dois esticadores. Estirado e pregado o arame nos esticadores colocam-se, os postes ou mourões procedendo-se então à pregação do arame e socagem da terra. Em cêrcas divisoras de invernadas contíguas, ha conveniência em se colocar mourões de um lado e outro do arame aumentando assim a resistência de vedação da cêrca.

Os fios de arame em cêrcas de 3 fios devem ser pregados equidistantemente de 0,40 cms. a partir do sólo.

Em terrenos não muito irregulares isento de pedras, lajes e picarras admite-se que cinco camaradas e um feitor poderão assentar 200 mts. de cêrca por dia fazendo as seguintes operações:

a) — alinhamento da cêrca em picadas já abertas e marcação dos buracos para os mourões e esticadores;

b) — abertura dos buracos, colocação dos mourões e esticadores, inclusive socagem, e

c) — distribuição, estiragem e pregação do arame.



(Continuação da 1.ª pagina)

dade há anos. Porque, quem vem de fóra, isto é de outro ramo de atividade, nada fará sem a experiência dos que conhecem o assunto, a menos que faça um estágio forçado nunca inferior a meses senão anos.

O problema da produção de leite para o abastecimento de cidades com uma população como a nossa é algo de complexo que não admite inovações apressadas nem improvisações.

Estamos saindo da época em que achavamos que o Estado devia interferir em tudo. A economia dirigida já nos deixou fundas feridas e cicatrizes. Em São Paulo, felizmente não tivemos a interferência total no serviço de abastecimento de leite, como se deu em outras cidades do Brasil, embora houvesse interferência decisiva do Estado tabelando APENAS o preço de venda do produto.

A era dos intermediários ainda continua e infelizmente perdurará por muitos anos. Ela só desaparecerá, em laticínios, no dia em que a nossa instrução média for razoável e então pudermos compreender e praticar o cooperativismo. Entretanto, até lá ainda temos muito tempo.

Um esclarecimento devemos prestar neste comentário, como obrigação de técnico que não é nem produtor nem intermediário. Precisamos não confundir usineiros com usinas. Aqueles, tal como tem acontecido nos paizes grandes produtores de laticínios, como Dinamarca, Holanda, Nova Zelandia e outros, tendem a reduzir a sua interferência nos negócios, sem contudo desaparecerem; devem perder muito do terreno que hoje ocupam, em favor do cooperativismo.

Mas usinas, estas precisamos ter sempre, e cada vez melhores e em maior número. Seja de produtores, de usineiros, do Governo ou de quem fôr, precisaremos ter sempre um lugar onde trabalhar, onde reunir o leite produzido

Diretamente da fonte de produção ao consumidor. É uma coisa muito interessante que aconteceria a S. Paulo, uma cidade com quasi 2.000.000 de habitantes, se as usinas de beneficiamento deixassem de funcionar.

em uma determinada extensão territorial. Alé terá que ser tratado, porque sem isso não se conservará em condições visinhas daquelas em que foi produzido até chegar ao consumidor. Precisarã ser refrigerado se tiver que ser entregue horas depois de produzido. O vasilhame em que fôr contido terá que ser lavado e esterilizado diariamente, sem o que o seu estado, no fim de um certo tempo não será nada interessante e só trará prejuizos. Ora para resfriar é preciso máquinas de frio; para lavar e esterilizar é preciso calor, pois com esse elemento o trabalho é mais facil e econômico, e portanto precisamos de caldeiras. É preciso enfim ter onde reunir esse aparelhamento, os veículos de transporte, onde repará-los e esse conjunto todo é a usina de que não podemos prescindir. Para a produção em larga escala alguém tem que se incumbir de beneficiamento, outros do transporte e outros ainda da distribuição. Isso a prática vem ensinando há muitos anos. Já não vamos falar dos inconvenientes nem dos perigos que um serviço de abastecimento de leite crú pôde oferecer, e que é desejado por muitos. Sem usinas, como querem alguns, para abastecermos a cidade de São Paulo, que consumiria mais de 250.000 litros de leite diariamente, se os tivesse, precisaríamos ter passeando todas as manhãs pelas ruas da cidade ou alojadas nas imediações da cidade nunca menos de 25.000 vacas, se é que somos capazes de reunir um tal rebanho com semelhante produção! Ou então, cerca de 5.000 produtores teriam que despachar diariamente os seus lãtes com leite para os seus intermediários, em número talvez igual.

A nossa produção leiteira não cresce paralelamente à população de São Paulo. Tendemos para um deficit cada vez maior. Nestes meses de sêca, se um milagre não subsistir, estaremos em condições não muito distantes daquelas em que se encontravam os italianos depois de despojados pelos alemães e empobrecidos pela guerra.

Nosso produtor não tem interesse em produzir MAIS leite. Quando ele pega no lapis e faz as contas de quanto gastou para produzir uns tantos litros de leite num certo período, dos prejuizos que teve com as visitas da aftosa e outros males e, subtrae do que ganhou, se tiver meios e coragem suficientes, sai logo do negócio. O produtor grande subsiste, quando organizado, mas o médio e o pequeno não podem viver nessa situação deficitária. E, como o grosso da produção é trazida pelo produtor médio e pequeno, do jeito em que vamos não podemos esperar que a nossa produção de leite venha a crescer satisfatoriamente.

O problema do abastecimento de leite em São Paulo, apresenta detalhes que o observador desavisado frequentemente passa por cima. Por exemplo: a diferença de produção das aguas e da sêca. Si o problema for considerado no período das aguas uns são os dados; si na sêca, outras são as questões a examinar. Este ano, de um "mar de leite" como nos dizia um usineiro, no período das aguas, estamos caminhando para um Sahara dos mais sérios.

Para levarmos um verdadeiro estímulo à produção de leite é preciso que lhe seja garantido um preço mínimo, digno de inteira confiança, com uma longa antecedência, nunca inferior a um ano. Esse preço mínimo tem que ser estabelecido dentro do mesmo critério que se adotou no estabelecimento dos preços mínimos para os cereais, no Plano de Emergência para a lavoura. Se isto não for feito acontece ou continúa a acontecer o que estamos cansados de presenciar. O nosso produtor não desconhece a forma como manter uma produção firme o ano todo. Ele com maior ou menor esforço está capacitado a produzir dentro de sua fazenda quasi tudo, senão tudo que precisa para os seus animais. Pôde e sabe como fazer para haster a sua bandeira de independência forrageira. Se não o faz é porque não confia no negócio e porque outras atividades rendem mais do que a produção de leite.

Há dias, um criador falando-nos sobre o problema do forrageamento, queixava-se das dificuldades com que está lutando para obter o farelo de algodão para os seus animais. Di-

zia-nos que no ano passado, em Junho, produzira cerca de 700 litros diários e agora, com as mesmas vacas e sem ter tido aftosa, em ano normal, a produção não vai além dos 350 litros! Perguntamos-lhe porque não se prevenira suficientemente com silagem, feno, milho desintegrado, etc., e a resposta não demorou. Sim, ele havia pensado nisso, porém, enquanto procurava e esperava pelo maquinário, material de construção, para fazer os silos, picar o milho, enfardar, etc., resolveu fazer as contas do quanto lhe iam produzir os alqueires de terra tomados pelas culturas projetadas.

Comparando essas estimativas com o que as mesmas terras iriam produzir se ao invéz de milho para silagem fosse plantado algodão, não teve dúvidas. Está à procura de farelo. O que ganhou com o algodão dá para comprar muito farelo. E, disse-nos mais, o que já é conhecido e adotado por muitos: "nas terras cultiváveis não ponho gado. Reservó para pasto só onde não é possível cultivar e isso mesmo até não resolver reflorestar. Creio que se fizer as contas é mais negócio plantar eucalipto do que tirar leite"...

Essa é a realidade, é preciso que nos convençamos. Além do preço mínimo, precisamos de paridade de preços com os produtos da lavoura, de acôrdo com o seu "Plano de Emergência", pois, do contrário teremos muito arroz, feijão, milho e outros produtos para exportar, mas não teremos leite para dar aos nossos filhos.

Para levantar nossa pecuária leiteira precisamos urgentemente de programas para serem executados durante os próximos 5 ou 10 anos. Para estabelecer esses planos precisamos ter visão de conjunto do problema: seu aspecto econômico — na fonte, no beneficiamento, transporte e distribuição, seu aspecto zootécnico — gado e forragem; seu aspecto social — formação de nossa infância, das novas gerações. No atacar esses três aspectos do problema devemos amparar desde o criador da vaca leiteira até o entregador de leite e, note-se, precisamos do industrial. Infelizmente, ainda não temos compreensão adequada do quanto o cooperativismo nos pôde valer. Não podemos prescindir em hipótese alguma das usinas, pertençam a quem pertencer.



ROLHAS METÁLICAS (CROWNCORK) S. A

FÁBRICA DE ROLHAS METÁLICAS PARA

VASILHAME DE LEITE, CERVEJAS E AGUAS MINERAIS

SÃO PAULO

RUA CACHOEIRA N.º 1827

FONE: 9-4130



ALIMENTAÇÃO DO GADO NA SÊCA

F. CARDOSO
Engenheiro Agrônomo

Dá que pensar a atual grita dos criadores, pedindo torta ao governo. A torta parece até ter-se tornado o elemento salvador da pecuária. Até poucos anos atrás, ou seja até 1940, ninguém ligava para a torta. Salvo o consumo de poucas criações estabelecidas, toda a produção era exportada para a Europa.

Interrompida a navegação, acumularam-se os estoques porque não havia consumo, pois pouca gente conhecia este alimento extraordinário. Foi então que o preço caiu para Cr\$ 60,00 por tonelada e começou-se a queimar porque produzia calor mais barato que a lenha.

O preço baixo fez a propaganda e iniciou-se o uso da torta para adubação e para o gado de corte e leiteiro.

Os resultados, magníficos, abriram os olhos dos agricultores e a procura aumentou.

Com o início da exportação, mesmo antes do fim da guerra, de par com maior interesse do consumo nacional, verificou-se uma tendência para a alta dos preços.

Foi então que a Coordenação entrou em cena para fixar o preço em Cr\$ 200,00 por tonelada, requisitar parte da produção e iniciar a distribuição aos que necessitassem.

Mas ao mesmo tempo a inflação persistiu e o que se viu foi que a torta estava quase de graça, quando comparada a outros alimentos e adubos tanto adquiridos como produzidos no local.

Com a esperança de obter torta barata, ninguém cuidou mais de prover-se de reservas de alimentos para a seca. Enveredou-se pelo caminho errado e muitos criadores, depois de deixar que animais em número excessivo raspem os pastos imploram ao governo a torta salvadora.

Até alguns invernistas, que jamais cuidaram de engordar gado fóra das águas, querem agora engordar gado na seca à custa da torta.

Persistir num sistema de pecuária em que nada se faz para a produção de alimentos e confiar-se tão sómente na torta, é o maior dos absurdos.

O governo protegeu as finanças dos criadores, mas deseducou-os e fez regredir a pecuária. E o vício de querer resolver o problema da alimentação na seca, unicamente com torta, continua cada vez mais arraigado.

Esse é o perigo de influir na economia sem encará-la como um todo.

Se eu fosse governo (peço desculpas pela sugestão) diria aos criadores:

— “Meus amigos vocês terão torta barata só durante esta seca. De outubro em diante o mercado inteiro será livre embora continue suspensa a exportação. Tratem pois de elaborar seus planos para a produção de alimentos”.

Então, como criador, faria os seguintes projetos:

- 1) — Reduzir o gado em janeiro dando

tempo a que o capim cresça para entrar na seca com os pastos bem altos;

2) — Em fevereiro, semear mucuna nas roças para ter palhadas melhores depois de quebrado o milho;

3) — Mandar fazer medas de toda a palha de arroz, no próprio lugar em que fôr batido. E' um alimento fraco, mas sai quasi de graça porque o gado vai comê-lo no local;

4) — Em cada retiro fazer um silo-trincheira, enchendo-o com milho inteiro, produzido ao lado em terra adubada com o esterco do próprio curral. Quasi não haverá transporte e os próprios retireiros depois o picarão com uma enxada;

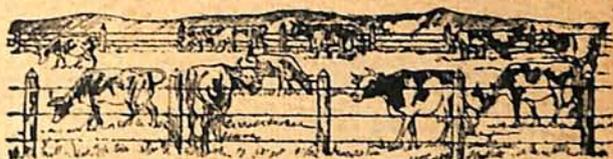
5) — Formar ainda, em cada retiro uma quarta de terra em mandioca. Os mesmos retireiros poderão arrancá-la e picá-la;

6) — Cuidar bem do canavial, mas, em vez de aumentá-lo, plantar milho para ferrar em pequenas medas quando estiver no ponto de pamonha. Picado na máquina, é bem mais rico do que a cana forrageira;

7) — Aproveitar aquela terra boa onde se planta feijão das águas, para, feita a colheita deste, semear um pouco de soja. E' facil ferrar em abril quando chove pouco. Picada a máquina, a soja poderá ajudar muito as bezerras desmamadas, que não podem passar fome na idade em que devem crescer;

8) — Tendo silagem mandioca, cana e feno de milho para as vacas de leite, será pequeno o gasto de ração concentrada. Tomar como base para esta o milho desintegrado enriquecido com torta de algodão e algum farelinho de arroz. Mesmo que a torta venha a custar um pouco mais poderei comprá-la porque gastarei muito pouco.

9) — Semear um pequeno alfafal, pois com um bom feno de alfafa e uma ração balanceada especial é possível criar bezerras com



MOURÕES serrados para CERCAS

DE EUCALIPTO, Welmanizados (imunizados) contra

PODRIDÃO, CUPIM E INSETOS

Por tratamento moderno em Auto-Clave.

INCOMBUSTIVEIS - LONGA DURAÇÃO.

PLENA SATISFAÇÃO EM TODO SENTIDO.

Deposito permanente para pronta entrega.

Peça prospelo com preços

PRESERVAÇÃO DE MADEIRAS LTDA

RUA QUINTINO BOCAIUVA, 176

2-4522

Prima

SÃO PAULO

menos leite, aumentando portanto as remessas para a usina.

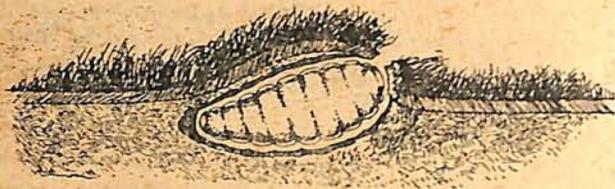
10) — Na falta de torta que contem tanto fósforo, acrescentar farinha de ossos ao sal: assim o gado receberá fósforo e cálcio o ano todo. Caso for encontrada alguma vez com "papeira" juntar um pouco de iodo ao sal.

Pensando bem acho que o governo tem razão. A torta não pôde sempre custar 200 cruzeiros a tonelada e é melhor que a gente se vá preparando para quando custar o que realmente vale.

(Da "Folha da Manhã")



O feno é um alimento indispensavel na sêca.



O BERNE — ESSE BICHINHO QUE SE PARECE COM UMA SACARROLHA — QUANDO ATACA UMA REZ PODE CAUSAR O PREJUÍZO DE 50 OU MAIS CRUZEIROS, FORA AINDA A TRABALHEIRA TODA QUE DA'.

Combate ao Berne

ELEÓ

O embernamento é uma afecção parasitária causada pela *Dermatobia cyaniventris*, conhecida vulgarmente por "mosca berneira".

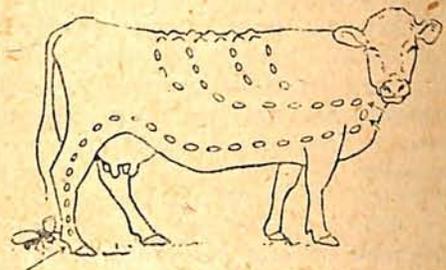
Os prejuízos causados por esse parasita são vultosos. Muito embora não existam dados estatísticos precisos sobre eles, sabe-se que só em couros danificados sobem a milhares e milhares de cruzeiros por ano.

Em muitos países têm sido feitas campanhas custosas para combater o berne, e os resultados obtidos têm demonstrado que apesar das despesas serem grandes os benefícios são maiores.

O berne nada mais é que a larva da mosca berneira. Esta tem vida relativamente curta, mas logo depois de fecundada procura por seus ovos sobre outras moscas que funcionam, assim, como portadoras de ovos.

O ciclo evolutivo durante o qual aparece o berne é resumidamente o seguinte:

A mosca berneira fecundada procura outros insetos pa-

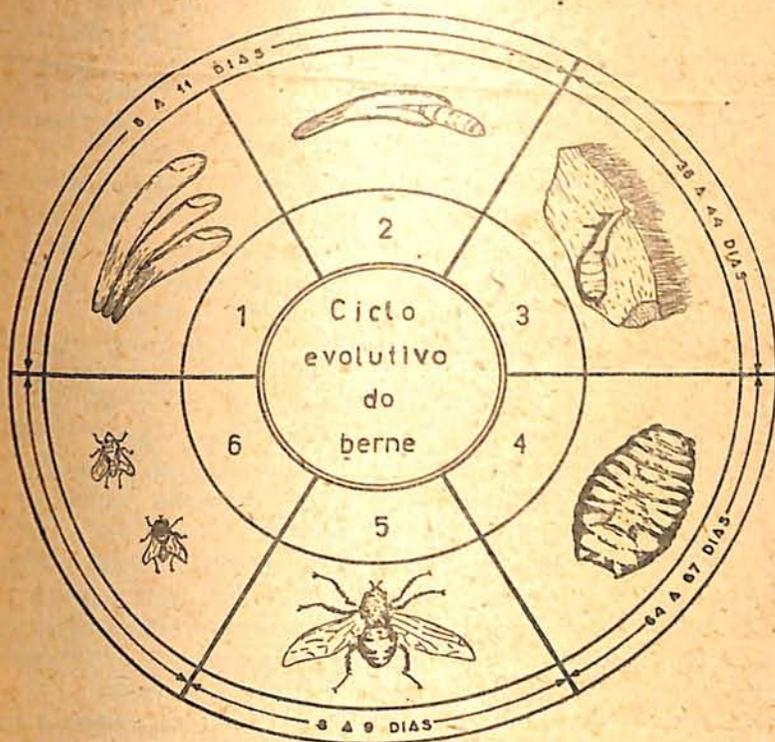


O trajeto do berne no corpo do animal é um dos fenômenos mais curiosos em biologia. O trajeto é bastante comprido e, em sua caminhada desde o ponto de entrada aos pés do animal até a região subcutânea do dorso, gasta a larva nada menos de nove meses. A linha de migração inicia-se nos pés, sobe até o peito, passando pelo ventre, retrocede seguindo as articulações vertebrais e sobe até dar com a sub-péle do lombo.

Às vezes, as larvas erram o caminho e então se alojam onde menos se espera. Assim é que alguns casos de paralisia posterior que ocorrem nestes animais, são devidos ao alojamento e desenvolvimento das larvas destes insetos na cavidade da medula espinhal.

Mesmo sem considerar o aspecto econômico da conservação do couro, os berne merecem uma intensa campanha de erradicação em vista do enorme dano que causam aos animais.

("The Jen-Sal Journal")



1 — Ovos; 2 — A larva ou berne saindo do ovo; 3 — A larva ou berne alojado sob o couro; 4 — Pupa; 5 — Mosca berneira (femca); 6 — Insetos portadores.

ra receberem seus ovos. Encontrando-os, agarra-os em pleno vôo e põe seus ovos ao lado do abdomen e sob as asas dos mesmos. O número de ovos que cada mosca é capaz de pôr chega até a 250, os quais, logo depois, já estarão em condições de soltar larvas.

As moscas portadoras, assim carregadas, pousam sobre os animais e, ao pousarem, dos ovos que carregam saem larvas que, agilmente, vão se alojar entre os pêlos daqueles.

Os ovos da mosca berneira são postos em cachos e têm a aparência de dedos humanos ou bananas, enquanto que as larvas são alongadas e providas de espinhos dispostos em séries anulares.

As larvas, saindo dos ovos, fixam-se entre os pêlos e, com auxílio de seus "espinhos", "grampeando" entre

os pêlos, penetram na pele do animal hospedeiro ou parasitado, indo alojar-se sob ela depois de atravessá-la.

Alojando-se sob a pele do hospedeiro, a larva ou berne provoca irritação dos tecidos e, depois, infecção dos mesmos. Os produtos purulentos que resultam desses processos, assim como os de excreção do próprio berne, são expelidos por um orifício que o berne deixa na pele do animal e do qual se serve para respirar enquanto se desenvolve parasitariamente. Esses orifícios são conhecidos pelo nome de "olhos".

A larva se desenvolve e quando atinge uns dois centímetros de comprimento está geralmente "madura", isto é, o berne está "maduro", e em condições de abandonar o lugar em que se desenvolve.

Para tanto o berne inicia

movimentos e se empelota com o fim de alargar o "olho" pelo qual deverá abandonar o seu hospedeiro. Nessa ocasião o berne "dá ferroadas". Durante a noite, geralmente depois de uma chuva, o berne cai ao chão onde penetra uns dois centímetros.

No solo passa por uma fase denominada pupal e da pupa que aí se forma é que mais tarde sairá a mosca berneira. Esta, sendo fecundada, repetirá o ciclo descrito.

É este, em poucas palavras, o ciclo evolutivo do berne que, como vemos, nada mais é que uma forma da evolução de uma mosca que se serve de outras para transportar seus ovos e disseminar as larvas neles contidas.

A mosca berneira prefere lugares sombrios e calmos, evitando, portanto, lugares ventilados ou expostos aos ventos. Quando sai à procura de moscas portadoras de seus ovos o faz geralmente nas horas mais quentes de dias calmos. As moscas portadoras, que são várias, não têm todas as mesmas preferencias das moscas berneiras, razão pela qual se encontra, algumas vezes, mesmo em lugares mais ou menos altos e ventilados, um ou outro animal embernado.

Embora não exista uma preferência bem definida por este ou aquele animal, há animais mais e outros menos sujeitos ao embernamento.

Os de pêlos ásperos, compridos ou arripiados são mais perseguidos que os de pêlos baixos, lisos ou bem penteados. Alguns observadores afirmam que as larvas, ao saírem dos ovos, dispoem unicamente dos seus "espinhos" para se fixar e penetrar no couro, encontram

mais facilidade quando se trata de animais cuja pelagem está naquelas condições.

Nota-se também que o embernamento é mais intenso de Novembro a Março, isto é, na época de maior calor e mais chuva. Neste caso, além de se tratar de uma época mais calma e, portanto, mais propícia às excursões das moscas poedeiras, há, para acrescentar, outros fatores: mais facilidade que o berne encontra para penetrar no chão quando cai dos animais, por estar ele mais húmido e, portanto, mais mole; maior facilidade que as larvas ou bernes encontram para se fixar sobre os animais que, nessa época, estão quasi sempre com o couro húmedo pelas aguas das chuvas ou pelo suor (os que suam); finalmente, as larvas ficam mais protegidas contra o dessecamento pelo sol devido ainda à humidade maior.

O embernamento intenso de animais que derrubam os pêlos depois do inverno tem sido atribuído à facilidade com que as larvas podem penetrar pelos orificios deixados pelos pêlos que caem.

Entre os animais de diversas cores é sabido que os mais escuros são os mais perseguidos pelo berne. Talvez as moscas, como de resto parece que os insetos em geral, sejam mais atraídas pelas cores sombrias, o que resulta num maior embernamento dos animais pretos e escuros.

Um fato muito observado e que tem dado motivo a diversas explicações é o embernamento progressivo, isto é, que o embernamento aumenta preferivelmente nos animais já atacados. Dentre as diversas explicações, as mais recentes, dadas por diversos observadores, atribuem o fa-

to à maior atração das moscas e à menor capacidade de defesa do animal. E, de fato, um animal depois de atacado pelo berne defende-se menos das moscas que o assaltam, não só porque fica entristecido e fraco, como porque, somado ao incomodo causado pelo parasita alojado sob sua pele, nada é o causado por moscas que venham pousar nas proximidades do "olho": assim, maior quantidade de larvas poderá cair nas proximidades de um berne já existente. Doutro lado, a imundicie que sai pelo "olho" não só desprende cheiro que atráe moscas como empapa o pêlo das visinhanças, o que concorre para garantir melhores condições de fixação e vida para as larvas que aí, já

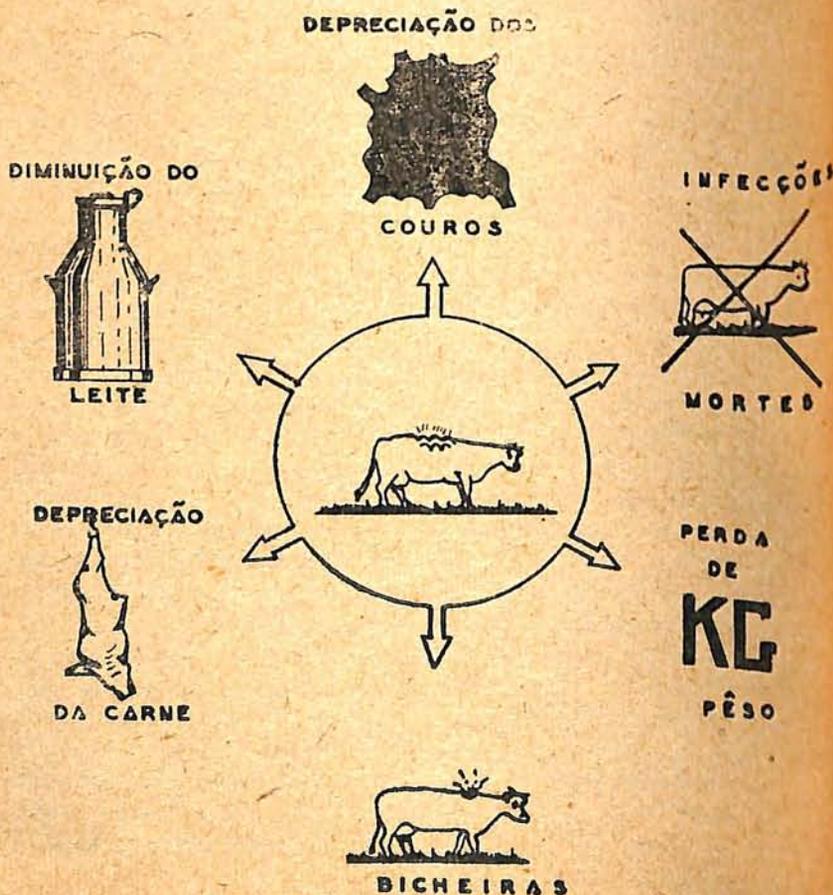
em maior quantidade, vão caindo. E assim progride o embernamento a partir de um centro, formando "placas" que são verdadeiros focos de infecções.

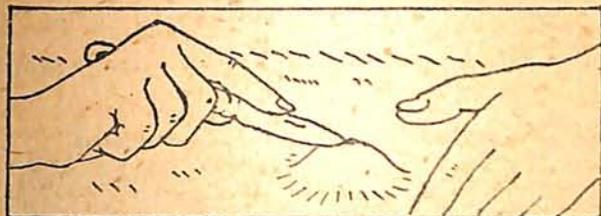
O berne ataca os bovinos, os equinos, os caprinos, os ovinos, os cães, diversos animais pequenos, etc., atacando também o homem.

No caso de atacar o homem o berne deve ser olhado como um perigo, pois se muitas vezes causa apenas os incômodos naturais que qualquer corpo extranho causaria sob a pele, muitas vezes tem sido o responsável pelo aparecimento de feridas repugnantes, pela deformação das partes atacadas e putrefatas e, mesmo, pela morte.

Atacando os animais o ber-

QUE PREJUIZOS CAUSA O BERNE!





Não esprema o berne! Faça um corte e faça o bichinho saltar. Após isso desinfete a ferida. Este trabalho tão simples está valorizando o couro do animal e evitando muitos aborrecimentos.

ne é causador de uma série de prejuízos tais como: depreciação dos couros; depreciação da carne, perda de peso, diminuição da produção leiteira, despesas com medicamentos para tratamento de bicheiras e chagas, enfraquecimento dos animais, morte em consequência de infecções purulentas.

O combate ao berne é um empreendimento dos mais louváveis e poderá ser feito em caráter curativo ou preventivo.

Curar animais atacados por berne nem sempre é empresa fácil, principalmente quando se trata de grandes rebanhos atacados. Em todo caso são

recomendáveis os seguintes procedimentos:

1 — Extração dos bernes a mão e aplicação de desinfetantes;

2 — Extração com alargamento do "olho" quando este for estreito, fazendo-se uma cisura com instrumento cortante e bem desinfetado; aplicação de desinfetantes.

3 — Aplicação de tintura de iodo pelo "olho" com auxílio de uma seringa.

4 — Aplicação de medicamentos específicos conforme as recomendações do fabricante.

O combate em caráter preventivo deve ser feito através de uma série de medidas:

manter os pastos limpos, os pousos em lugares altos e ventilados; evitar, principalmente durante o verão, os pastos baixos, em capoeiras e nas proximidades de matas; limpar as matas ou derrubá-las quando não houver outro remédio; drenar os brejos e sanear as baixadas; banhar metódicamente o gado com banhos carrapaticidas; preferir gado claro ou amarelo; usar inseticidas eficazes ou líquidos que afugentem moscas, nos estábulos e abrigos.

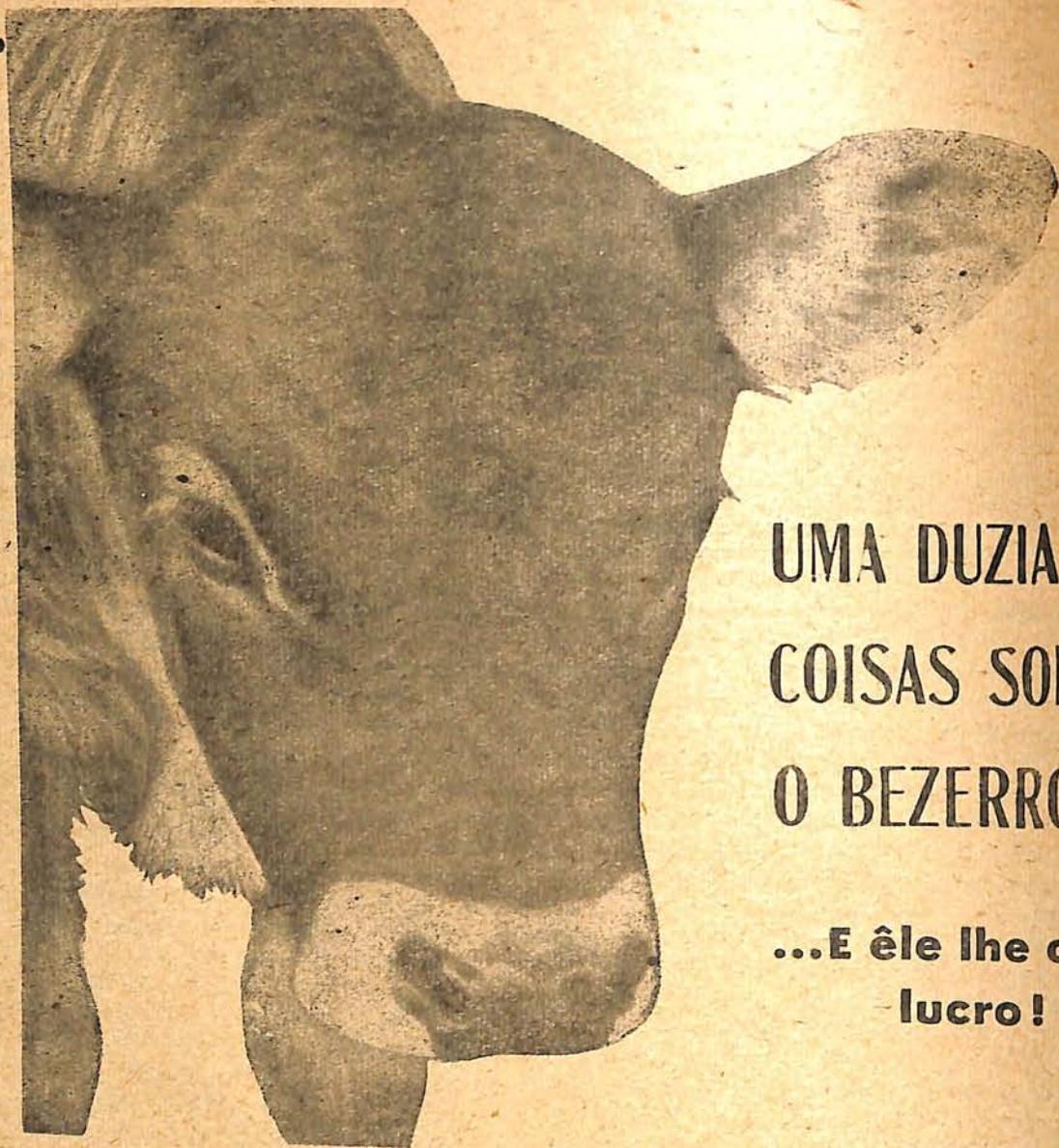
O emprego das medidas curativas e preventivas, quando feito por todos os fazendeiros vizinhos, durante tempo e cuidadosamente, poderá exterminar completamente o berne de uma região ou, pelo menos, diminuir consideravelmente o perigo de embernação.

As medidas preventivas são baseadas principalmente nos hábitos das moscas berneiras, pois com elas procura-se criar um ambiente desfavorável às mesmas. As moscas portadoras de ovos deverão ser também combatidas, para o que, além das medidas preventivas citadas, deverá ser evitado o acúmulo e manutenção de imundícies e quaisquer focos de moscas mesmo nos lugares pouco frequentados pela mosca berneira.

Soro antiofidico

PINHEIROS

medicação de urgência



UMA DUZIA DE COISAS SOBRE O BEZERRO...

**...E êle lhe dará
lucro!**

- 1.º — Ser filho de touro puro registrado.
- 2.º — Receber durante os dois últimos meses de vida intra-uterina, cálcio e fósforo, que a mim poderão chegar através da ração ou do sal que a minha mãe consumir.
- 3.º — Que ao nascer tenham o cuidado de desinfetar bem o meu umbigo, que é a porta de entrada dos maiores males que nos dizimam.
- 4.º — Ser vacinado contra o curso branco logo ao nascer, porque a esta doença devemos 40% de mortes; esta providência é portanto imprescindível.

5.º — Enquanto o meu umbigo não estiver perfeitamente cicatrizado, tenham cuidado com as varejas; elas fazem as “panelas” e estas o meu completo definhamento.

6.º — Vacinem-me contra a peste da manqueira. Aproveitem a mão na massa e façam duas vacinas — curso branco e peste de manqueira — ao mesmo tempo, uma em cada paleta; não há nisso inconveniente algum. A do carbunculo hemático poderá ser feita ao tempo da desmama.

7.º — Não preciso mais de 4 litros de leite integral por dia na minha primeira quinzena de vida. Cuidado com o seu empregado, que de preguiça de bem esgotar o ubere da mamãe, deixa-me mamar muito! A indigestão lactea é o primeiro passo para a morte, pois, atraz dela vem a diarréa e em seguida a pneumo-enterite.

8.º — Deixem-me mamar sempre o primeiro leite, pois à usina é que deve ser enviado o leite mais rico em gordura.

9.º — Do 7.º ao 8.º mês, já não preciso mais de leite; posso ser desmamado, porém, sempre bem alimentado.

10.º — O fósforo, o cálcio e o azoto bem administrados nas rações farão de mim um animal lucrativo.

11.º — Dizem que eu não preciso de água até o terceiro mês. Realmente, se fôr para eu beber água esverdeada e limosa, estagnada nos buracos dos currais, é preferível que me submetam à “lei sêca”. Mas se me derem água corrente, limpa, fresca e cristalina, verão que só bem me fará, pois do pêso do meu organismo, 70% são constituídos d’agua.

12.º — Pouca gente sabe que eu respiro e elimino pela pele. Auxíliem esta função, dando-me higiene individual e bucal. Cerquem-me dos “maiores cuidados” higienicos. Com higiene e alimentação apropriadas, crescerei forte e sadío, terei aparência agradável e satisfarei o meu dono, que não há de se arrepender das patacas que gastar comigo.



Gado bem cuidado,
gado sadío!

8.^a EXPOSIÇÃO REGIONAL AGRO

O DIA SÍMBOLO DA PRODUÇÃO! O CAMPO... — GRANDE DESFILAM RAÇAS FINAS — NAS CAMPANHAS PASTAM MILHÕES DEVER CUMPRIDO E A TRISTEZA DO DIREITO AFRONTADO. F

Começaram há oito anos estas exposições agro-pecuárias anuais, de Campo Grande! Por tradição, se abrem no último sábado de maio. E, durante três dias, exibem numa regional e patriótica prestação de contas à nação, tudo que de melhor produziu naquele ano o campo bendito do Brasil, num dos mais típicos setores de sua grandeza rural — Campo Grande!

Seria justo chamar-se a esse belo sábado final de cada ano em Campo Grande, o "Dia da Produção",: legítimo dia cívico em que a região expõe ali, com o mais justo, o mais nobre e o mais peitudo dos orgulhos, o fruto caprichado e bem brunido da sua trabalhosa vida campeira.

Acompanhando o Prefeito Dr. Joaquim Theodoro de Faria, um grupo de visitantes ilustres, que levaram a Campo Grande o estímulo de sua solidariedade com o esforço da Associação de Criadores do Sul de Mato Grosso, pela realização do seu tradicional certame.

Ainda neste último 25 de maio foi assim. Campereando cedo seu rebanho manso de novens brancas, um sol bem alazão sóbe assustando as névoas tordilhas da manhã. Nos pontos de condução, quebrando o jejum, os ônibus abocanham e levam grandes nacos de filas flexíveis. Um avião traz visitas de São Paulo. Outro, do Rio. Outros aviões param rodeio lá por cima e descem como carancho, lá longe. E gente vem chegando. O jeito é de festa. Embaideirada a cola dum matungo que um bombachudo convida, esbarra e faz virar nos pés, sem tirar os olhos das moças.



PECUÁRIA DE CAMPO GRANDE

REALMENTE NA SUA PELEJA DURA: — PRODUZIR! NA PISTA DE BOIS, QUE AS CIDADES ESPERAM NAS FILAS. A ALEGRIA DO FOI ASSIM O GRANDE CERTAME.

Reportagem de Darcy Marques Poppe - J. B. Martins Ramos

Embandeirado o recinto que ferve de aclamações recebendo as autoridades que chegam, ponteadas pelo Ministro da Agricultura. Vai começar a função. Silêncio! O primeiro discurso. Outro. Outro. O ouro do sol, o azul do céu e o verde da campanha se desdobram mastro acima onde o pavilhão reboja agora, acompanhando as notas do Hino Nacional.

Está aberto o certame. Chega o povo para a beira da pista. Começou o desfile. Vem na frente o campeão Gir, gingando o cupim, estrelado com grande roseta no ponto mais alto do bôjo da testa. Passam os gir, vêm os posudos indubrásis. Vêm os nelores, mais fracos este ano. Vem no rasto dos bovinos a

surpresa maior da festa: a cavalhada! — “Que pingos! dizia o dono dum bruto chapéu. — Bar-ba-ri-da-dê!”.

Um a um, passaram, pelo cabresto, vinte puro-gangues “de correr el Comisário” como declarava alguém, olhando de viés para os lados do delegado. Curraleiros muito bonitos desfilarão também.

DEPOIS DA FESTA

Reunidos na cidade, pelos bares melhores, todos, à noitinha comentam a Exposição, os resultados, os animais; e o arremate infalível.

(Continúa na pag. 39)

A direita o Presidente Aires de Moura Jor., acompanhado do Sr. Ministro da Agricultura, do Major Hugo Cramer e do Prof. Octavio Domingues. No centro, o Campeão Absoluto da raça Gir, o magnífico GAVIÃO.



○ MINISTRO

O Ministro Carlos Duarte de Souza não foi simples figura decorativa na Exposição. S. Exa. levava outros planos. Felizmente. Não se negou a receber, é verdade, as homenagens que lhe quiseram prestar; mas era visível que lhe interessava era ouvir da gente experimentada que Campo-Grande reunia, a realidade da situação agropecuária, lá. E ouviu; estamos certos. Agora, Sr. Ministro.., um arranquinho para frente, a ver se é possível normalizar a barba-ri-da-de que anda nisso tudo. Estamos esperando.

Em companhia do Sr. Ministro da Agricultura estava em Campo-Grande o erudito e simpático professor Dr. Octavio Domingues, Diretor Geral do Departamento Nacional da Produção Animal.



O Prefeito Dr. Joaquim Theodoro de Faria

UM AUTENTICO HOMEM PÚBLICO — ADMINISTRADOR DE LARGA VISÃO, DEVOTO DO PROGRESSO, AMIGO DE CAMPO GRANDE.

Quem sabe se teria razão um presidente paulista, que nos explicava certa vez: — “Olha, dizia-nos: há duas espécies de Prefeitos — o Prefeito dona-de-casa, e o Prefeito chefe-de-família”.

Entendemos, então, que chefe de família é o administrador capaz de congregar em torno de si seus governados, por um laço de espontânea simpatia e solidariedade; é o estadista capaz de compreendê-los e amá-los; é o apóstolo capaz de sacrificar-se por eles.

Nesse caso, sabemos a que categoria iria pertencer, na classificação chistosa do experimentado Governador, o admirável Prefeito Dr. Joaquim Theodoro de Faria.

Campo-Grande será o seu monumento: a cidade e seus serviços guardarão para sempre o

cuinho particular e personalíssimo das realizações do Prefeito Dr. Joaquim Theodoro de Faria.

Entre outras entidades, muito do seu coração é a Associação dos Criadores do Sul de Mato-Grosso. Não só o auxílio financeiro que anualmente lhe confere, por ocasião da Exposição, não só as facilidades que proporciona ao povo local organizando serviços especiais de ônibus para o recinto do certame — orgulho da Associação — senão ainda prestigiando as atividades gerais daquela benemérita instituição.

Não é à-tôa que Campo-Grande quer bem, respeita e admira seu verdadeiro chefe — o chefe da família campograndense: Prefeito Joaquim Theodoro de Faria.

8.a Exposição Regional Agro Pecuária de Campo Grande

(Continuação da pag. 37)

vel das conversas era... carne, filas, frigoríficos, trustes... desânimo! — “Que? — carne uma vez por semana!?! — “Mas se em Mato-Grosso, Goiás e Minas há UM MILHÃO de bois magros esperando invernações por estarem as invernações atonetadas de bois gordos!... — “Boi não sai, boi não entra!” — “Que é que adianta criar?” — “E’ melhor a recria!” E por aí vai a história.

A noite caminha. Peonada sacoleja-se nos fandangos, ginetea nos cavalinhos do Parque iluminado, atira nas barraquinhas, pondo a culpa na arma, quando erra. O chinaredo retoça, contente. Lá longe... desânimo, trustes, frigoríficos, filas, carne... “o assunto”, enfim.

Alguém lembra os discursos. Muita verdade havia sido dita. Entre essas falas que merecem ser lembradas está a palavra do Dr. Aires de Moura Jor., o informadíssimo e enérgico presidente da Associação dos Criadores do Sul de Mato-Grosso. Eis suas palavras:

“Justamente envaidecida está hoje a nossa cidade e justamente jubilosa estão as nossas classes produtoras. Nada mais natural que assim seja.

Bem dizemos mesmo a oportunidade ditosa que se nos depara, de hospedarmos o preclaro Ministro interino da pasta da Agricultura, E. Excia. o Sr. Dr. Carlos de Sousa Duarte.

A visita do Ministro que no cenário político-administrativo nacional, dirige o setor da produção, caiu sobre nós como um presente do céu. Se por um lado alimentávamos a esperança de podermos receber o esclarecido homem público que por assim dizer orienta as atividades que mais de perto falam aos nossos mais vitais interesses, assaltava-nos, contudo, o temor, o receio, a dúvida de que algum acontecimento imprevisto pudesse a qualquer momento privar-nos desse imenso prazer e dessa grande honra.

A sua visita, Sr. Ministro, a esta trepidante cidade do Oeste brasileiro, enche-nos, portanto da mais intensa alegria e esperamos que ela se constitua no divisor de duas épocas, assinalando com traços nítidos novos rumos na vida econômica e administrativa deste grande Estado, que, comportando dentro de seu imenso polígono, 5 vezes o Estado de São Paulo, ensala ainda os seus primeiros passos em todos os setores de atividades. Tudo está em período embrionário, reclamando ação brava e decisiva dos homens responsáveis pelos nossos destinos.

Inte por certo, ainda que meteórica seja a passagem de S. Excia. por este Estado, não ha de ter escapado à agudeza do olhar pers-

crutador do grande estadista que hoje nos traz, com sua visita, um vigoroso sopro de alento e de confiança no futuro.

A exemplo do ocorrido em todas as histórias dos povos, vivemos nós, neste vasto hinterland, desbravando terras com as patas do boi. E’ o natural ciclo primitivo que irá depois cedendo lugar às outras atividades mais lucrativas e menos árduas. Toda nossa força econômica se estriba, pois, presentemente, na pecuária. Eis porque, Sr. Ministro vimos encarecidamente solicitar a atenção de V. Excia. para esta questão primacial, pedindo volver suas vistas para os problemas que nos angustiam.

Bem sabemos que multifacetadas e intrincadas são essas questões. Não ignoramos que muitos interesses antagônicos se chocam com os dos produtores, vale dizer, dos eternos espoliados.

Por todos os meios ao nosso alcance, vimos clamando contra a obra nefasta dos sabotadores de nossas energias que, abusando de todas as situações e fazendo tábula rasa até das determinações governamentais, continuam explorando o povo e a classe que trabalha e produz.

Acidentalmente acabamos de passar os olhos n’algumas páginas do livro “Viagem ao Tocantins” e como o assunto é de palpitante atualidade, não podemos deixar de transcrever alguns trechos em que o seu illustre autor Julio Paternostro, já ha alguns anos, escalpelava a conduta dos frigoríficos estrangeiros:

“O famoso Cartel Internacional de Carnes, dizia ele — trust capitalista estrangeiro, detentor de todo o comércio internacional de carnes, possuidor de um vasto sistema de transportes, inclusive linhas marítimas, investiu capitais no nosso país para usufruir lucros fabulosos em detrimento dos brasileiros. Ha 35 anos os capitalistas estrangeiros inauguraram a indústria frigorífica e os arcaicos matadouros e charqueadas que serviam ao consumo interno, entraram em decadência.

As três companhias frigoríficas Anglo, Wilson e Armour, representantes daquele Cartel, em vez de se limitarem, como anunciaram em adquirir a nossa matéria prima para o mercado externo, lançaram-se a um grande negócio: criam, recriam, invernam o gado e se assenhoreiam do mercado interno, desbancando os pecuaristas brasileiros.

O Cartel Internacional de Carnes encontrou no Brasil, ao contrário dos E. Unidos, Canadá, Argentina e Uruguai, facilidades e amparo dos governantes para vazar suas descomedidas ambições. Influenciando na política interna, o poderoso cartel afastou autoridades e funcionários do Governo que tentaram impedir seus empreendimentos internacionais (Anais do 1.º Congresso Pecuário do Brasil Central realizado em Barretos em 1942).

Distribuem os produtos nos mercados internos e externos, decidem sobre os preços dos bois gordo e magro. Amarram os negócios dos pecuaristas brasileiros. Se em determinada ocasião, lhes for vantajoso o mercado externo, não suprem suficientemente o mercado interno”.

Eis porque, Sr. Ministro, aqui nos achamos para falar a linguagem da franqueza sobre o momentoso assunto, pedindo às autoridades federais, medidas de amparo que se contraponham às especulações de todos os gêneros e matizes, tão prejudiciais aos criadores e aos interesses da coletividade.

O preço de 62 cruzeiros por arroba ultimamente fixado por V. Excia. e aceito pelos pecuaristas numa demonstração clara e inofensiva de desambição e de incontestável boa vontade no sentido de se encontrar uma solução razoável, não está sendo observado pelos frigoríficos, e, com sofismas de toda sorte vêm eles burlando as disposições da portaria 226.

Aliás, como já afirmamos o preço de 62 cruzeiros foi aceito apenas com o intuito de contribuir para a solução de um impasse, porque ele, realmente, mal remunera o capital e o trabalho do criador.

Afim de que não se alegue que o preço arbitrado não pôde ser mantido em virtude do decreto que proibiu a exportação de carnes e subprodutos, solicitamos os bons officios de V. Excia. no sentido de ser conseguida sua revogação, pelo menos até que se possa dar vazão ao gado gordo acumulado nas invernações, ou até que a experiência demonstre ser prejudicial à classe e aos consumidores a exportação do produto.

Máu grado nosso, não ha ainda em nosso país um perfeito serviço de estatística que nos possibilite um cálculo exato dos bois prontos para o abate. Mas o que é fato, sr. Ministro é que nos encontramos numa situação verdadeiramente paradoxal: os consumidores reclamam a falta de carne e as filas intermináveis continuam a castigar o povo em nossa grandes cidades. Os criadores e invernistas abarrotados de bois, querem e precisam vendê-los. Não consulta absolutamente aos seus interesses a retenção do gado desde que ele atinja a idade adulta, quando magro ou que, já gordo se encontre em condições de ser abatido. Algo ha, por isso, não se pôde por em dúvida, que precisa ser concertado.

Mas, Sr. Ministro, diversas medidas se postas em prática, poderiam a nosso vêr, contribuir para suavisar a situação dos pecuaristas. Dentre outras, o levantamento das restrições da matança de bois nas xarqueadas e nos frigoríficos teria o condão de restabelecer imediatamente a confiança no mercado, condição essencial para o desenvolvimento dos negócios e consequente circulação de nossa riqueza.

O restabelecimento do crédito quer por intermédio do Banco do Brasil, quer por intermédio dos Bancos particulares é também assunto que não pôde ser procrastinado, porque é ele, inegavelmente a mola real que move

toda a máquina produtora. Num país como o nosso, cujo povo anseia por trabalhar e produzir, não se concebe que o crédito seja combatido imputando-lhe a responsabilidade pela carestia da vida. Ao revés, precisa ser ele estimulado em todos os sentidos para que, produzindo abundantemente possamos contribuir para debelar os efeitos catastróficos da inflação.

Conforme de início já frisamos o nosso Estado, pela sua formação geológica e ecológica é essencialmente pastoril. Ninguém melhor está disso inteirado de que o honrado matogrossense que hoje tem em suas mãos as rédeas do governo. E' S. Excia. o mais lato magistrado da Nação que em mensagem dirigida aos seus coestaduanos assim se expressou:

“Mato Grosso imensamente grande na sua própria grandeza tem impressa a origem, a causa única de suas fraquezas. Demo-lhe as comunicações e ajudemo-lo no povoamento de suas fecundas terras e mais não requererá, porque da energia e do trabalho de seu povo tudo poderá o Brasil então esperar em produção, em progresso e civilização.

“Em nosso programa de governo temos decidido realizar uma política brasileira de real objetivo interesse na solução dos problemas fundamentais de vossas comunicações. Tudo faremos por bem aparelhar o admirável eixo de penetração ferroviário da Noroeste, dando-lhe o desenvolvimento consentâneo com a importância política, econômica e estratégica que apresenta para o país. Nesse sentido promoveremos também o estudo de sua ulterior eletrificação, visando facilitar-lhe os baixos fretes e a obtenção para grandes regiões do Estado, da energia abundante e a preços módicos, que incrementará a indústria dos frigoríficos, tão necessária à melhoria de vossos rebanhos e ao mais econômico escoamento dos produtos de vossa pecuária”.

E mais odiante:

“E' nosso intento promover, em conjunção com o Estado, ao longo das ferrovias, o estabelecimento de colonias de imigrantes, mediante a concessão de terras e facilidades bancárias de amparo e a longos prazos.

“Objetivando o progresso de vossa pecuária, é nossa intenção facilitar aos estancieros a aquisição de sal baixando-lhe os fretes e lhe tornando viavel o transporte fluvial bem como ampliar e multiplicar no Estado os postos de monta além da criação de centros agros-pecuários”.

E no mesmo documento exaltando a necessidade de uma política realista de estímulo à MARCHA PARA O OESTE, afirma:

“E' o que vos prometemos com a franqueza e a segurança de quem não sabe prometer para não cumprir”.

Está, Sr. Ministro, foi a mensagem de confiança que nos foi enviada pelo Exmo. Sr. Presidente da República e, não nos seria lícito, nem por um momento sequer, pôr em

(Continúa na pag. 85)

Comentando a Exposição

Já é um milagre de esforço realizar, na situação em que se bate hoje a pecuária, um certame agropastoril de iniciativa particular. Todo êxito deve ser levado a crédito do poder enorme da vontade do nosso homem do campo. Levemos, pois, a crédito dos campograndeses e representantes de outros Estados que expuseram lá, neste ano, a "performance" difícil que alcançaram. Compreende-se, em tal situação, que esta última Exposição não alcançasse o brilho das anteriores. O que fez já foi muito. Notou-se, por exemplo, que os nelores quase não se representaram. Consola saber que, para o ano vindouro o Sr. Autonomista promete exibir o que tem em sua fazenda, um dos melhores planteis nelores do Estado — haja à vista que na Exposição passada empatou com o Sr. Plínio Ferraz. O que houve de notável no certame de agora, foi o que fez o Sr. Oswaldo Arantes, com 5 campees verdadeiramente incontrastáveis no momento e que, mais, como que estabeleceu na sua chácara — Cachoeira — uma sucursal da Exposição, tão grande foi a onda incessante de visitas atraídas pela fama justíssima do gado colossal que lá ficou — gado já vencedor em certames passados, já candidato à vitória em certames futuros. O Sr. Moacyr Rolim foi o privilegiado expositor do Campeão Absoluto da Raça Gir: Gavião. Ouvimos alguém dizer a propósito de "Gavião", que este era "mais que puro", dando idéa, assim, das suas fantásticas características raciais. E esse julgamento parece perfeitamente justo. Brilhou a cavahada magnífica do Sr. Etalvío Pereira Martins. Venceu em quantidade e em qualidade de puro-sangues expostos. Parabens. O Sr. Marinho Lutz "incomodou" muito o Sr. Arantes na turma indubrasil — foi uma disputa braba.

3 Lagoas se representou, como sempre, muito honrosamente, com os gires e indubrasil do Dr. Orestes Tibery. Um forte expositor foi, ainda, o Sr. Laucídio Coelho, com sua excelente bezerrada. Motinero, o cavalo esplendido do Dr. Paulo Coelho Machado foi um dos pontos altos do certame.

RESULTADO GERAL DO JULGAMENTO

GIR — DO ESTADO

Machos até 18 meses: 1.º Penacho, O Arantes. — M. H.: Maracajú, P. C. Machado. — M. H.: Marisco, O. P. Tibery. — M. H.: Solito, L. Coelho. Fêmeas. 1.º: Formosa e Bela Vista, L. Coelho. 3.º: California II, dr. O. P. Tibery. M. H.: Belas Artes, L. Coelho. M. H.: Duqueza, P. C. Machado.

Machos de 18 a 30 meses: 1.º: Baluarte, O. Arantes. M. H.: Mexicano e Completo, Oswaldo Arantes. M. H.: Martelo, L. Coelho. Fêmeas, 1.º: Italiana III, O. Arantes. 2.º: Platina, Tte. Cel. A. M. Lutz. 3.º: Beijinha, O. Arantes. M. H.: Conquista, O. Arantes. M. H.: Sozinha, L. Coelho.

Fêmeas com mais de 30 meses: 1.º, 2.º e 3.º, Menina, Americano e Serenata, todas de Oswaldo Arantes. M. H.: Italiana, do mesmo.

DE FÓRA DO ESTADO. Machos até 18 meses. M. H.: Petróleo, A. E. Netto. M. H.: Balão, M. Rolim. Fêmeas de 18 a 30 meses. 1.º, 2.º e 3.º: Peruana, Suissa e Africana, O. P. Tibery. M. H.: Paraguaia, do mesmo. Machos. 1.º: Ali Babá, O. Arantes. M. H.: Zorro, de A. C. Oliveira.

Machos com mais de 30 meses. 1.º: Gavião, Moacyr Rolim. 2.º: Indupan, O. P. Tibery. 3.º: Francana, A. M. Jor. M. H.: Bolero, J. R. Rosa. M. H.: Rufo, A. C. Oliveira.

CAMPEÃO DA RAÇA — Gavião, Moacyr Rolim. CAMPEÃ, Menina, Oswaldo Arantes. CONJUNTO CAMPEÃO, Ali Babá, Menina, Americana e Serenata, Oswaldo Arantes.

RAÇA INGLESA — Do Estado

CAMPEÃO — Uno, Etalvío Pereira Martins. 1.º lugar: Mistério, R. I. Souza.

FÓRA DO ESTADO — 1.º: Perfilado, O. Leirias. 2.º: Motinero, P. C. Machado. 3.º: Timbó, E. P. Martins.

DO ESTADO — ½ SANGUE INGLÊS — MACHOS — 1.º: Ianque, E. P. Martins. 2.º: Mitay, Aurelio Azuago. 3.º: Primeiro, F. P. Almeida. M. H.: Príncipe, F. Anglo S. A.

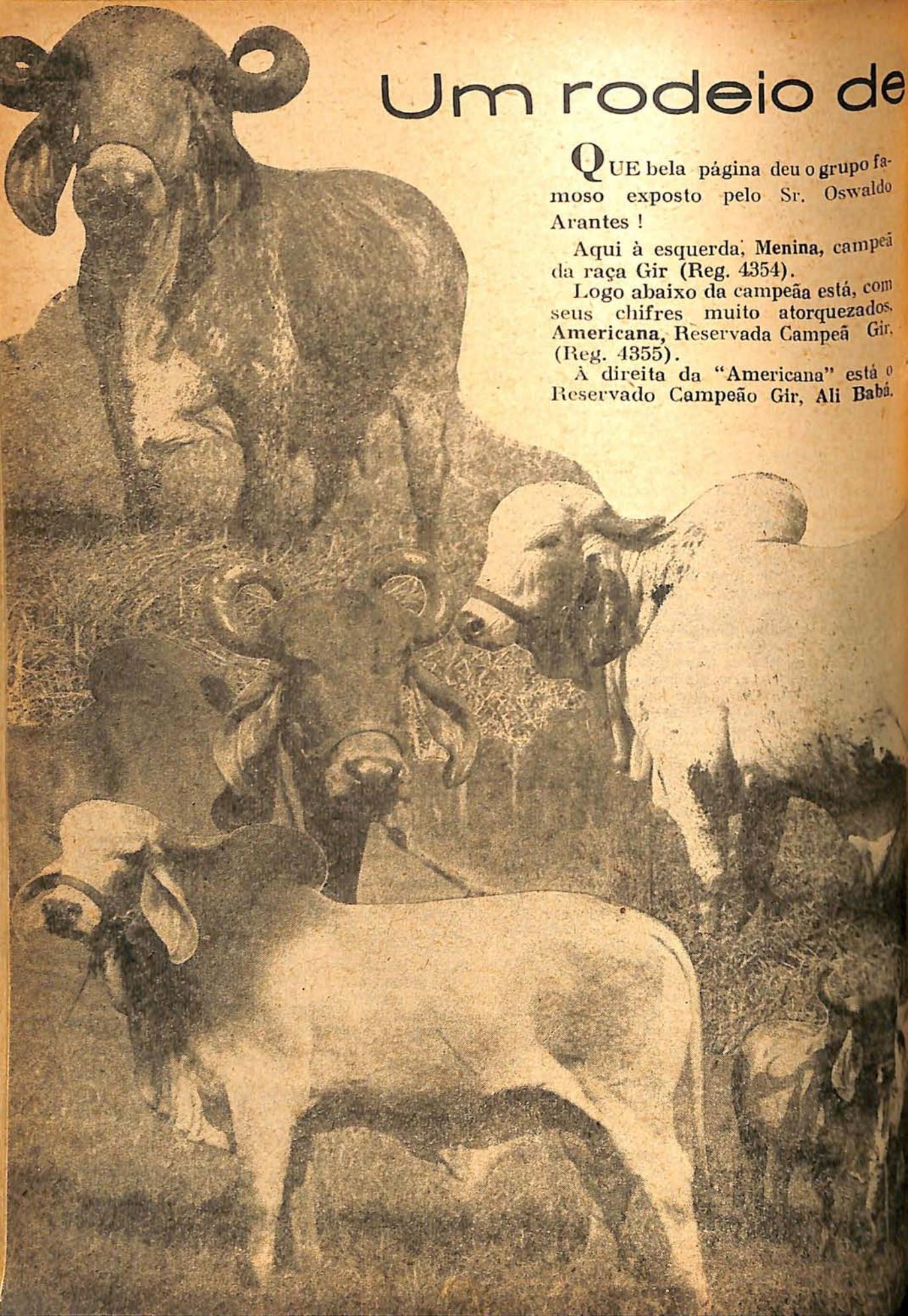
Um rodeio de

QUE bela página deu o grupo famoso exposto pelo Sr. Oswaldo Arantes !

Aqui à esquerda, Menina, campeã da raça Gir (Reg. 4354).

Logo abaixo da campeã está, com seus chifres muito atorquezados, Americana, Reservada Campeã Gir. (Reg. 4355).

À direita da "Americana" está o Reservado Campeão Gir, Ali Babá.



Campeões

Por traz de "Ali Babá" o conjunto Campeão da raça Gir.

Em baixo, à esquerda, o verdadeiro Modêlo, que tem êsse nome, Campeão do tipo Indubrasil, (Reg. 317).

No centro, em baixo, o lote campeão Indubrasil.

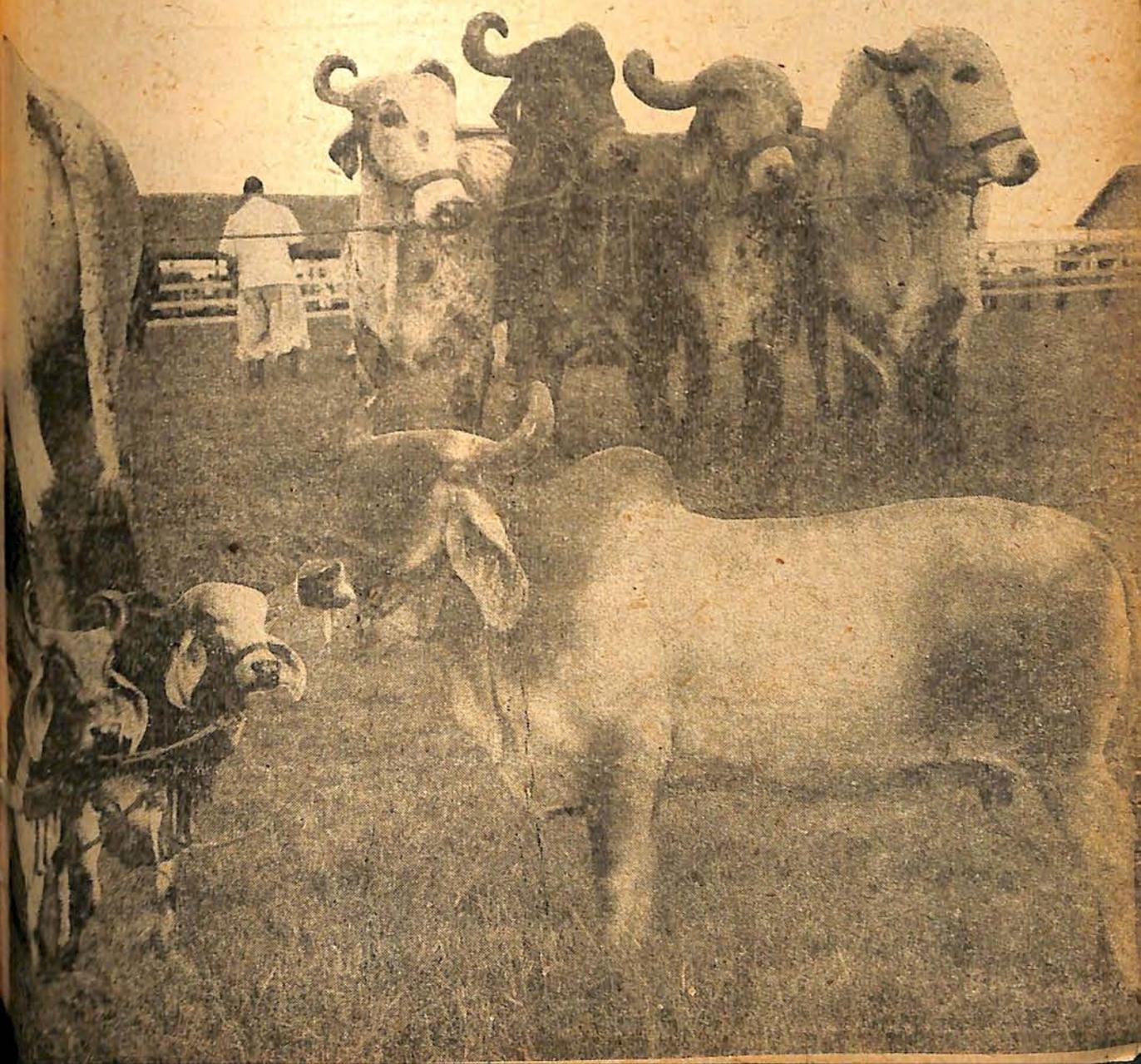
E, finalmente, em baixo, à direita, **Esperança**, Campeã do tipo Indubrasil, (Reg. 6751).

Ai vemos, pois um legitimo rodeio de Campeões, criação do esforço e da experiência do lidimo pio-

neiro da pecuária que é o Sr. Oswaldo Arantes.

RESUMO DAS CLASSIFICAÇÕES

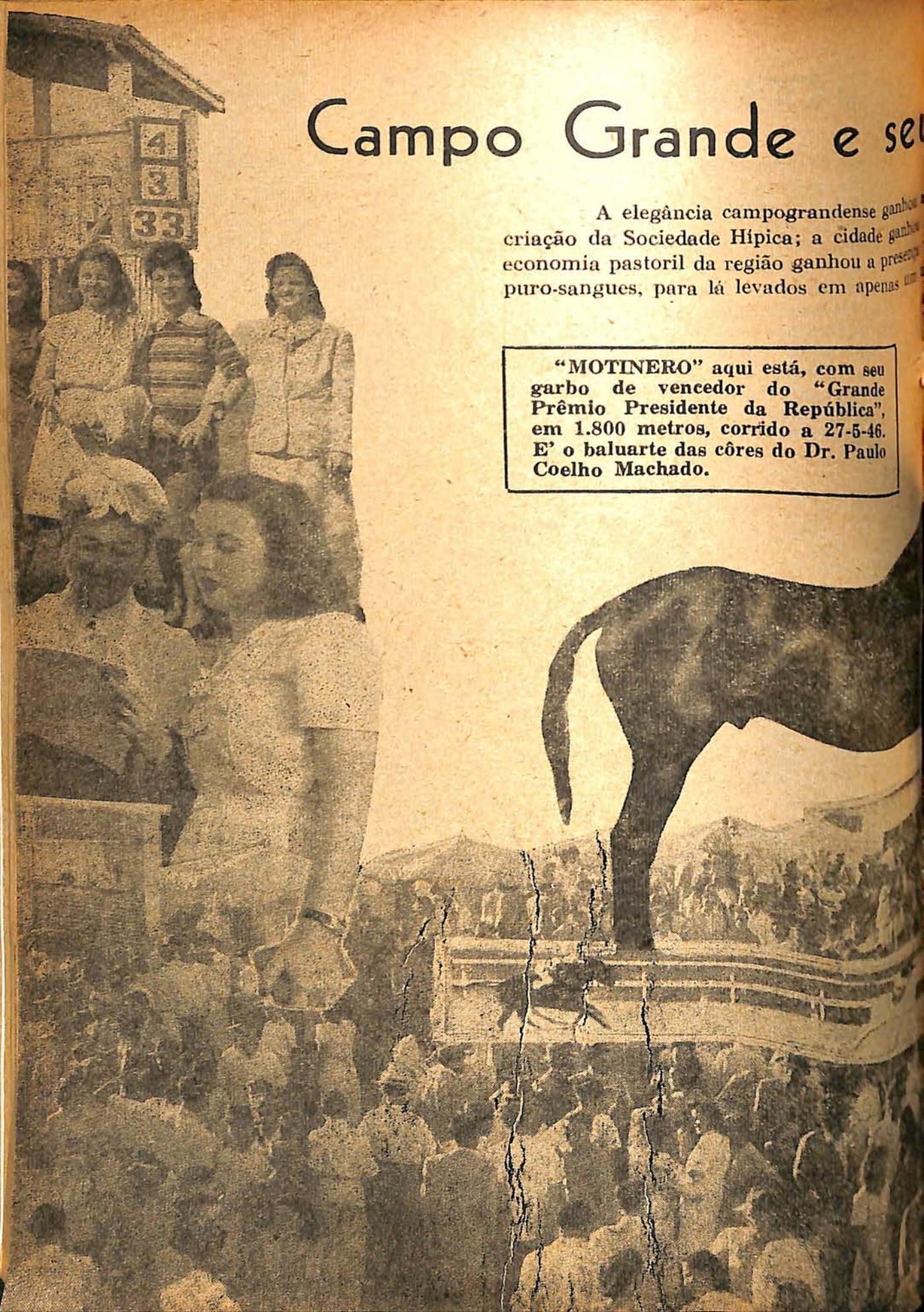
- 5 — Campeões.
- 2 — Melhores conjuntos.
- 5 — Primeiros lugares.
- 1 — Segundo lugar.
- 5 — Terceiros lugares.



Campo Grande e se

A elegância campograndense ganhou a criação da Sociedade Hípica; a cidade ganhou a economia pastoril da região ganhou a presença de puro-sangues, para lá levados em apenas um

"MOTINERO" aqui está, com seu garbo de vencedor do "Grande Prêmio Presidente da República", em 1.800 metros, corrido a 27-5-46. E' o baluarte das côres do Dr. Paulo Coelho Machado.



puro-sangues

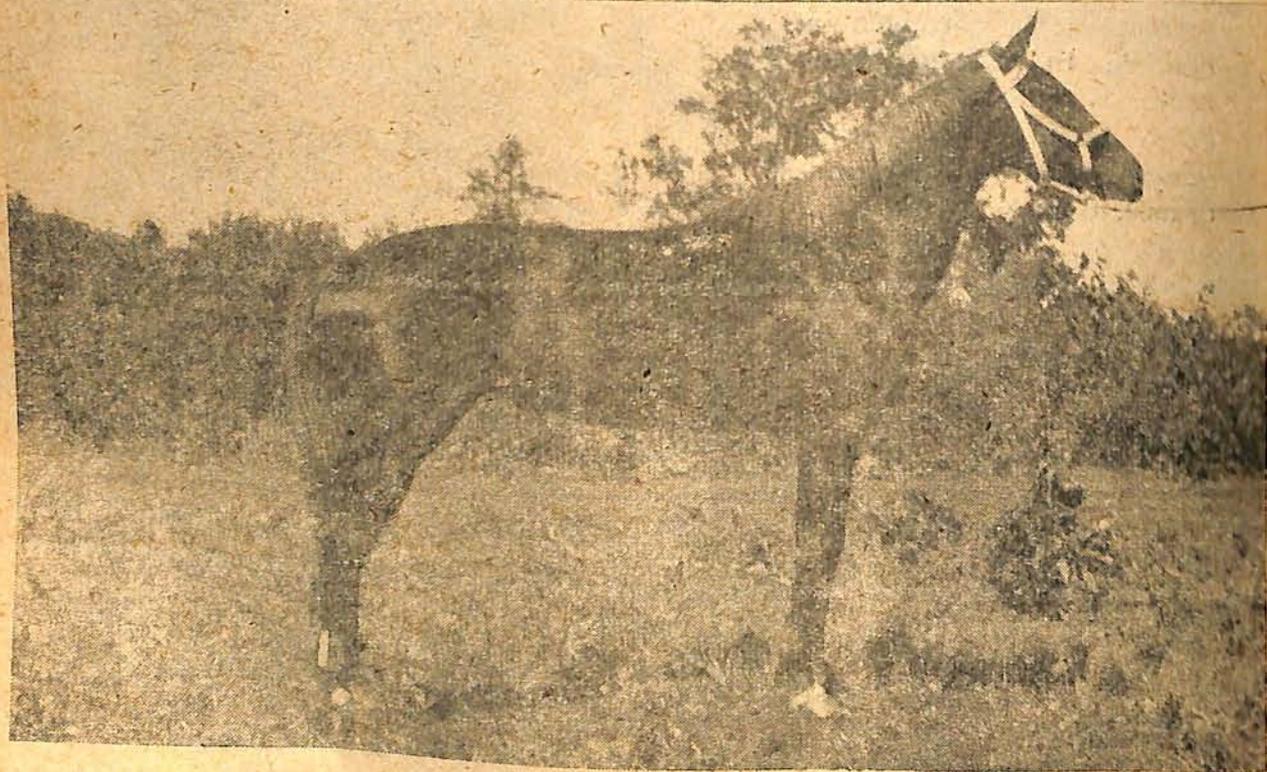
uma oportunidade de reunião, com a
um centro de atração estimadíssimo; a
ativa e preciosa de nada menos que trinta
idade verdíssima e já gloriosa da querida
entidade esportiva
local. Eis aqui
uma reportagem
fotográfica de um
dia cheio, na Hí-
pica: o reporter
colheu estas su-
gestivas amostras
de sorrisos bem
esportivos, de pú-

blico animado na "pelouse",
de jovens conferindo resul-
tados e — cúmulo de en-
genho — colheu-se a si
próprio "acolhido" a amplo
guarda-sol, à convivência
fina de típicas represen-
tantes da elite local, aco-
lhida, enfim ao grande
coração social de Campo
Grande, Grande, Grande...

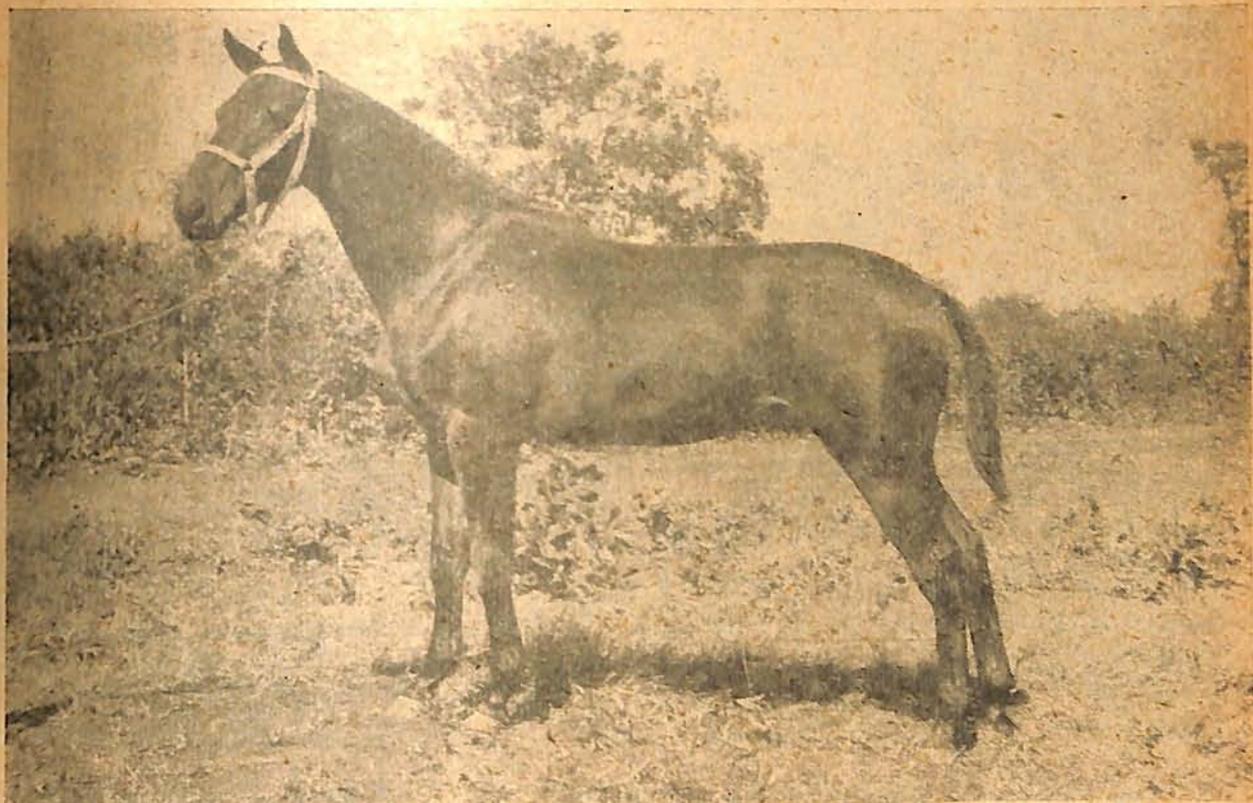




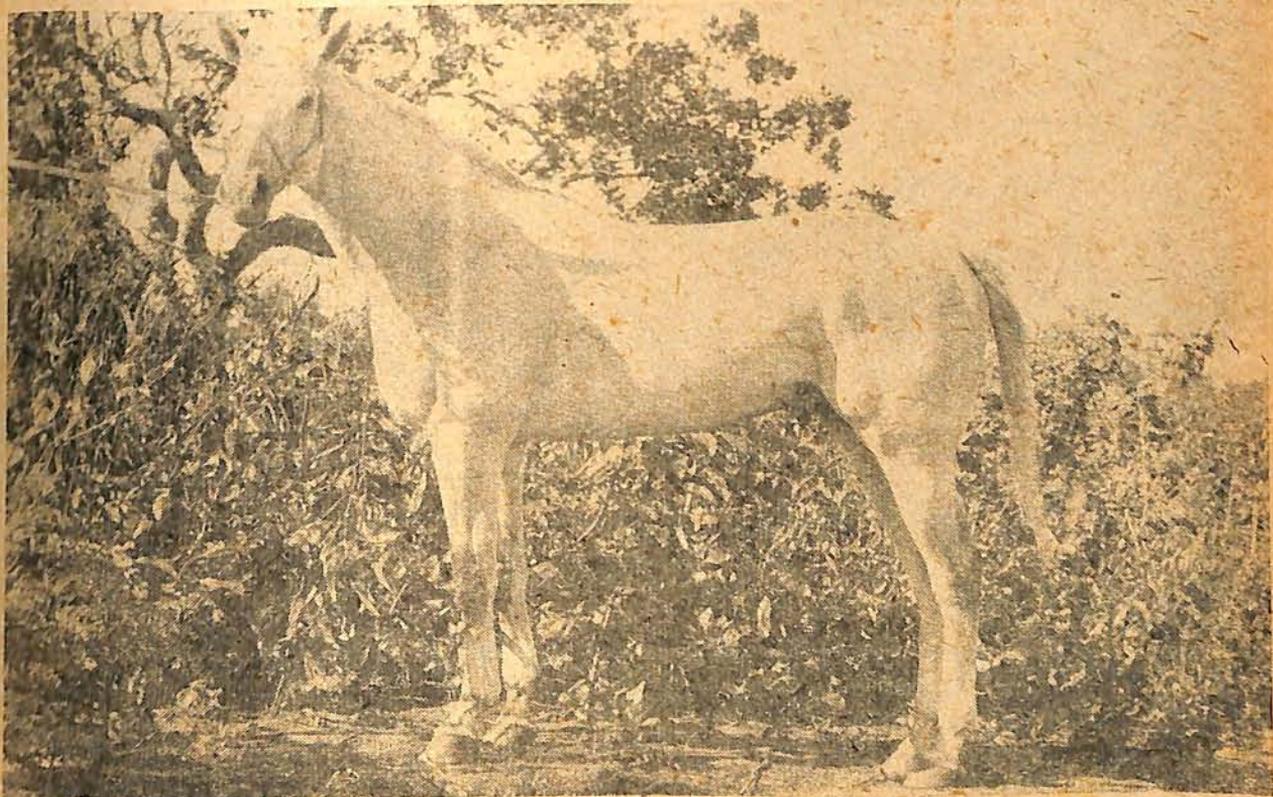
É confortavel e bem cuidado este grupo de cocheiras do Haras Sucury, do Sr. Etalívio Pereira Martins. Um dos seus hospedes mais notáveis, TIMBO', que disputou um G. P. Brasil, aí está, pelo çabresto.



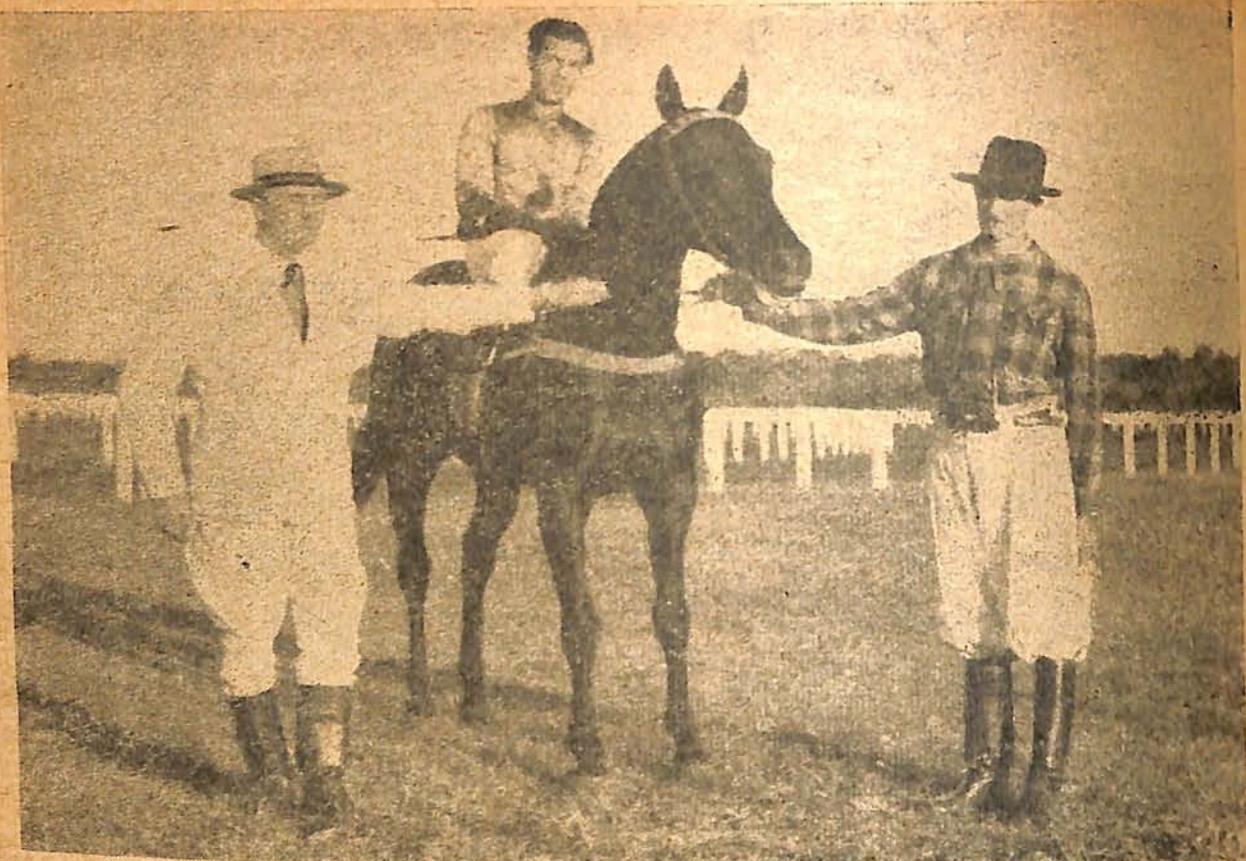
A linha de lombo e da anca de SOLITA só não é mais extraordinária que o resto dos seus traços formidáveis. Crioula linda do Haras Sucury! Tem ganho muita carreira na Hípica de Campo Grande, para o Haras do Sr. Etalívio Pereira Martins.



O "grande campeão" da Exposição — UNO, puro inglês, crioulo do Sr. Etalvivo Pereira Martins. Tem construção para ser um firme ganhador nas pistas da Hípica... e fóra de lá.



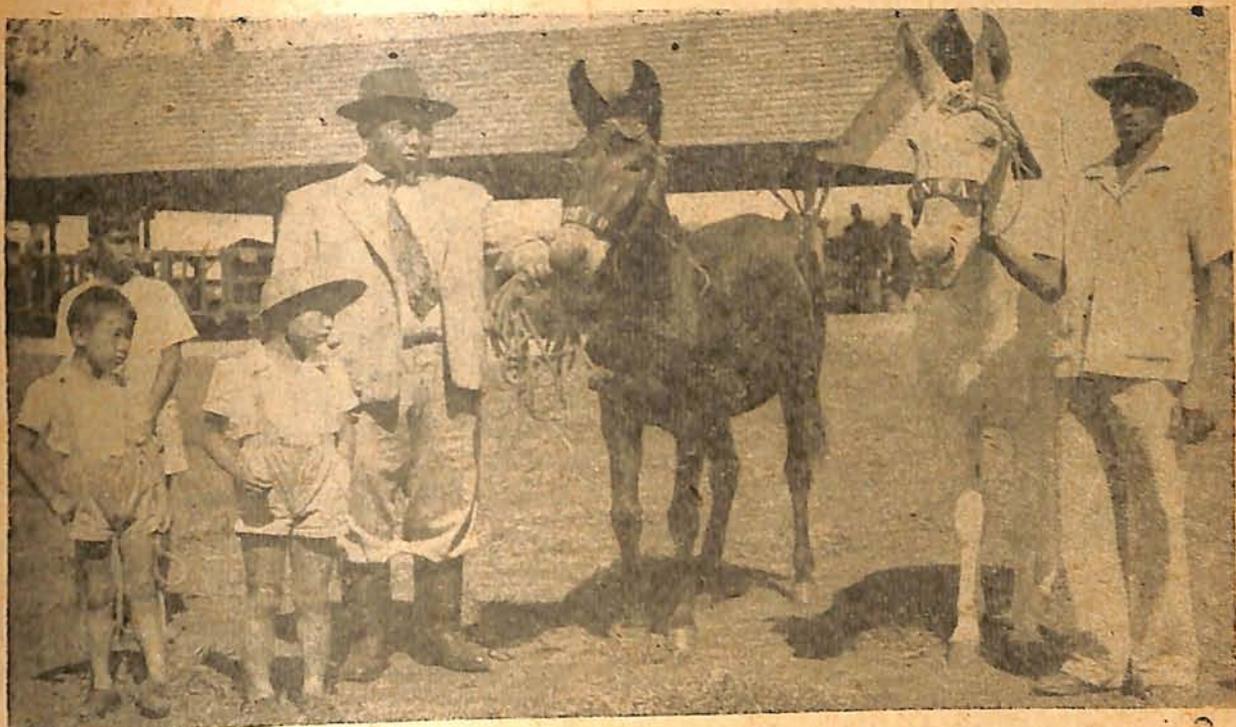
Este brancão é um páreo duro em Campo Grande e em qualquer parte. E' veterano do G. P. Brasil, está com 6 anos, pertence hoje ao Sr. Etalvivo Pereira Martins. TIMBO', chama-se, o bicho.



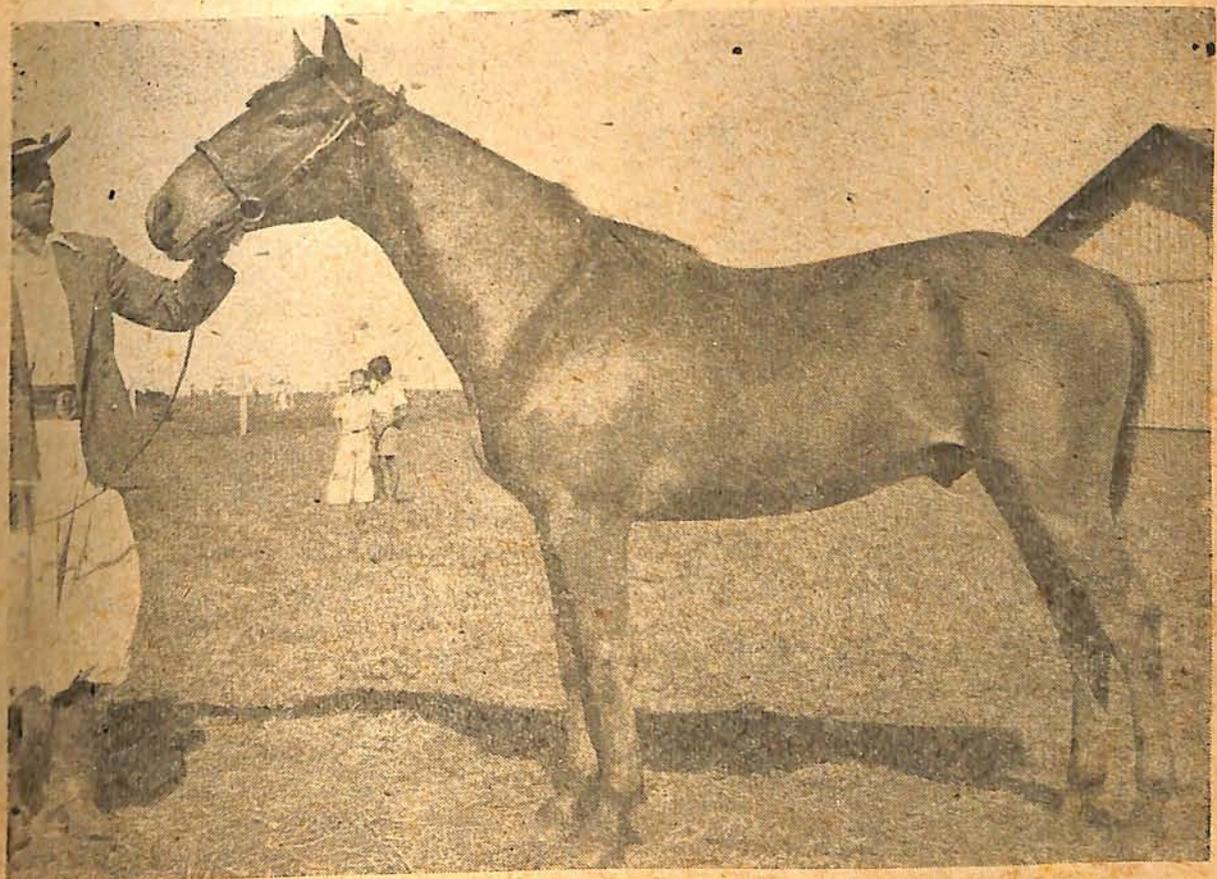
Eis aqui, seguro a quatro mão, o ligeiríssimo **PANCHO**, campeão dos 1.600 metros. Puro inglês, por Lombardo e Promissora. E' propriedade e orgulho do Sr. Gumerindo Pereira de Souza, que aí está com sua camisa xadrez.



PUCON, o maior ganhador das pistas de Mato-Grosso, do Sr. Etalvio Pereira Martins. Formando uma verdadeira guarda de honra para o campioníssimo estáo, da esquerda para a direita o jovem Agular, filho do Sr. Etalvio, em seguida o próprio Sr. Etalvio, o deputado Costa Porto, o Ministro Carlos Duarte de Souza, Dr. Fernando Correia da Costa, Senador Vespasiano Barbosa Martins e Dr. Djalma Antero de Mattos.



Dois crioulos da Fazenda Bandeira ambos Primeiros Prêmios: **NEGRITO**, guapo macho preto embornal branco, tem 26 meses. — **ALIANÇA**, a mula branca, tem 8 anos. Pertencem ao Sr. Shingi Nakagato que, portanto, venceu bonito.



ITAI — 6 ½ sangue inglês, crioulo do Sr. Aurélio Ferreira Azuaga. — 2.º lugar na sua categoria, tem 16 meses. Filho do Batonazzo e da Farroupilha.



Opala não tem 3 anos. Também crioula do Dr. Paulo Coelho Machado — Fazenda Agua Branca. Essa novilha é Registrada sob o n.º 6774. Uma indubrasil e tanto!



Assim como quem pisca um olho, Fortaleza exhibe sua plástica de indubrasil selecionada pelo Dr. Paulo Coelho Machado. E' Registrada sob o n.º 6777. E' um vacão!

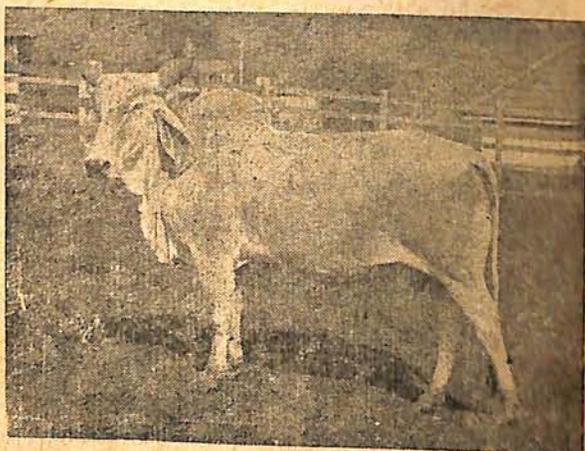
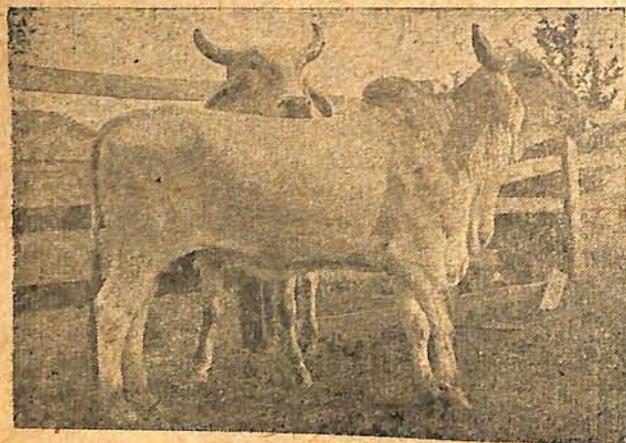
FAZENDA AGUA BRANCA

MUNICIPIO DE CAMPO GRANDE — EST. MATO GROSSO
CAIXA POSTAL 228

Prop.: DR. PAULO COELHO MACHADO

6776 é o Registro de Cigarra, outra indubrasil do Dr. Paulo Coelho Machado. E' uma vaca de excelentes linhas, bem maior do que parece. A outra é a Fortaleza.

Cabeçuda não é turrona como faz crer, pelo nome. E' que puchou muito pelo Guzerat que entrou na formação do seu belo tipo indubrasil. Seu Registro tem o n.º 6775. Do Dr. Paulo Coelho Machado.



2.a CATEGORIA — MACHOS — 2.º: Caudillo, Valerio C. Costa. **M. H.:** Buscapé, J. F. Barbosa. **FÊMEAS — 1.a Categoria — 1.º:** Malaguenha, E. P. Martins. **2.º:** Argentina, A. Azuaga. **3.º:** Boneca, F. Anglo S. A. **2.a Categoria. 1.º:** Morena, V. C. Costa. **2.º:** Palomita, B. Baís.

3/4 sangue inglês — Fêmeas — 1.º: Solita, E. P. Martins. **2.º:** Caravela, P. C. Machado.

3/4 INGLÊS — FÊMEAS — 1.º: Cumparsita, E. P. Martins.

RAÇA MANGALARGA — P. S. — Fóra do Estado — 1.º: Apolo, A. M. Jor.

1/2 SANGUE MANGALARGA — DO EST. TADO — 1.º: Trovão, J. Moreira. **1.º:** Caserna, P. C. Machado.

CRIOULO DO ESTADO — M. H.: Colorado, A. Baís.

RAÇA PETIÇA — M. H.: Brinquedo, C. Narciso.

1/2 sangue BRETÃO — 1.º: Alfaiate, F. Anglo S. A.

7/8 ANGLO BRETÃO POSTIER — 1.º: Severa, M. P. Almeida.

RAÇA INDUBRASIL — Do Estado

Machos até 18 meses — 1.º: Marron, Tte Cel. A. M. Lutz. **2.º:** Bombain, O. Arantes

3.º e M. H.: Pirão, Torrão, Tostão e Macarrão, Tte. Cel. A. M. Lutz. **FÊMEAS — 1.º e 2.º:** Primavera e Veneza, Tte. Cel. A. M. Lutz. **3.º:** Casa Branca, O. Arantes. **M. H.:** Rebeca, Tte. Cel. A. M. Lutz. **M. H.:** Alegria, A. M. Jor.

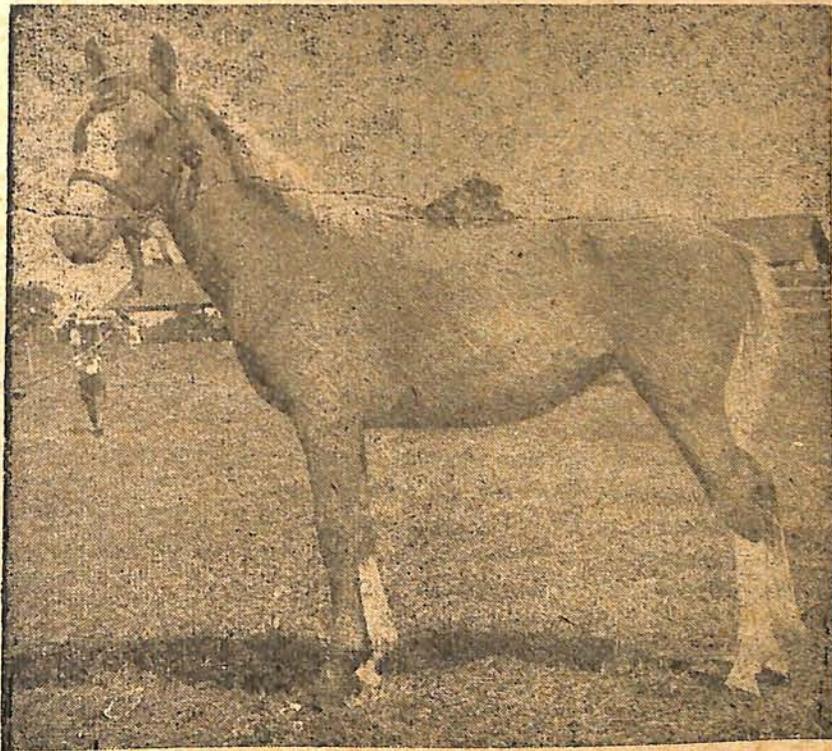
MACHOS DE 18 A 30 MESES — M. H.: Forrobodó, F. C. Costa. **Smith, e Palermo,** Oswaldo Arantes. **FÊMEAS. — Curuçá,** Tte. Cel. A. M. Lutz. **2.º:** Vila Rica, O. Arantes. **2.º:** Ucrania, O. P. Tibery. **M. H.:** Provincia, O. Arantes. **M. H.:** Vaidosa, Tte. Cel. A. M. Lutz. **M. H.:** Floresta, A. M. Jor.

MACHOS COM MAIS DE 30 MESES — 1.º: Modelo, O. Arantes. **3.º:** Karriew, F. C. Costa. **M. H.:** Perú, A. M. Jor. **FÊMEAS — 1.º:** Esperança, O. Arantes. **2.º:** Amélia, Tte. Cel. A. M. Lutz. **3.º:** Ita, O. Arantes.

FÓRA DO ESTADO — FÊMEAS COM MAIS DE 30 MESES — 1.º e 2.º: Loteria e Donzela, Tte. Cel. A. M. Lutz.

CAMPEÃO DA RAÇA — Modelo, Oswaldo Arantes. **CAMPEÃ — Esperança,** Oswaldo Arantes. **RESERVADA CAMPEÃ — Amélia,** Tte. Cel. Americo Marinho Lutz.

CONJUNTOS — 1.º premio: Modelo, Esperança e Ita, Oswaldo Arantes.



Esta malacarina, ba'a, BEVERA, está com 7 meses. 2.º premio como 7/8 Anglo-bretã-postier, honrando assim a Fazenda Cambuby, do Sr. Manoel Polizzari de Almeida.

O QUE SOFREM AS FAZENDAS COM

A PESTE SUINA - como prevenir e combater sua disseminação.

DR. MARIO D'APICE
Inst. Biológico S. Paulo

A erupção de um gravíssimo surto de peste suína no Norte do Paraná, está provocando um alarme até certo ponto justificável, em virtude das sombrias perspectivas que se nos deparam.

Entretanto, apesar da gravidade da situação cujas proporções não podem ser avaliadas, temos a impressão que é preciso muita prudência por parte dos interessados, afim de não agravar irremediavelmente a difusão ainda maior desta gravíssima infecção.

Ensina-nos a policia sanitária, que uma das maneiras mais eficientes de combater uma doença é o conhecimento perfeito da mesma.

Pois bem. A peste suína é bem conhecida entre nós. Foi assinalada ha mais de 40 anos, tendo noticias dela através de vários trabalhos, muito embora sua verdadeira natureza nunca tivesse sido experimentalmente precisada. Só em 1931 é que A. M. Penha, do Instituto Biológico de São Paulo, provou a existência da peste entre nós, estudando-lhe as particularidades. Mais tarde em 1939, iniciou o preparo de uma vacina de cristal violeta, recomendando sua aplicação como meio de prevenir a doença.

Esse contáto com a doença desde aquela ocasião, nos permitiu conhecer particularidades sobremaneira interessantes, acerca de sua disseminação rápida e desastrosa. Por isso, julgamos mais oportuno no momento, precisar o mecanismo de difusão, afim de que se conheçam melhor, os meios de prevenção, do que nos determos sobre a doença, cujas características já foram publicadas em jornais e revistas, mas um folheto sobre o assunto e publicado pelo Instituto Biológico de São Paulo, poderá ser enviado a todos os interessados que o solicitarem. Além disso, é preciso frisar, que no momento atual, por uma série de cir-

cunstâncias que serão oportunamente tratadas, veremos que a observação e aplicação das medidas sanitárias se sobrepõem na maioria dos casos à própria vacinação.

Antes de mais nada é preciso ter sempre presente, que o porco infectado, vivo ou morto é que constitui a fonte pela qual a infecção se dissemina. Com efeito, o virus pestoso assim chamado o agente da peste dos porcos, é capaz de infectar suínos de qualquer idade, raça ou sexo, e sua presença pôde ser evidenciada em qualquer parte do corpo.

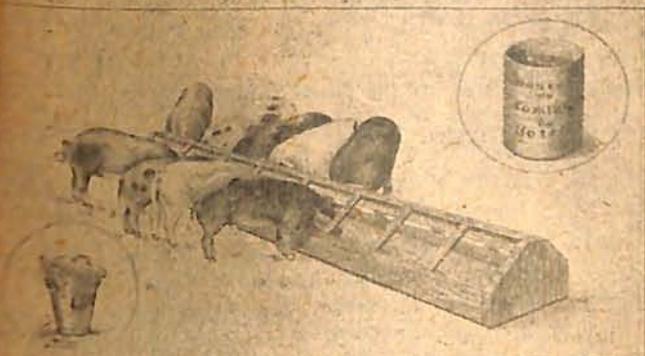
Na prática, o que se observa é o seguinte: quando o virus pestoso penetra numa criação, apenas alguns animais adoecem e morrem eliminando durante a evolução da doença uma grande quantidade de virus que, espalhando-se nas pocilgas, contagiam um grande número de animais.

Os animais que se contagiam, não adoecem e morrem imediatamente, mas sobrevivem alguns dias antes de manifestarem os sintomas da doença. Esse período, chamado de período de incubação, na peste está em torno de 6 dias mais ou menos. Daí por diante, isto é, quando a temperatura atinge 40°C e mais, os animais doentes vão eliminando, juntamente com a urina, fezes e outras excreções ou secreções, uma grande quantidade de virus que por sua vez vai infectando, diretamente, outros porcos que com eles entram em contáto, ou contaminando indiretamente os alimentos, agua, utensílios, pessoas e outras espécies animais, levando assim, a infecção a outras criações muito distantes.

Por essa razão, não se devem comptar ou

PESTE SUINA

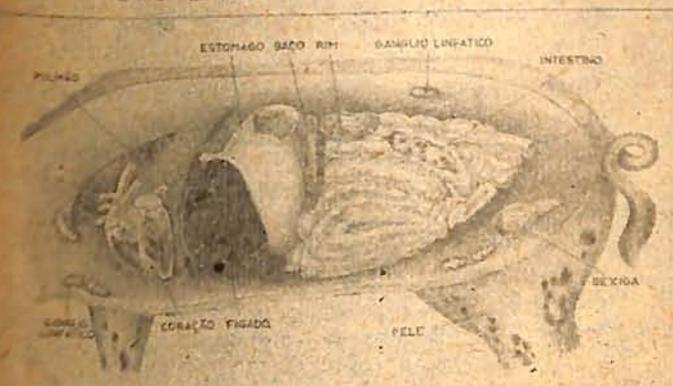
COMO SE DÁ A INFECÇÃO E METODOS DE COMBATE



COMO A INFECÇÃO PENETRA NUMA CRIAÇÃO "LIXO" E "RESTOS DE COMIDA"



OS PORCOS COM PESTE AGRUPAM-SE UNS SOBRE OS OUTROS



LESÕES DE PESTE NOS VÁRIOS ÓRGÃOS



O COMBATE SE FAZ PELA APLICAÇÃO DE SORO E DA VACINA DE CRISTAL VIOLETA

CONSULTE O INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO!

Introduzir sob qualquer pretexto porcos, sobretudo si provenientes de zonas suspeitas, porque às vezes embora já infectados, estão com a doença em incubação, e por conseguinte, nada apresentam clinicamente. Por outro lado, considerando os meios indiretos de disseminação devem-se tomar precauções especiais no sentido de controlar os cursos d'água, a natureza da alimentação, o isolamento rigoroso, as visitas de pessoas, e si possível também o contato por qualquer meio, de outras espécies animais.

Outra modalidade importante, é a condição que se cria pela natureza da alimentação; representada pelos restos de comida de hotéis

e casas particulares e pelo lixo.

Ora, sabemos que os proprietários de porcos em geral, ao notarem os primeiros casos de mortes, tratam imediatamente de se desfazer do restante de seus animais vendendo-os a outros ou enviando-os aos matadouros, afim de evitarem uma perda total.

Acontece porém, como vimos, que muitos deles já estão infetados, embora ainda não demonstrem sinais de doença. Nessas condições, existindo o virus em todas as partes do corpo, eles vão infectando ativamente os animais da criação, ou no caso de irem ao matadouro, depois de sacrificados, são distribuídos para o consumo da cidade. Os restos de carne, as pelancas, ossos, etc., são jogados no

LYSOSULFIN

Para uso Veterinário — Sulfamidoterapia
AMPOLAS . POMADA . COMPRIMIDOS

Ampolas de 5 cm.3 de (formosucinilosulfonamido de sodio em solução aquosa)
a 10% para pequenos animais.
e, 25% para grandes animais.

Uso intramuscular ou endovenoso.

Pomada - Lysoform 4% - Sulfanildamida
10% - Oleo de Fígado de Cação 20% -
(Correspond. a 600.000 U. I. Vit. A e
50.000 U. I. Vit. D.).

Uso tópico.

Comprimidos - (Sulfatiazol) comprimidos
de g 0,50.

Uso oral.

INDICAÇÕES

Afta epizootica (febre aftosa), faringites,
pielites, pneumonias, mastites, adenites
(garrotinho dos cavalos), pneumo-enterite
dos bezerros, diarréia dos leitões, fe-
ridas infecciosas, abscessos, queimaduras,
abortos, preventivo nas intervenções
cirúrgicas.

Amostras e literaturas a disposição dos
Srs. Médicos Veterinários e Criadores.

LABORATORIOS LYSOFORM S. A.

Rua Taquari, 1338 — Fone 9-3257

São Paulo

latão de restos de comida ou no lixo e daí transportados aos chiqueirões para servir, não de alimento aos porcos, mas de fonte de contágio de uma das mais graves doenças dos porcos.

Além dessa modalidade, junta-se outra, embora menos importante porque mais rara. Trata-se dos engordadores em geral, que apesar de, às vezes sofrerem um prejuízo total perdendo toda a sua porcada, tentam mais uma vez, iniciar nova criação sem proceder a uma prévia desinfecção dos locais contaminados.

A observação rigorosa das medidas sanitárias, representa pois, uma das providências mais eficientes que os criadores dispõem para evitarem a introdução da doença na sua criação. Está claro que, uma ocasião como esta, e quando, pela localização da criação em meio de focos em plena erupção, as possibilidades de contágio são muito maiores, devendo por isso, a vigilância ser redobrada afim de que a proteção seja o mais completa possível, muito embora nesses casos, os insucessos devam

ser previstos. De qualquer modo porém, a experiência nos mostra a grande importância dessas medidas e que estão ao alcance imediato dos próprios interessados e quasi que absolutamente fóra do alcance ou controle das autoridades sanitárias.

Considerando pois, a introdução de porcos infectados ou uma alimentação suspeita, numa área relativamente grande ao mesmo tempo, compreende-se o porque do aparecimento quasi simultaneo da infecção num grande número de criações. Estas por sua vez, constituindo-se em agentes de multiplicação do agente infectuoso, contaminam pelos multiplos meios diretos ou indiretos outras criações, como seja, pelos cursos d'agua, outras espécies animais, abandono de porcos mortos de peste, caminhões, introdução de porcos suspeitos, vendidos em geral por preço de "pechincha", visitas, alimentação, pessoas etc. alargando assustadoramente o seu circulo de ação, impossibilitando, dada a rápida evolução, qualquer providência sanitária em tempo eficiente.

Como se vê portanto, o quadro que se nos depara é realmente desolador, porém o estudo das epizootias de peste que entre nós ocorreram, foram em grande parte mais devido a imprudencia do que propriamente da deficiência dos meios de combate.

Infelizmente, estes fatos estão se repetindo apesar dos inúmeros meios de esclarecimentos, e o que é mais deploravel, é que apesar do alarme de todos ou quasi todos conhecido, novos focos são assinalados, em locais distantes, notando-se absoluta indiferença ou incompreensão. Confessamos que nos parece inacreditavel, que os focos paranaenses estão se projetando na zona Mogiana, mediante a compra de porcos a preço de "ocasião", apesar de saberem do risco a que se expõem os criadores, por isso, apelamos para que todos os interessados se acatelem e colaborem com as autoridades sanitárias no sentido de auxiliar a sua ação, pois do contrário estas autoridades não poderão, com os meios de que dispõem, controlar os multiplos meios de difusão agravados pela ação inescrupulosa dos vendedores e da ingenuidade consciente ou não dos compradores.

Analizados os fatores que condicionam a introdução da doença numa criação e os meios de evitá-los, vejamos agora, qual seria a função da vacina.

A vacina de cristal violeta contra a peste suína é um produto biológico de preparo de

morado. Primeiramente, porque requer um tipo especial de porco para se obter o máximo de rendimento em sangue rico em vírus. Com esse sangue é que se prepara a vacina, requerendo entre permanência na estufa, provas bacteriológicas e de proteção, cerca de dois meses, para ser posta à venda. Isso demonstra pois, que o preparo deste produto não pôde ser de um momento para outro ampliado à vontade, porque depende da qualidade e quantidade de porcos, da capacidade das instalações para os mesmos, da alimentação, do pessoal etc.

Além disso, a vacina contra a peste, bem como qualquer outra vacina de um modo geral, não tem ação curativa, isto é, uma vez aplicada requer, não só, como condição fundamental que o animal não esteja infectado por ocasião da vacinação, mas também, que o mesmo durante uns 15 a 20 dias não entre em contáto com o vírus da doença. A razão se explica; quando se aplica a vacina, decorrem em geral uma a duas semanas antes que a imunidade se estabeleça, permanecendo os animais nesse intervalo de tempo sensíveis não só a outras doenças, mas particularmente, para aquela que foram vacinados. Esse intervalo de tempo, é o chamado período negativo de vacinação.

Por causa disto, a vacinação só deveria ser indicada, apenas nas criações não infectadas e ao abrigo da infecção (conforme se vê no quadro). Na circunstância atual, entretanto, foi preciso ampliar a sua ação de modo que sua aplicação não poude mais obedecer o critério acima estabelecido. Por isso, recomendamos apenas, a vacinação dos porcos da criação, isto é, das porcas de cria e dos cachacos, no intuito de proteger de um lado os animais mais valiosos, e de outro, economizar tanto quanto possível o consumo de vacina.

Quanto à aplicação do soro curativo, como método de tratamento, está o mesmo condicionado a uma série de fatores de ordem econômica e material, que o tornam de utilização prática muito restrita, e portanto pouco indicado para o caso atual.

De acôrdo com o que dissemos, damos um resumo das providências que devem ser observadas, apelando aos criadores em geral, que se acautelem e colaborem com as autoridades sanitárias afim de que, ainda possamos vencer este surto com algumas probabilidades de êxito, caso o mesmo não se alastre ainda mais, por imprudência e falta de escrúpulo ou pela não observação dos conselhos que acabamos de dar.

Essas recomendações consistem em:

- a) — Não comprar porcos, sobretudo si provierem de zonas suspeitas.
- b) — Sacrificar todos os animais doentes de peste, evitando jogá-los nos cursos d'agua ou vende-los a outros criadores.
- c) — Queimar ou destruir todos os cadáveres.
- d) — Desinfetar com solução de soda caustica a 2% em água de cal os locais infectados (pocilgas, mangueirões, meios de transporte etc.).
- e) — Vacinar os porcos ainda sãos.

Com referência à vacinação, dada a limitada produção, deve a mesma ser restringida apenas aos animais destinados à reprodução, isto é, porcas, cachacos e animais finos, deixando os restantes, até que possam ser oportunamente vacinados. A proteção destes, contra o contágio durante esse intervalo, dependerá em grande parte da observação rigorosa das medidas acima aconselhadas.

Si entretanto, houver peste na criação, o critério mais acertado será:

- a) — Sacrificar e destruir todos os animais doentes ou que apresentarem febre (temperatura acima de 40°C).
- b) — Os porcos (porcas de cria e cachacos) poderão, a título precário, ser vacinados desde que colocados em locais desinfetados e ao abrigo absoluto da infecção, durante 20 dias, ocasião em que se estabelece a completa resistência contra a infecção.

Annunciato de Biaso & Irmãos

Casa Fundada em 1913

Fabricante de latas e utensílios para indústria de laticínios.

Vasilhame para PRONTA ENTREGA

CAIXA POSTAL: 21 — TELEF.: 60

End. Teleg.: "BiasoIrmãos"
Lambari — Sul de Minas
Exclusivistas para o Est.
de S. Paulo:

CIA. FABIO BASTOS
COM. IND.

R. Florencio de Abreu, 807
S. PAULO



ANNUNCIATO DE BIASO & IRMÃOS
FABRICANTES
LAMBARÍ MARCA MINAS
INDUSTRIA  REGIST. BRASILEIRA

UM QUEIJO MATURADO "POR MÃO DE MESTRE", É UMA OBRA DE ARTE COMO OUTRA QUALQUER.



Vamos fazer queijos?

DR. JOSÉ DE ASSIS RIBEIRO

MATURAÇÃO

Póde-se considerar feito pela metade o queijo ao sair da salga. Suas características organolépticas (côr, sabor, cheiro, consistência, olhadura, etc.) ainda não estão formadas, e, consequentemente, o produto não serve para ser consumido.

Durante a maturação, o queijo "verde" ou "fresco" passa por uma série de fermentações (desdobrando lactose, caseína, gordura, etc.), de que resultam profundas modificações na massa, que, de rígida, insípida e inodora, passará a macia, de cheiro e gosto

próprios, apresentando além disso, a textura normal do produto de maturação bem conduzida.

Terminada a salga, os queijos são levados à sala de cura (ou câmara de maturação), onde ficarão expostos ao ambiente por tempo variável, conforme o tipo em fabricação.

Para o desenvolvimento normal da maturação, são imprescindíveis condições especiais da sala de cura, sendo que os principais pontos a serem observados são os seguintes:

1 — ambiente relativamente frio e úmido — si não se dispuser de câmara frigorífica, deve a sala de cura ficar livre de insolação intensa, localizada longe da caldeira a vapor, ou de onde seja produzido calor. Há toda a conveniência em ficar esta sala em nível inferior às demais, preferentemente em semi-subterrâneo (cava), conforme vem sendo exigido pelo Ministério da Agricultura em pequenas fábricas de fazenda. Quando se dispuser de instalações frigoríficas (as quais são indispensáveis na obtenção de queijos finos como o Roquefort, o Tilsite, etc.) a máquina produtora do frio, de preferência será de expansão direta, instalando-se o ventilador e as calhas de distribuição do frio dentro da própria câmara. As modernas máquinas, de dimensões pequenas, colocadas na parte lateral ou superior da câmara, tem sido reconhecidamente eficientes.

2 — A umidade deve ser mantida sob vigilância constante, pois, a secura do ambiente é causa de diversos defeitos comumente observados em nossos queijos (casca grossa, fendas, etc.), e, o excesso de umidade, o é de outros (crosta pegajosa, amolecida, não formada, etc.). O gráu higrométrico varia conforme a consistência do queijo (proporcional à umidade da massa), assim, os queijos duros e semi-duros devem ser mantidos em ambiente de 80 a 90% de umidade relativa, devendo os moles ter maturação em câmara de umidade superior a estes limites. Queijos frescos podem ser mantidos perto de 80% de umidade, subindo-se gradativamente com o prosseguir da maturação.

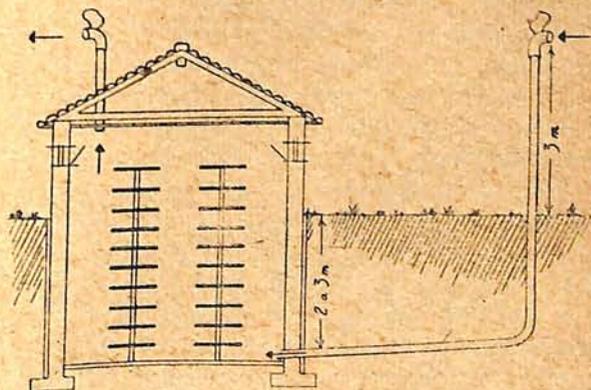
3 — A temperatura da câmara ou da sala de cura é fator decisivo na maturação. Temperaturas elevadas, incentivando as fermentações, podem ser causas de inúmeros defeitos (estufamento, acidificação excessiva, aparecimento de cheiros e gostos anormais, etc.). Baixas temperaturas (que são sempre preferíveis nos casos de pouca confiança na qualidade do leite) apresentam como único inconveniente o retardamento da maturação. Sabe-se que a partir de 12°C, cada gráu de menos na temperatura, corresponde a, mais ou menos, um mês de retardamento na cura. O ambiente da sala de cura pôde ser de 15-18°C para os queijos duros; de 13 a 15°C para

Tripla proteção!

O novo processo de acondicionamento agora usado na Manteiga "Aviação", é o que se pode idealizar de mais perfeito e racional. Tudo foi previsto para assegurar-lhe uma protecção eficaz contra as inclemências da temperatura. Este perfeito systema de acondicionamento significa tres vezes mais protecção a sua manteiga. Em lugar de qualquer outra, prefira "Aviação".



os semi-duros, e, de 10-13°C para os moles. No início da maturação a temperatura deve



Esquema de uma pequena sala semi-subterrânea (cava) para cura de queijos, mostrando a disposição dos canos de barro para ventilação. Podem ser colocados vários dispositivos destes, conforme o tamanho da "cava". (Do livro "Fabricación de quesos" de J. G. Rivas). Este tipo de construção satisfaz integralmente ao que o Ministério da Agricultura vem exigindo em fábricas de queijos onde não se possa instalar câmara frigorífica.

ser a mais baixa, pois, os primeiros dias após à salga correspondem ao período crítico do queijo, em que as fermentações anormais são mais constantes. Quanto mais lenta a maturação do queijo, menores serão as possibilidades de defeitos. E, maturação lenta, só se consegue tecnicamente, em ambientes frios. Depois de maturados, a conservação dos queijos em frigorífico deve ser em temperatura que iniba o prosseguimento da maturação, o que só é possível com a paralização da vida microbiana. Isso se consegue mais ou menos, mantendo-se o queijo a mais 3 ou mais 5°C, o que só é indicável para queijos moles ou macios, justamente os de preços mais elevados. Queijos duros resistirão melhor às temperaturas elevadas, o que nem sempre deixa de os prejudicar.

4 — Ventilação — na sala de cura, não há necessidade de ventilação intensa, a qual pôde mesmo ser prejudicial. Nas câmaras providas de máquina de frio o ventilador desta satisfaz. A ventilação deve ser a suficiente para a troca de ar quando impregnado. Excesso ou falta de ventilação constituem defeitos, o primeiro, por ressecar o ambiente e os queijos, e, o segundo, por permitir retenção de odores, umidade, etc. São, tecnicamente, contra-indicadas janelas em número excessivo na sala de cura. A disposição, o formato e o número de janelas devem ser previamente estudados, de modo a se evitar correntes de ar, iluminação excessiva, e mesmo, entrada de poeira. Conforme a situação da sala de cura, podem ser instalados respiradouros de modo a se orientar a movimentação do ar, principalmente em salas semi-subterrâneas.

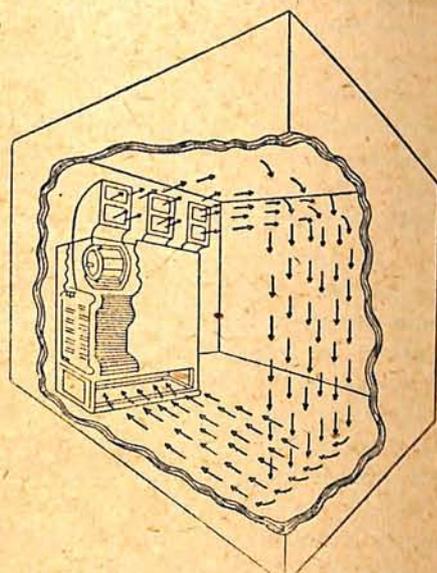
5.º — Iluminação — Não há necessidade de iluminação intensa nas salas de maturação, sendo mesmo prejudicial a ação da luz sobre os queijos. A sala de maturação deve ser mantida em relativa penumbra, não havendo inconveniente em ser feita a cura dos queijos no escuro, podendo-se servir de lâmpadas elétricas quando necessário. Sabendo-se que as moscas se afastam dos lugares escuros, aqui reside mais um motivo para indicação da maturação dos queijos na ausência de luz.

CUIDADOS COM OS QUEIJOS DURANTE A MATURAÇÃO

Os queijos trazidos à sala de cura são depositados nas prateleiras. Sendo as partes

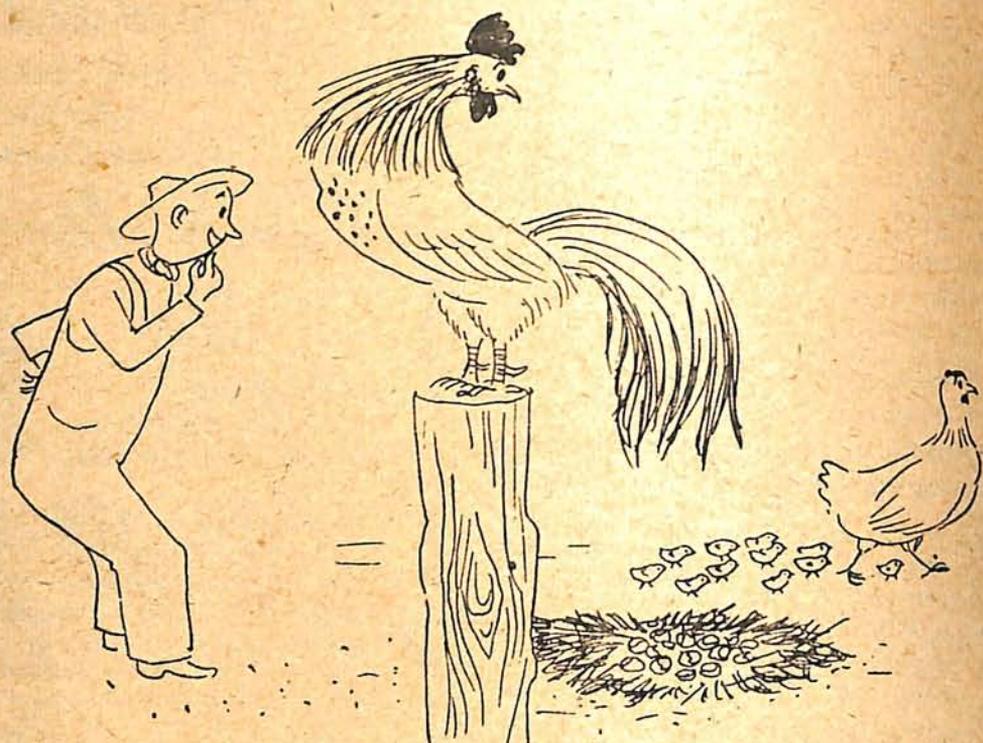
baixas da sala sempre mais frias que as superiores, os queijos frescos são sempre distribuídos pelas prateleiras de baixo, e, à medida que a maturação vai prosseguindo, são passados para as de cima.

As partes do queijo em contato com superfícies de madeira ou metálicas, não recebendo ar, permanecem umidas. Daí a necessidade de viradas dos queijos. Em geral, os queijos são virados de 2 em 2 dias, a princípio, até adquirirem crosta mais ou menos consistente. Umidade que existe, ou mofo que se formem são retirados por meio de esfregamento de pano enxuto. Depois de iniciada a formação da casca, podem ser feitas lavagens, ou com simples salmoura (solução de sal a 5-7%), ou mistura de água, cal e sal (10 litros de água, 500 gramas de cal e 400 gramas de sal), para retirada de limo ou mofo formados na superfície do queijo. Nos dois terços finais da cura, usa-se revestir os queijos, por ocasião das viradas, com óleo vegetal comestível (óleo de algodão cru, óleo de amendoim, de linhaça, etc.). As viradas podem ser espaçadas quando os queijos estão no final da cura, sendo que o revestimento de óleo se fará quando seca a crosta. Este revestimento protege o queijo contra mofo, ponilhas, escoriações, etc., além de melhorar sensivelmente o aspecto externo do produto, e mesmo, as características da massa, mantendo o cheiro e o gosto próprios.



Esquema de uma câmara provida de máquina frigorífica de expansão direta — tipo ideal para queijos. (Do livro "Dairy Engineering", de Arthur W. Farrall).

A MAIOR DESPESA EM UM AVIÁRIO É
COM A ALIMENTAÇÃO, ENTRETANTO
ELA TEM QUE LHE DAR LUCRO.



“Sou pelas Proteínas”

- *dís o galo!*

DR. HENRIQUE RAIMO

É de todos sabida, a importância da alimentação das aves, principalmente quando se trata de uma avicultura em escala industrial. Desde que, a alimentação das aves representa mais da metade do custo da produção de uma dúzia de ovos, fácil será a conclusão que, os resultados a serem obtidos dependem do valor da ração que as aves recebem.

O valor de uma ração poderá ser estimado pela espécie, qualidade e quantidade dos alimentos empregados no balanceamento da ra-

ção. O método ou sistema pelo qual a ração é proporcionada às aves, também têm influência sobre os resultados obtidos.

Os alimentos que entram no balanceamento das rações para aves, são de origem vegetal ou animal.

Segundo o emprego na alimentação, os alimentos podem ser classificados:

1 — Alimentos produtores de energia (hidratos de carbono).

2 — Alimentos protéicos.

3 — Fontes de minerais.

4 — Fontes de vitaminas.

Convém notar que a divisão apresentada é arbitrária. Visa apenas classificar os alimentos, tão somente, pela sua principal finalidade na alimentação das aves.

Assim, embora seja o milho, um cereal tipicamente fornecedor de calor e energia para os animais, não deixa, no entanto de fornecer 10% de proteína, minerais e vitaminas em pequena proporção.

Do mesmo modo, a farinha de carne, fonte concentrada de proteína, não deixa de apresentar riqueza em minerais.

No presente artigo, em notas, serão focalizados os principais alimentos produtores de energia para as aves.

ALIMENTOS PRODUTORES DE ENERGIA

Os alimentos produtores de energia para



É a média de produção de uma boa galinha. Para alcançá-la, e médias ainda mais elevadas, é preciso que as aves encontrem em sua alimentação *todos os nutrientes* necessários, em quantidade e qualidade, não só para a manutenção do seu corpo como para produzir ovos.

As "Rações Concentradas Brasil" *garantem* o fornecimento desses nutrientes.

(Resp. Brenno M. de Andrade, eng.-agro.)



Produto da Refinadora de Oleos Brasil S/A
Rua Xavier de Toledo, 114 - Caixa Postal, 1117
São Paulo

as aves, se caracterizam pelo elevado teor em hidratos de carbono, em sua estrutura química. Na ração das aves, figuram na proporção de 75 a 90% do total de alimentos.

Caracterizam esse grupo de alimentos, os cereais, fontes típicas de hidratos de carbono.

Desse modo, os cereais são empregados na alimentação das aves, como fontes produtoras de calor, energia e substâncias gordurosas.

Os cereais, além dos hidratos de carbono, contêm outros nutrientes, apresentando no entanto, deficiências em determinados aminoácidos essenciais, minerais e vitaminas.

De um modo geral, os diferentes cereais, quando empregados na alimentação das aves, podem figurar em proporções variáveis, segundo o preço e a facilidade de obtenção dos mesmos.

Dentre os cereais mais empregados na alimentação das aves, destacam-se:

Milho — O milho é o cereal mais usado na alimentação das aves e, de preferência o milho amarelo.

O milho apresenta grande riqueza em hidratos de carbono, principalmente amido. Comparado aos outros cereais, apresenta um teor mais alto de matéria graxa. É pobre em proteína e minerais. O milho poderá ser dado sob a forma de fubá (milho moído), quirera (milho quebrado) ou inteiro.

O fubá ou milho moído, de um modo geral, têm o mesmo valor que o milho inteiro.

O fubá grosso ou grosseiramente moído é mais apetecido e apresenta melhores resultados do que fubá finamente moído, como o fubá mimoso, por exemplo.

Convém frizar que, o fubá armazenado por longo tempo, perde muito do seu valor nutritivo.

Além dessas 3 formas em que o milho entra na alimentação das aves, existe um subproduto do milho, que é o refinazil.



A boa alimentação deve começar desde cedo.

O refinazil encontrado no comércio é constituído principalmente de 3 sub-produtos do milho: das substâncias celulósicas (cascas), do farelo da torta de germes do milho (depois da extração do óleo) e do gluten.

O refinazil apresenta-se sob a forma de farelo fino, mais ou menos granulado, de cor amarela-pardacenta, de sabor doce, cheiro próprio e não desagradável.

O refinazil é um excelente alimento concentrado, bem equilibrado, de fácil digestão e rico em proteínas. Póde ser empregado na base de 10-20% do total de alimentos.

Trigo — O trigo integral é o grão mais recomendado para as galinhas, devido sua palatabilidade e qualidades nutritivas.

No entanto, entre nós, o trigo em grão é empregado, quasi que exclusivamente para a moagem e obtenção da farinha panificável.

Encontra-se mais comumente, uma forma de trigo em grão, o **triguilho**.

O **triguilho** nada mais é do que o refugo dos moinhos (grãos murchos, quebrados e sementes de plantas parasitas). É bem aceito pelas aves e considerado bom alimento. Póde entrar na base de 10-20% do total dos alimentos.

Como sub-produtos da indústria moageira encontramos comumente:

Farelo grosso de trigo

Farelinho de trigo

Germe de trigo.

Farelo grosso de trigo — o farelo grosso de trigo, é o sub-produto da moagem do grão de trigo. É formado principalmente pelos envólucros (cascas) dos grãos de trigo.

O farelo grosso de trigo se apresenta como uma massa fôfa constituída de casquinhas finas, macias ao tato e de cor amarela ou de trigo. Apresenta cheiro próprio, lembrando o da farinha de trigo.

O farelo grosso de trigo, contém em média 16% de proteína, 5% de gorduras e 10% de fibras. É pobre em cálcio, porém, seu teor em fósforo é o mais elevado de todos os cereais.

Entra nas rações para dar volume às mesmas e pelos elementos nutritivos que apresenta, na base de 10 a 15% do total dos alimentos.

Farelinho de trigo — O farelinho de trigo, consiste de partículas finas de farelo, de germes e de um pouco de farinha aderente às partículas (casquinhas). Daí seu aspéto farináceo, bem diferente do farelo grosso.

O farelinho de trigo apresenta 12% de nutrientes digestíveis, superior ao farelo grosso e é um dos melhores alimentos para as aves.

O farelinho de trigo apresenta em média 17,5% de proteína, 5,5% de gorduras e 6,8% de fibras.

Entra nas rações na base de 15 a 30% do total dos alimentos. Aumenta a palatabilidade da mistura, fornece vitaminas B1, E e

(Solução da pag. 8)

Vitamina D2 (Calcioferol) é o elemento ativo — fixador do cálcio no organismo — do

DEPOSITON - VETERINÁRIO

produto vitamínico, quimicamente puro, de grande eficácia no tratamento preventivo e curativo do Raquitismo, Osteoporose, Osteomalacia (Cara Inchada) dos animais de grande e pequeno porte, Artrite das Aves, etc.

PARA MAIORES ESCLARECIMENTOS, DIRIGIR-SE AO
INSTITUTO TERAPEUTICO "HUMANITAS" S/A
 Secção Veterinária, caixa postal 1381 — São Paulo

outras, devido seu teor em germe de trigo. Previne a perose devido seu teor em manzanês.

Germe de trigo — O germe do trigo, em alguns moinhos, é separado do farelinho e vendido como farinha de germe de milho. É muito rico em vitaminas B1 e E e contém cerca de 25 a 30% de proteína.

Aveia — A aveia é um excelente alimento para as aves, sob qualquer forma: inteira, moída grosseiramente ou amassada.

A aveia pode entrar na ração das aves, na base de 10 a 30% dos alimentos.

A aveia fornece às aves, fatores indispensáveis ao crescimento, de prevenção do canibalismo e da perose.

Esses fatores se apresentam na casca e no envólucro do grão de aveia.

Arroz — O arroz, apesar de ser um dos cereais mais cultivados no mundo, não fornece alimento, em condições econômicas para a avicultura.

Pode ser dado às aves, em grão, ou sob a forma de um seu sub-produto, o farelinho de arroz ou farelo de burnidor.

Farelinho de arroz — O farelinho de arroz ou de burnidor, produto do polimento do grão de arroz, se apresenta em finas partículas, com cheiro próprio.

O farelinho de arroz apresenta 12,7% de proteína, 11,5% de gorduras e 3% de fibras.

O farelinho de arroz, devido seu teor em gordura, tende a rancificar. Por isso, deve ser usado tão fresco quanto possível. Pode entrar nas rações para aves, na base de 10-15% do total de alimentos.

Os alimentos até agora estudados, em resumo, são os mais encontrados no mercado varejista e os mais empregados na alimentação das aves.

Outros produtos, incluindo-se diversos grãos (cereais) e tubérculos, podem ser empregados, desde que sejam obtidos por preços que justifiquem sua inclusão nas rações.

Tais são: cevada, centeio, sorgo, mandioca, babaçú, côco, batata e melado.

Cevada — A cevada se assemelha muito à aveia em valor nutritivo. Pode ser empregada inteira ou moída, substituindo a aveia ou uma parte de milho ou de trigo, das rações avícolas.

Pode, como a aveia, ser empregada na base de 10 a 30% do total de alimentos.

Centeio — O centeio, embora se compare ao trigo, em valor nutritivo, não é um alimento muito recomendado para as aves. Aconselha-se seu emprego nas rações de frangos e poedeiras, até 15% do total de alimentos.

Na alimentação dos pintos, provoca distúrbios digestivos: diarreia.

Sorgo — O sorgo se assemelha ao milho amarelo, pela sua composição química. Assim sendo, desde que não seja obtido por preço inferior ao do milho, não se justifica seu emprego nas rações para aves.

Na prática, igualmente, não apresenta resultados satisfatórios.

Mandioca — A mandioca, sob a forma de farinha e farelo de raspas, é muito pobre de proteína. É, principalmente, um alimento fornecedor de hidratos de carbono.

A farinha e o farelo de raspas de mandioca, podem figurar na base de 10-15% do total de alimentos, em ração equilibrada.

Babaçú e côco — Sob a forma de farelos, encontram-se na praça varejista de São Paulo, sub-produtos do babaçú e do côco da Baía, empregados na indústria de gorduras vegetais comestíveis.

Os farelos de babaçú e de côco, apresentam boa riqueza em proteínas e podem ser empregados na alimentação das aves, na base de 5% do total dos alimentos.

Batatas — As batatas entram na alimentação das aves, em países, onde sua produção alcança grande tonelagem.

Empregada sempre cozida. Quatro litros de batatas cozidas podem ser dados para 100 galinhas, diariamente, substituindo 750 a 1.000 gramas de grãos, seja milho ou trigoilho.

Melado — O melado, subproduto do fabrico de açúcar, é constituído principalmente de açúcar e água. Contém também minerais e vitaminas.

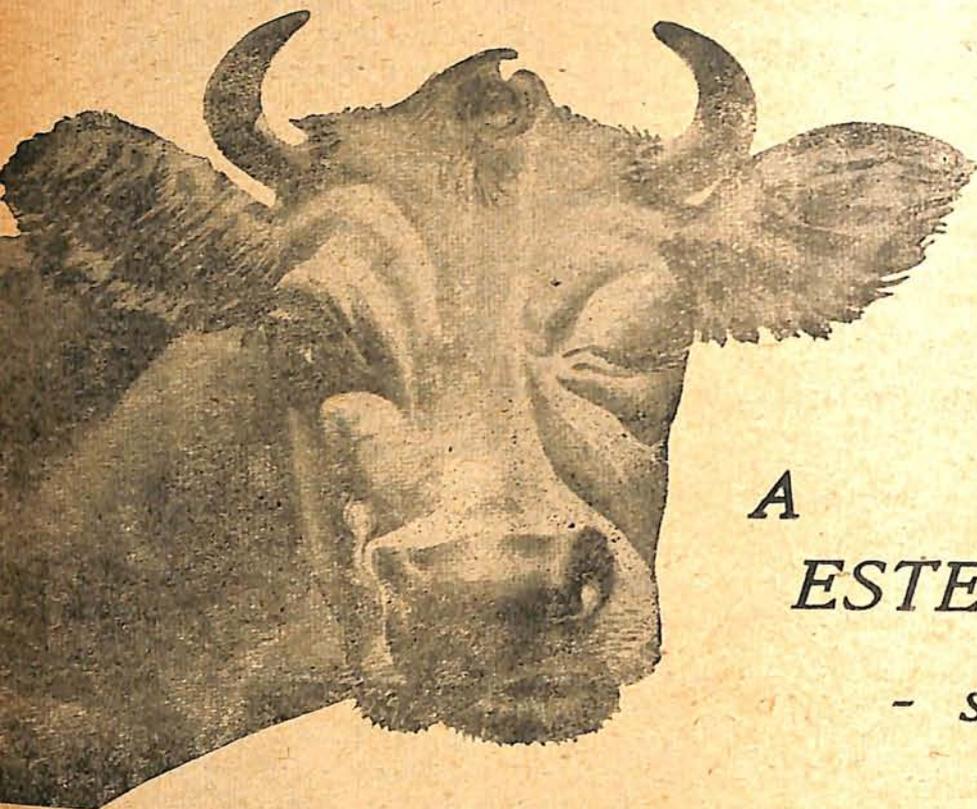
O melado de cana, pode ser empregado na ração das aves, substituindo os cereais, péso a péso, até 10% do total de alimentos da ração.

O melado melhora o sabor da ração e aumenta o consumo de água.

As aves que recebem um suplemento de melado, parecem se manter em bom estado de saúde.

Tais são em resumo, os principais alimentos, capazes de fornecer energia, calor e substâncias gordurosas, às aves.

ANIMAL QUE NÃO SE REPRODUZ E' CAPITAL PARADO QUE NÃO RENDE JUROS. NÃO E' LÓGICO CONTINUAR A ALIMENTÁ-LO. E ENTÃO!...



A ESTERILIDADE

- sério problema

Tem uma importância econômica enorme o problema da esterilidade nos animais domésticos, especialmente do gado puro. Por exemplo, dois fazendeiros que se iniciam na indústria, com igual capital e com um número idêntico de bovinos, podem obter resultados muito diferentes segundo a esterilidade que apanhe os animais. Um deles poderia chegar a duplicar o número de animais de seu plantel e vender o excedente, enquanto o outro talvez apenas chegasse a conservar o número inicial e até perder parte ou todo seu capital. A maior parte dos planteis até certo ponto fracassam na criação e este artigo tem por finalidade explicar o modo de determinar esta perda e como evitá-la. Por fracasso na criação se entende essa perda de tempo durante o qual não se reproduz. Este problema varía muito segundo as condições individuais de

cada plantel ou animal. Si se trata de uma vaca, esta poderia entrar em cio regularmente cada três semanas, permanecendo em tal condição durante certo tempo. Algumas vezes saltam-se alguns períodos de cio e logo a vaca começa novamente a apresentá-los. Algumas vezes os períodos de cio são muito irregulares e até podem ser completamente ausentes. Outras vezes o touro não está em boas condições e deve ser posto com as vacas muitas vezes antes que estas fiquem eficazmente servidas. Tudo isto significa uma perda de tempo ou, como já se disse, um fracasso na criação.

OS ANIMAIS QUE NÃO SE REPRODUZEM TAMBEM CONSOMEM ALIMENTOS

Ainda nestes períodos, durante os quais não se reproduzem, os animais consomem alimen-

tos e estes custam dinheiro. Devem ser cuidados e atualmente a mão de obra não é econômica.

Os animais puros custam muito e um grande capital invertido em animais que não produzem daria benefícios em outros negócios; de modo que o fracasso na criação significa a perda de tempo e tempo é ouro. A maior parte dos criadores sabe quais os animais que não concebem com um só serviço.

Podem assinalar-nos as vacas que não ficam servidas até depois de três ou quatro serviços. Em seus registros figuram como animais individualmente deficientes, tendo produzido sua última cria um ou dois anos atrás e seus proprietários esperam pacientemente que a vaca entre novamente em cio, voltando a produzir. Algumas vezes trata-se de uma vaca que durante seis meses parecia estar prenhe, porém que depois de todo esse tempo volta a entrar em cio, de modo que deve ser posta mais uma vez com o touro, para esperar com o tempo poder determinar si na realidade foi ou não fecundada. E, assim, seus proprietários esperam ter mais sorte outra vez e deixam passar valioso tempo enquanto dez vacas produzem só cinco vitelos por ano, quando deveriam produzir dez. É fácil evitar uma grande parte desta perda de tempo. Por meio do registro individual ou de seu conhecimento pessoal, podemos saber aqueles que perdem tempo. É que estes animais não estão em bom estado de reprodução e isto é tudo o que necessitamos saber: que o animal não está em condições e que seus defeitos devem ser corrigidos. Este transtorno deve ser localizado pelo veterinário.

DOIS PROBLEMAS IDENTICOS

Cada animal constitui por si um problema individual. Poderia tratar-se de um transtorno nos ovários, um quisto, um tumor, um corpo luteo retido ou tratar-se de adesões ou inflamações que fecham os tubos, não deixando descer os ovulos. Poderia também haver infecções, pús no utero, secreções anormais e um sem número de outras cousas.

Ao examinar o animal que fracassou, em certo modo, como reprodutor, é possível determinar si seus defeitos podem ser corrigidos e, tratando-se de casos irremediáveis, o proprietário de um plantel deve desfazer-se do animal. É muito melhor pagar-se um veterinário por seus serviços prestados para corrigir o gado defeituoso que permitir que



Para aparelhos
munidos de fogareiros
ou forninhos

**INGREDIENTE
"JÚPITER"**

(em pó e em pedras)

Para o expurgo de
sementes e de grãos,
sacaria, etc.

**BI-SULFURETO
DE CARBONO
"JÚPITER"**

ARSENIATOS "JÚPITER"
exterminadores do "curaquerê"

**ADUBOS QUÍMICO-ORGÂNICOS
"POLYSÛ" e "JÚPITER"**

Para o preparo de
calda bordalêsa
**SULFATO DE COBRE
"NEVAZUL"**

(cristais bem miúdos)

Contra "oidios" ou "brancos",
"ácaros", etc.

**ENXOFRE DUPLÔ VENTILADO
"JÚPITER"**

Para pulverizações
**PÓ BORDALÊS ALFA
"JÚPITER"**

(Fungicida anérgico
com 16% de cobre)

VERDE PARIS
(Verde de Schweinfurth)
e outros produtos químicos
agrícolas e industriais

**PRODUTOS QUÍMICOS
"ELEKEIROZ" S/A**

SÃO BENTO, 503 - C. POSTAL 255
SÃO PAULO

os animais sigam comendo alimentos que vallem dez vezes mais que os honorários cobrados por aquele. é melhor pagar-lhe um pouco mais que manter uma vaca durante um ou dois anos antes de adivinhar que nunca mais poderá reproduzir.

Muitas vezes se pôde converter um ativo em passivo. Alguns animais de três anos de idade sofrem infecções e inflamações determinando mudanças em seus tecidos genitais, defeito absolutamente irremediavel e que torna o animal inutilizado como reprodutor durante o resto de sua vida. Por que manter estes animais durante anos? Algumas vezes uma só operação — por exemplo, apertando um quisto ou retirando um corpo luteo — será suficiente para converter uma fêmea esteril em um animal reprodutivo. Muitas vezes a esterilidade é um sinal preliminar da presença de alguma enfermidade contagiosa ou infecciosa, como a brucelose, que começa no plantel. Um diagnóstico precoce servirá para evitar que estas enfermidades se extendam entre os animais e portanto é de suma importância.

SÃO MUITOS OS FATORES QUE AFETAM A SAUDE DO PLANTEL

São muitos os fatores que afetam o estado reprodutivo de um plantel, à parte as infecções, de uma nutrição errada e de outros males conhecidos. Algumas vezes a falta de desenvolvimento glandular torna necessário extração glandular adequada; algumas vezes a falta de vitamina C ou algum outro fator como seja a superabundância de gordura ou a falta de exercício, afetam o plantel. Soube-se de vacas que foram enviadas ao mercado para ser vendidas porque eram estereis quando na realidade elas já possuíam um feto de três, quatro ou cinco meses. Um exame adequado evitará esta perda.

Consultemos um veterinário devidamente habilitado para não sofrermos sérios prejuizos e si nosso plantel não deu os resultados desejados, façamos com que para o futuro isto não aconteça.

(Campo y Arado - Jan. 1946)

“Calôr Úmido” nos Processos Respiratórios

O Calôr Úmido de um envoltório de ANTIPHLOGISTINE é de valôr decisivo no alívio de muitos sintomas molestos que acompanham as afecções do tracto respiratório.

E d e m a
T o s s e
M a l - e s t a r
M i a l g i a P l e u r i d i n i a
I n f l a m a ç ã o

ANTIPHLOGISTINE é uma cataplasma medicinal pronta para o uso. Mantém durante várias horas o Calôr Úmido reconfortante.

Antiphlogistine

THE DENVER CHEMICAL MFG. CO. NOVA YORK

Amostra e literatura sob pedido a

SCHILLING, HILLIER & CIA. LTDA.

Caixa Postal N.º 1030

RIO DE JANEIRO

ANTIPHLOGISTINE é fabricada no Brasil

SABE COMO EVITAR A EROSIÃO DA TERRA? SE NÃO
SABE LEIA O QUE SEGUE. E SE SABE, NÃO DEIXE
DE LER, POIS AQUI HA NOVIDADES!

Cultura em Faixa

J. Quintiliano A. Marques

Eng.º Agr.º Chefe da Secção de Conservação
do Solo do Instit. Agronômico de Campinas

A Natureza para ser comandada precisa ser obedecida.

Dentre os vários recursos de que podemos dispor para controlar a erosão e conservar nossos solos sempre produtivos um dos mais interessantes, sem dúvida alguma, é o da cultura em faixas.

Por ser esse sistema ainda muito pouco conhecido dos lavradores, é que vimos com esta nota divulgar alguns conhecimentos a respeito.

Ao fazê-lo, nenhuma dúvida ou incerteza acerca de sua exequibilidade e praticabilidade em nossas condições nos constrange, uma vez que já tivemos oportunidade de comprová-las e verificá-las em algumas estações experimentais e fazendas particulares, representativas de uma área considerável do país, e, sob um conjunto bastante variado de nossas condições agronômicas.

Falta ainda estabelecer e firmar alguns detalhes de sua execução, especiais para as nossas principais culturas e coerentes com as nossas várias condições de solo e topografia. Apesar disso, porém com os conhecimentos e

as experiências que até o presente pudemos reunir, já nos sentimos encorajados para divulgá-lo e recomendá-lo.

Pondo de lado, mesmo a racionalidade de seus princípios fundamentais, a simplicidade de sua execução e os seus já promissores resultados em nosso meio, e, à vista unicamente de seu custo praticamente nulo, poderíamos quase sem constrangimento sugerir ao lavrador que o experimentasse em suas lavouras, pois, ainda que fosse considerado insuficiente ou de efeito nulo no controle da erosão, não acarretaria prejuízo material sensível.

Recomendando-o à consideração dos senhores lavradores, não queremos, entretanto, de maneira alguma, dar a entender que seja um sistema infalível para o controle da erosão e conservação do solo. Fazemos questão outrossim, de chamar atenção para as suas possibilidades de falha ou insuficiência, quando usado isoladamente em condições de declive muito forte ou de terrenos já muito sulcados por erosão.



Fig. 1 — Vista panorâmica de um sistema de cultura em faixa em que figuram o algodão, o milho e uma leguminosa em rotação trienal. — (Est. Experimental de Pindorama — S. Paulo). Foto do autor.

De qualquer maneira, temos certeza de que, todos os lavradores que o experimentar, dentro dos limites que a razão indica para a sua aplicabilidade, logo comprovarão os seus benefícios e jamais o abandonarão.

A seguir, procuraremos pôr em evidência os princípios em que se baseia o sistema, princípios esses que, bem interpretados, poderão por si só capacitar os lavradores inteligentes e senhores de algum bom senso a planejar e a executar sistemas de cultura, em faixas, adaptados às suas condições particulares.

Posteriormente entretanto, esperamos voltar com maiores detalhes e indicações para a execução do sistema em suas várias modalidades.

Os princípios básicos do sistema de cultura em faixas podem ser assim resumidos: (1) diferenças em densidade da cobertura vegetal, (2) parcelamento dos grandes lançamentos, e (3) disposição em contorno.

DIFERENÇAS EM DENSIDADE DA COBERTURA VEGETAL

De uma maneira geral, pôde-se dizer que, de toda a série de medidas idealizadas pelo homem para controlar a erosão e conservar o sólo, as melhores e mais duradouras são aquelas sugeridas pela própria natureza, numa confirmação magnífica da sábia frase de Francis Bacon, segundo a qual a natureza, para ser comandada, precisa ser obedecida.



Fig. 2 — Milho, algodão e feijão de porco em rotação num sistema de cultura em faixas. — (Est. Experimental de Pindorama — S. Paulo). Foto do Autor.

Aparentemente, os interesses que o homem defende e bem assim os processos de que lança mão, para explorar ou comandar a natureza, não são compatíveis com os interesses conservacionistas desta ou com os processos que ela dirige para preservar seu patrimônio.

Uma análise mais profunda, entretanto, mostra que o interesse do homem não é apenas aquele estritamente imediatista que ele às vezes aparenta individualmente, mas é também aquele de longo alcance, que defende como membro da sociedade. E este interesse de longo alcance consubstancia-se e confunde-se perfeitamente com o próprio interesse conservacionista da natureza, que representa também o interesse dos grupos sociais.

Identicamente, quando analisamos profundamente os processos que o homem usa para defender seus interesses, em confronto com os processos que a natureza segue em sua evolução, verificamos que eles se confundem em seus princípios fundamentais. Em outras palavras, o homem comandando a natureza, imita-a e obedece-a.

E esse é, justamente, o nosso caso. A natureza ensina que o princípio fundamental de toda proteção que oferece para preservação da integridade do solo reside na densidade da cobertura vegetal; o homem, embora não aplicando esse ensinamento em seu grau máximo, o que corresponderia a cobrir toda a terra novamente de florestas e prados, já está ciente, entretanto, de seu princípio fundamental e dele está procurando lançar mão para conservar o solo, que explora, em bases seguras e duradouras. Infelizmente, poucas das nossas culturas básicas oferecem boa proteção ao solo.

O sistema de cultura em faixas, de que tratamos, é um dos principais meios com que o homem conseguiu conciliar seus interesses

econômicos imediatistas, de exploração do solo, com os interesses conservacionistas reclamados para sua segurança. Graças à aplicação do princípio de uma densa cobertura vegetal, sugerido pela natureza, por meio de faixas alternadas de culturas de vegetação mais densa com culturas de vegetação menos densa, o homem vem conseguindo em grau menos intenso, é claro, o mesmo desiderato conservacionista da natureza.

A importância, para conservação do solo, da densidade da cobertura vegetal, compreendendo esta não somente as plantas como também os resíduos vegetais se manifesta nos seguintes pontos principais: (1) interceptação das gotas de chuva e proteção do solo contra o seu impacto direto; (2) absorção e evaporação da água de chuvas, antes de atingir o solo, diminuindo o volume das enxurradas; (3) interceptação do livre escoamento das enxurradas sobre a superfície do solo, diminuindo sua velocidade e, conseqüentemente, seu volume através de uma mais longa oportunidade de infiltração; (4) travamento e estruturação do solo superficial contra o arrastamento pelas enxurradas, por ação das raízes e dos detritos vegetais; e (5) aceleração e intensificação da infiltração da água no solo, através dos canais e poros abertos pelas raízes e pela matéria orgânica incorporada.

Se percorremos toda a série de nossas culturas mais importantes, iremos verificar que apresentam sensíveis diferenças na densidade e na exuberância de vegetação, e, conseqüentemente, diferentes graus de proteção do solo contra o fenômeno da erosão.

Essas diferenças em densidade de cobertura são resultado não somente das características de crescimento e desenvolvimento inerentes aos ciclos vegetativos das plantas que

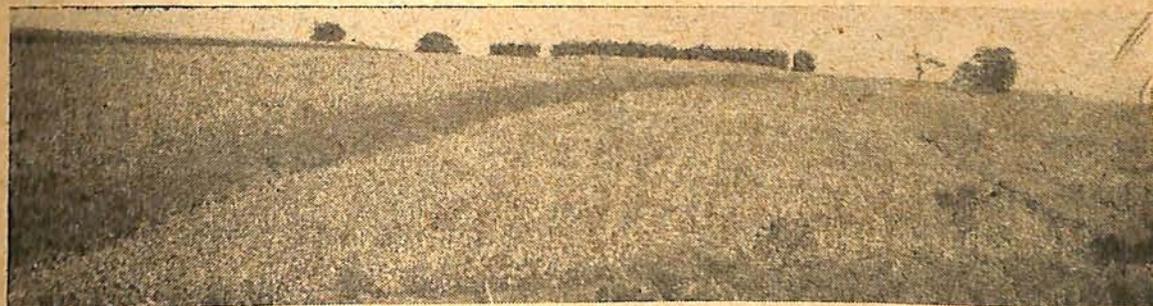


Fig. 3 — Milho e algodão em rotação num sistema de faixas paralelas, separadas por um cordão de "Tephrosia candida" — Est. Exp. de Santa Eliza — Campinas S. Paulo — Foto do Autor.



Fig. 1 — Vista panorâmica de um sistema de cultura em faixa em que figuram o algodão, o milho e uma leguminosa em rotação trienal. — (Est. Experimental de Pindorama — S. Paulo). Foto do autor.

De qualquer maneira, temos certeza de que, todos os lavradores que o experimentar, dentro dos limites que a razão indica para a sua aplicabilidade, logo comprovarão os seus benefícios e jamais o abandonarão.

A seguir, procuraremos pôr em evidência os princípios em que se baseia o sistema, princípios esses que, bem interpretados, poderão por si só capacitar os lavradores inteligentes e senhores de algum bom senso a planejar e a executar sistemas de cultura, em faixas, adaptados às suas condições particulares.

Posteriormente entretanto, esperamos voltar com maiores detalhes e indicações para a execução do sistema em suas várias modalidades.

Os princípios básicos do sistema de cultura em faixas podem ser assim resumidos: (1) diferenças em densidade da cobertura vegetal, (2) parcelamento dos grandes lançamentos, e (3) disposição em contórno.

DIFERENÇAS EM DENSIDADE DA COBERTURA VEGETAL

De uma maneira geral, pôde-se dizer que, de toda a série de medidas idealizadas pelo homem para controlar a erosão e conservar o sólo, as melhores e mais duradouras são aquelas sugeridas pela própria natureza, numa confirmação magnífica da sábia frase de Francis Bacon, segundo a qual a natureza, para ser comandada, precisa ser obedecida.



Fig. 2 — Milho, algodão e feijão de porco em rotação num sistema de cultura em faixas. — (Est. Experimental de Pindorama — S. Paulo). Foto do Autor.

Aparentemente, os interesses que o homem defende e bem assim os processos de que lança mão, para explorar ou comandar a natureza, não são compatíveis com os interesses conservacionistas desta ou com os processos que ela dirige para preservar seu patrimônio.

Uma análise mais profunda, entretanto, mostra que o interesse do homem não é apenas aquele estritamente imediatista que ele às vezes aparenta individualmente, mas é também aquele de longo alcance, que defende como membro da sociedade. E este interesse de longo alcance consubstancia-se e confunde-se perfeitamente com o próprio interesse conservacionista da natureza, que representa também o interesse dos grupos sociais.

Identicamente, quando analisamos profundamente os processos que o homem usa para defender seus interesses, em confronto com os processos que a natureza segue em sua evolução, verificamos que eles se confundem em seus princípios fundamentais. Em outras palavras, o homem comandando a natureza, imita-a e obedece-a.

É esse, justamente, o nosso caso. A natureza ensina que o princípio fundamental de toda proteção que oferece para preservação da integridade do solo reside na densidade da cobertura vegetal; o homem, embora não aplicando esse ensinamento em seu grau máximo, o que corresponderia a cobrir toda a terra novamente de florestas e prados, já está ciente, entretanto, de seu princípio fundamental e dele está procurando lançar mão para conservar o solo, que explora, em bases seguras e duradouras. Infelizmente, poucas das nossas culturas básicas oferecem boa proteção ao solo.

O sistema de cultura em faixas, de que tratamos, é um dos principais meios com que o homem conseguiu conciliar seus interesses

econômicos imediatistas, de exploração do solo, com os interesses conservacionistas reclamados para sua segurança. Graças à aplicação do princípio de uma densa cobertura vegetal, sugerido pela natureza, por meio de faixas alternadas de culturas de vegetação mais densa com culturas de vegetação menos densa, o homem vem conseguindo em grau menos intenso, é claro, o mesmo desiderato conservacionista da natureza.

A importância, para conservação do solo, da densidade da cobertura vegetal, compreendendo esta não somente as plantas como também os resíduos vegetais se manifesta nos seguintes pontos principais: (1) interceptação das gotas de chuva e proteção do solo contra o seu impacto direto; (2) absorção e evaporação da água de chuvas, antes de atingir o solo, diminuindo o volume das enxurradas; (3) interceptação do livre escoamento das enxurradas sobre a superfície do solo, diminuindo sua velocidade e, conseqüentemente, seu volume através de uma mais longa oportunidade de infiltração; (4) travamento e estruturação do solo superficial contra o arrastamento pelas enxurradas, por ação das raízes e dos detritos vegetais; e (5) aceleração e intensificação da infiltração da água no solo, através dos canais e poros abertos pelas raízes e pela matéria orgânica incorporada.

Se percorremos toda a série de nossas culturas mais importantes, iremos verificar que apresentam sensíveis diferenças na densidade e na exuberância de vegetação, e, conseqüentemente, diferentes graus de proteção do solo contra o fenômeno da erosão.

Essas diferenças em densidade de cobertura são resultado não somente das características de crescimento e desenvolvimento inerentes aos ciclos vegetativos das plantas que

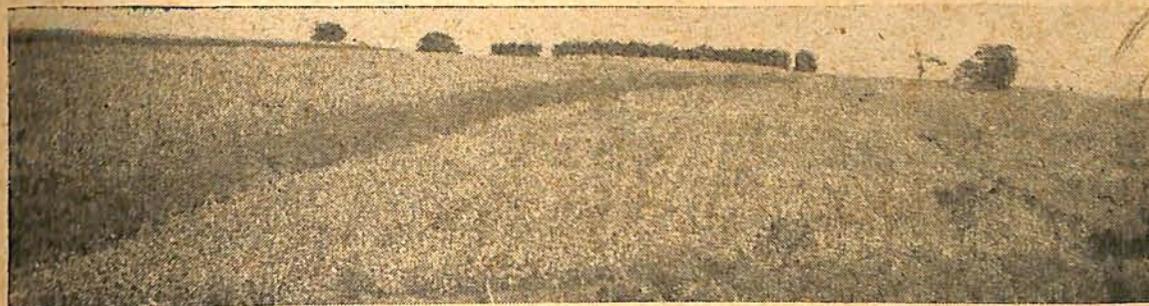


Fig. 3 — Milho e algodão em rotação num sistema de faixas paralelas, separadas por um cordão de "Tephrosia candida" — Est. Exp. de Santa Eliza — Campinas S. Paulo — Foto do Autor.

constituem a cultura pr6priamente dita, como tambem das caracteristicas de invas6o e alastramento das ervas daninhas que a elas se associam.

Consequentemente, apresentam-se como fun76o n6o s6 da esp6cie da cultura, mas tambem do desencontro das suas 6pocas de plantio e de cultivos.

Com efeito, cada cultura, durante o seu ciclo de explora76o, passa gradualmente do m6nimo ao m6ximo de sua densidade de vegeta76o, com oscila76es tempor6rias sincronizadas aos cultivos e aos tratos culturais.

Tod6o lavrador sabe, perfeitamente, que uma cultura de algod6o, por exemplo, estraga muito mais a terra, ou, em outras palavras, sobre e protege muito menos o terreno do que uma cultura de milho, de feij6o, a de rami, de arroz, ou, especialmente, do que uma cultura de cana ou uma capineira. Sabe outrossim, que as culturas plantadas mais cedo e as mais sujas de mato protegem muito mais a terra do que as mais atrasadas e mais limpas de mato. De passagem, lembramos que os mais s6rios estragos por eros6o coincidem, quase sempre, com o in6cio da 6poca

chuvosa, quando os terrenos recém-preparados ainda n6o se acham protegidos pela cultura ou pelas ervas espontaneas.

De tudo isso, conclue-se que a simples explora76o racional dessas pequenas, mas significantes diferen7as em densidade de vegeta76o, que se verificam entre as v6rias culturas de uma fazenda, assegurar6 ao lavrador uma maneira econ6mica e eficiente de atenuar os mal6ficos efeitos da eros6o.

E, o sistema de cultura em faixas tem, justamente, como um de seus fundamentos, essa explora76o racional das pequenas diferen7as em densidade de vegeta76o das v6rias culturas. Efetivamente, alternando culturas abertas e desprotegidas com culturas cerradas e protegidas e culturas plantadas e cultivadas em 6pocas diferentes, transversalmente nos grandes lan7antes do terreno sujeitos 6 eros6o, o referido sistema faz com que as culturas cerradas, ou, ent6o os capins plantados ou espontaneos, n6o s6 reduzam o impeto de escoamento das enxurradas nas culturas abertas e limpas, como tambem filtrem delas uma grande parte da carga de terra trazida em suspens6o, al6m de reduzir seu volume, em



Fig. 4 — Detalhe mostrando a efici6ncia do sistema de cultura em faixas niveladas. O milho retendo a terra perdida pelo algod6o. — Est. Experimental de Pindorama, S. Paulo. — Foto do Autor.

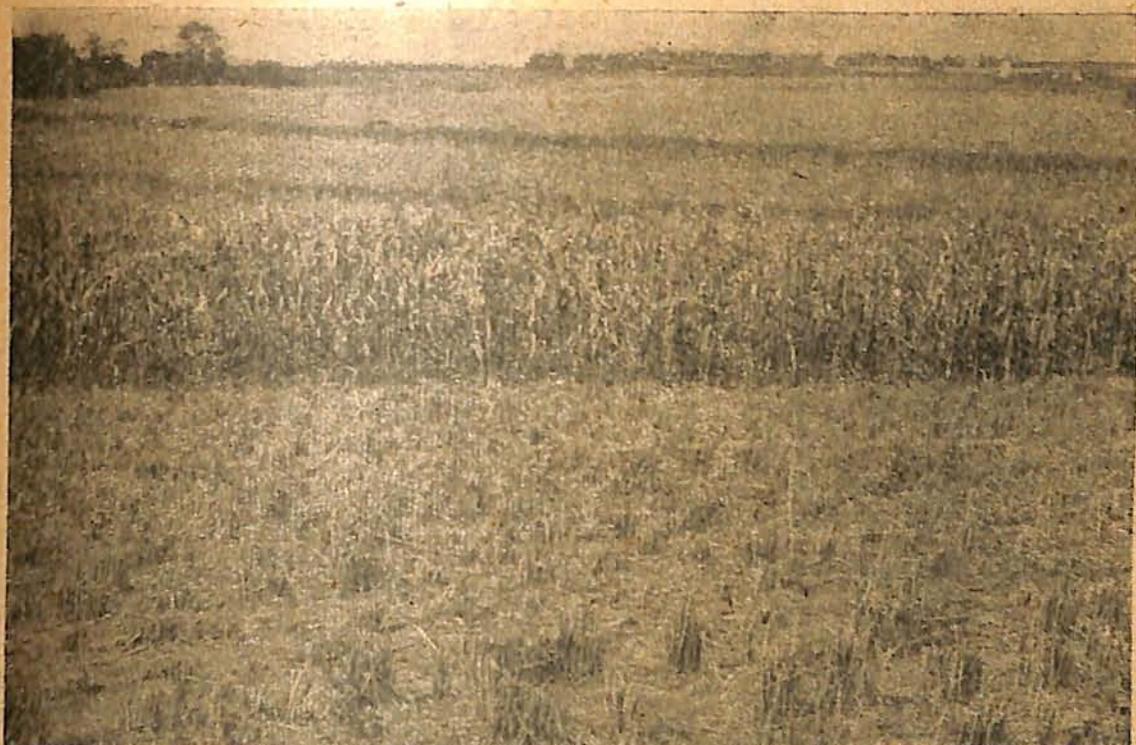


Fig. 5 — No primeiro plano um sistema de culturas em faixa com milho e arroz em rotação; e, ao fundo, outro plano em que faixas de milho são intercaladas com cordões de cana de açúcar para forragem em curva de nível. — Est. Experimental de Pindorama. — S. Paulo — Foto do Autor.

consequência de maior tempo proporcionado para absorção e infiltração da água.

Complementarmente, ainda podemos acrescentar que esse arranjo de diferentes culturas, inclusive, muitas vezes, leguminosas, em faixas alternadas, sugere e facilita sobremaneira planos de rotação de culturas de indiscutível valor para a conservação da fertilidade do solo.

PARCELAMENTO DOS GRANDES LANÇANTES

O poder erosivo das enxurradas, como é sabido, aumenta proporcionalmente com o seu volume e com a sua velocidade de escoamento. Em outras palavras, quanto maior a quantidade de enxurrada escorrida e quanto maior, o seu impeto de escoamento sobre a superfície do terreno, tanto maior é a quantidade de terra arrastada.

Ora, aumentando o volume da enxurrada proporcionalmente com a área de terreno a montante, ou, em outros termos, com o comprimento do lançante por onde escorreu, uma vez que as sobras das partes superiores se

vão somando às sobras das partes inferiores, e, acelerando-se sua velocidade proporcionalmente com a extensão do caminho percorrido morro abaixo, conclue-se que o poder erosivo das enxurradas aumenta proporcionalmente com o comprimento do lançante por onde escorrem livremente.

Todo lavrador já teve ocasião de observar que numa cultura aberta e desprotegida, como a do algodão, por exemplo, quanto mais longa e sem interrupção é uma rampa ou um lançante do terreno cultivado, tanto mais numerosos e mais profundos são os sulcos provocados pelas enxurradas. Já observou, outrossim, que os sulcos de erosão inexistentes ou apenas perceptíveis nas primeiras dezenas de metros de cabeceira de um lançante comprido se acentuam e se aprofundam gradualmente, à medida que se distanciam da cabeceira, indo constituir verdadeiras grotas no sopé do morro.

A redução de comprimento e a interrupção dos grandes lançantes de terreno desprotegido, representam, conseqüentemente, valioso artifício para contróle da erosão.

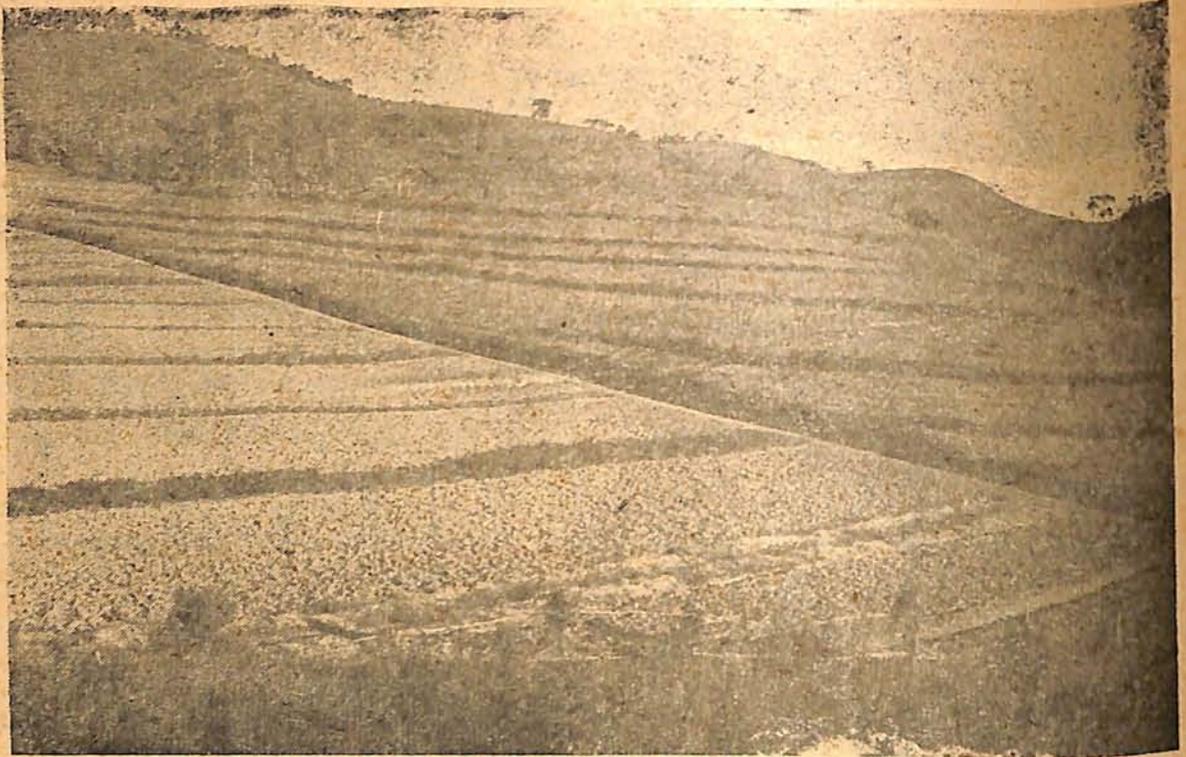


Fig. 6 — Ao lado esquerdo da estrada foi cultivado milho em faixas intercaladas com os cordões permanentes de capins diversos; e, ao lado direito está sendo cultivado mandioca entre cordões de capim gordura. Escola Superior de Agricultura. Viçosa — Minas Gerais. — Foto do Autor.

E o sistema de cultura em faixas lança mão desse artifício, através de uma limitação, racional da largura de cada faixa. As larguras das faixas de cultura aberta e das faixas de cultura cerrada são limitadas de tal sorte que, sem haver prejuízo nos lucros normalmente auferidos da terra, a proteção oferecida pelas culturas cerradas compensa as perdas sofridas pelas culturas abertas.

De acôrdo com esse critério, para as faixas de culturas abertas o limite máximo de largura deverá ser determinado pelo comprimento máximo do lançante que puder ser explorado seguramente com a cultura em questão, levando-se em consideração, naturalmente, o tipo do sólo e o gráu do declive. O limite mínimo de largura deverá ser determinado exclusivamente pelo interêsse econômico, uma vez que essas culturas abertas constituem em geral, as culturas básicas da economia da fazenda.

Para as faixas de culturas cerradas que, infelizmente, em geral não associam ao seu valor, como culturas protetoras do sólo, proporcional valor como fonte de renda para a

fazenda, ao contrário, o limite máximo de largura deverá ser determinado pelo interêsse econômico exclusivamente, e, o limite mínimo de largura deverá ser determinado pelo comprimento mínimo do lançante que, coberto com a cultura ou capineira em questão, fôr capaz de reduzir a velocidade e o volume das enxurradas a proporções não perigosas.

DISPOSIÇÃO EM CONTÓRNO

A velocidade de escoamento das enxurradas, como é sabido, é diretamente proporcional ao declive do sulco ou da superfície por onde escorre. Quanto menor, portanto fôr esse declive, tanto menor também será o seu impeto erosivo e tanto maiores as possibilidades de absorção e de infiltração da água.

Dessa fórmula, um terceiro artifício para controlar a erosão seria o de coletar e estagnar completamente as águas superficiais por meio de sulcos dispostos horizontalmente, ou, de retardar o seu escoamento por meio de sulcos de declive muito suave.

Esse artifício, aliás, pôde em sua essência



Fig. 7 — Aspecto dos cordões de capim gordura em curva de nível, intercalados numa cultura de mandioca. — Escola Superior de Agricultura — Viçosa — Minas Gerais — Foto do Autor.

ser identificado com aquele do parcelamento dos grandes lançantes que acabamos de ver.

As curvas de nível ou linhas em contorno, que nada mais são do que interseções de planos horizontais imaginários com a superfície do terreno, constituem portanto, a melhor orientação para fileiras de plantas ou para qualquer outra obstrução que se puder antepor ao livre escoamento das enxurradas.

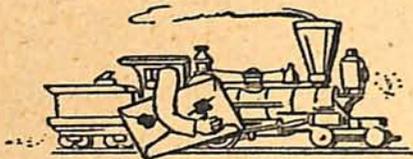
O sistema de cultura em faixas lança mão de mais esse artifício de controle da erosão, dispondo em nível exato ou aproximado não somente as faixas de culturas como também as próprias carreiras de plantas dentro de cada faixa. Dessa forma, antepõe ao livre escoamento das enxurradas não só o obstáculo da maior densidade de vegetação das faixas de culturas cerradas, como também, aqueles formados pelas próprias carreiras de plantas e pelos pequenos sulcos que, durante as operações de plantio e cultivo naturalmente se formam ao seu longo ou no seu intervalo. Em alguns casos, o obstáculo constituído pela maior densidade das culturas costuma ser reforçado com ligeiros sulcos e ca-

malhões de terra ao longo de sua linha divisória superior.

Em vez de curvas em nível exato, em alguns casos de chuvas torrenciais perigosas, de terrenos muito impermeáveis ou de terrenos muito inclinados, são preferíveis curvas com uma suave declive, a título de segurança contra os possíveis transbordamentos e rompimentos dos pequenos sulcos e camalhões de terra que se formam ao longo e entre as fileiras de plantas. Esses sulcos, permitirão, dessa forma, uma suave drenagem do terreno, conduzindo as enxurradas para escoadouros naturais previamente protegidos.

A disposição em contorno, dada às faixas e às carreiras de plantas dentro das faixas, é não só eficiente medida de controle de erosão, como também valiosa medida de economia de força de tração nas operações de trabalho da terra. Ainda, a par dessa economia em força de tração verifica-se que os trabalhos são mais fácil e convenientemente executados. A economia em força de tração decorrente da execução dos trabalhos mecâni-

(Conclue na pag. 85)



Sua Carta Chegou

MAMITE — BOVINOS

A mamite é uma enfermidade frequente em todas as fêmeas domésticas, particularmente nas vacas depois do parto. Acontece que os animais destinados à produção de leite, as boas produtoras, é que são mais comumente atingidas. A mamite é devida à inflamação dos tecidos parenquimatosos ou intersticiais ou dos dois concomitantemente ao cabo de alguns dias.

Muitos germes são causadores da inflamação do úbere, porém o streptococcus é o mais comum, contudo, muitas causas podem originar a mamite, por exemplo, traumatismo.

Os sintomas são bruscos com aparecimento de febre, perda de apetite, supressão da ruminação, desvio do membro posterior do lado enfermo. No úbere: edema doloroso, o tétio avermelhado e um tanto endurecido. A secreção lactea suspensa ou profundamente modificada.

Em certos casos sobrem supuração com abscessos superficiais ou profundos que dão saída ao púz, espontaneamente ou no momento da ordenha. Muitas vezes ha zonas necrosadas ou gangrenadas.

O tratamento profilático consiste em limpar com agua morna e algum desinfetante todo o úbere, proporcionar cama limpa, esvasiar bem o úbere.

O tratamento curativo consiste no emprêgo das sulfas nas dosagens indicadas pelos diversos laboratórios.

Um fato que não deve ser esquecido é de que, depois do parto, deve-se manter o úbere vazio, fazendo ordenhas repetidas, porque a parada de leite dentro desse órgão póde ser a causa da instalação da mamite.

ABORTO CONTAGIOSO — EQUIDEOS

E' uma doença infeto-contagiosa conhecida tambem com o nome de paratifo ou poliartrite dos potros.

Para essa doença alguns institutos, entre os quais o Instituto Biológico, possuem vacinas cujos resultados são muito satisfatórios. A vacina preparada pelo Instituto Biológico de S. Paulo deve ser aplicada em três doses de 5 cc. por via muscular, a partir do terceiro mês de prenhez das eguas e deve ser repetida anualmente por ocasião das prenhes sucessivas.

Outras medidas profiláticas consistem: separação dos animais que abortam dos animais sãos; desinfecção rigorosa dos locais contaminados pelos animais que abortaram, mediante lavagem e caiação com agua de cal contendo 2 a 3% de soda cáustica; as eguas prenhes um pouco antes da parição devem ser separadas em maternidade onde no caso de aborto mais facilmente se realiza a desinfecção que deve consistir na destruição do feto, secundinas, palha da cama usando fogo de preferência. Logo depois cair a maternidade nas condições que foram acima apontadas.

As eguas que abortaram devem ser mantidas separadas principalmente enquanto durar qualquer corrimento uterino. Nesses casos, lavagens com soluções de permanganato de potassio a dois por mil são sempre eficientes. Muito cuidado devem merecer os garanhões que, uma vez cobrindo eguas infectadas não devem cobrir outros animais.

A prevenção contra esta doença deve pois estar baseada no isolamento dos animais ata-



A A.P.C.B. registra suas marcas e propriedades no Minist. da Agricultura, sem lhe dar trabalho.

cados, impedindo-se que forragem, água de bebida ou objetos possam veicular a infecção.

MIASES — OVINOS E CAPRINOS

Vulgarmente as miases são chamadas bicheiras e são produzidas por larvas de diferentes moscas, algumas conhecidas nas fazendas com o nome de varejeiras. As larvas se desenvolvem nos tecidos dos animais ainda vivos ou em tecidos já mortos ou em putrefação. De qualquer forma as bicheiras representam um prejuízo muito grande ao criador porque molestam muito os animais causando-lhes feridas graves que, às vezes, são responsáveis pela sua morte.

As bicheiras se localizam em qualquer ferida que não está bem desinfetada e bem protegida. Por isso convém tratar muito bem das feridas dos animais, seja de qualquer natureza. Por que mesmo em feridas cirurgicas, como as de castração, corte de cauda, de chifres, etc. podem as moscas depositar ovos dos quais nascem as larvas. Por isso além da desinfecção deve-se proteger a ferida com uma substância repelente como o alcatrão ou iodoformio, cujo cheiro ativo impede que as moscas varejeiras se avizinhem da ferida.

Uma vez instalada a bicheira, um tratamento eficaz e barato consiste em lavagens com soluções de benzol que determinam a morte das larvas.

PIROPLASMOSE — CÃO

Vulgarmente esta doença é conhecida pelo nome de nambiuvú ou peste de sangue e ataca preferentemente os cães novos.

Fazenda RETIRO FELIZ

CRIAÇÃO DE ANIMAIS PURO SANGUE
DA RAÇA

NELORE

VENDAS DE REPRODUTORES

Para informações, na própria fazenda em ENGENHEIRO HERMILLO (E. F. Sorocabana) com o Sr. RUFINO SOARES ou com o proprietário Dr. OCTAVIO DA ROCHA MIRANDA à

PRAÇA FLORIANO, 31
2.º Andar :: RIO DE JANEIRO

Na forma aguda, esta doença é quase sempre mortal, manifestando-se após alguns dias por febre alta, urina rosea, vermelha ou enegrecida, anda cambaleante e termina com paralisia, ficando triste, indiferente a tudo, sem apetite e mostra ter muita sede. As mucosas da boca e da conjuntiva ficam inicialmente pálidas e logo depois amareladas. A forma crônica termina quase sempre pela cura no fim de dois a três meses, sendo mais comum nos cães adultos.

O diagnóstico da doença é facilitado pelo exame de laboratório e só um técnico habilitado poderá realizá-lo.

Desde que a doença é devida a um parasita que é inoculado no cão através certas espécies de carrapatos, a profilaxia deve consistir em banhar os cães com soluções carrapaticidas.

O tratamento consiste em injetar tripanblau subcutaneamente na dose de cinco a seis centímetros cúbicos de uma solução dessa droga a um por cento.

F E N O T I A Z I N

Vermifugo do Seculo XX

NÃO É TOXICO! NÃO TEM GOSTO! NÃO TEM CHEIRO!
100 % DE EFICIENCIA EM QUASI TODOS OS CASOS
DE VERMINOSES DE CAVALOS, VACAS, CÃES,
CABRAS, PORCOS, AVES, ETC.

Literaturas e pedidos á

Industria Brasileira de Produtos Químicos Ltda.

PRAÇA CORNELIA, 96 — TELEFONE: 5-0303

SÃO PAULO

FABRICA DE PRODUTOS QUIMICOS
"GAS-PAR"
CARRAPATICIDA
 GAS-PAR
SARNICIDA
 GAS-PAR
MATABERNE
 GAS-PAR
GROSFOSAL
 GAS-PAR
ZOOFOSCAL
 GAS-PAR
CREOS
 GAS-PAR
INGREDIENTES
 GAS-PAR
RATICIDA
 GAS-PAR
BARATICIDA
 GAS-PAR
VASO INSETICIDA
 GAS-PAR
GRAXAS
 GAS-PAR
 Luiz Gasparelli Junior
 CAIXA POSTAL 275 - FONE 4605
 - CAMPINAS -

A A.P.C.B. recebe os seus animais que passam por S. Paulo, descaçando-os em um ótimo sítio, cuidando-os bem, e reembarcando-os com toda a segurança, para o seu destino.



com um corrimento nasal mais ou menos abundante, constituído por um liquido aquoso ou por um lacrimejamento acentuado, com irritação dos olhos. A doença decorrendo dessa forma dizemos que é benigna, mas ás vezes ela apresenta complicações e assim apresenta mais perigo para a vida da ave. Esta última forma chama-se de coriza maligna e se apresenta com formação de crostas no nariz por que o corrimento é mais espesso e seca em contato do ar. Nos olhos ha formação de massas amareladas que provocam o fechamento das palpebras.

Na boca ha formação de placas mais ou menos amareladas que, ás vezes, podem ser tão desenvolvidas chegando a prejudicar a digestão. As aves ficam tristes, abatidas, com tosse, espirros ou soluços nas formas antigas. Não existindo método de vacinação eficiente devemos evitar que nas criações entrem aves doentes.

Como tratamento aconselha-se: 1) Instilação nasal e ocular de uma solução de argenteo a 10%, duas vezes ao dia, convindo dispensar todas as medidas higiênicas ás aves. 2) Instilação no musculo do peito uma solução aquosa de urotropina a 40% na proporção de 2 cc. para adultos, 1 cc. para frangos e 0,5 cc. para pintos. Nos casos benignos uma única instilação será suficiente enquanto nos casos graves convem fazer algumas inoculações em dias alternados.

CORIZA — AVES

É uma moléstia muito espalhada em nossas criações de aves e ataca especialmente as galinhas.

Até hoje ainda não está bem esclarecido qual é o micróbio causador dessa doença, sabendo-se entretanto que é extremamente contagiosa, ataca aves de todas as idades. Muitas são as causas que concorrem para o aparecimento e disseminação da coriza fazendo com que haja diminuição de resistência.

Entre causas responsáveis citamos: aglomeração, alimentação e agua, ventilação defeituosa, humidade. A moléstia se inicia



Perfuradora "J P."

PARA FORMIGUEIROS

O unico sistema perfeito de combate ás saúvas!
 Adotado pelo Instituto Biológico de São Paulo e pelo Ministério da Agricultura.

Peça ao seu fornecedor ou a:

MAQUINAS AGRICOLAS "JP" LTDA.
 Rua São Bento, 100 :::: São Paulo





*A Sra.
faça
assim:*

Pudim de pão com chocolate

Um litro de leite — Duas chicaras de pão fofinho, aos pedaços — Uma colher das de chá, de baunilha — Dois ovos — Uma chicara de açúcar — Meia chicara de chocolate — Um quarto de colher das de chá, de sal — Quatro colheres das de sopa, de açúcar.

Separar as gemas das claras dos ovos. Bater a primeiras ligeiramente.

Misturar o chocolate ao açúcar da chicara, juntando depois as gemas, o sal, o leite, o pão e a baunilha. Deixar a mistura descansar durante meia hora. Mexer bem e derramar em fôrma untada de manteiga. Levar a forno brando até a mistura endurecer. Derramar sobre o pudim um merengue feito com as claras bem batidas e o açúcar das quatro colheres. Levar ao forno novamente, até que o merengue fique tostado.

Pão de aveia

Três chicaras de aveia — Meia chicara de açúcar mascavo — Duas colheres das de chá, de sal — Uma colher das de chá, de fermento "Royal" — Uma chicara de água fervendo — Uma chicara de leite — Uma "tablete" de fermento Fleischman" — Meia chicara de água morna — Cinco chicaras de farinha de trigo. Misturar a aveia, o açúcar, o sal e o fermento. Juntar a água fervendo e mexer bem. Cobrir a mistura, deixando-a descansar durante uma hora. Juntar o leite, o fermento "Fleischman" dissolvido na água morna e a farinha de trigo. Cobrir e deixar crescer até que a massa dobre de volume. Bater a massa, deixando-a crescer durante quinze minutos. Fazer os pães, pondo-os em fôrmas untadas de manteiga. Deixar a massa crescer nas fôrmas, até que dobre de volume. Levar a forno quente, durante quinze minutos. Em seguida, reduzir a temperatura do forno e deixar assar, então em forno moderado, durante mais quarenta minutos.



os adubos
químico-orgânicos
**"POLYSU" e
"JUPITER"**

garantem maior colheita e melhor produção. Fórmulas especiais para toda e qualquer cultura, especialmente para:

ALGODÃO, CAFÉ, LARANJA, BATATA, TOMATE, HORTALICAS, CEREAIS, ETC.

Depósito permanente de
FERTILIZANTES SIMPLES

Para o preparo de calda bordalesa
SULFATO DE COBRE "NEVAZUL"
(cristais bem miúdos)

Contra "oidios" ou "brancos",
"ácaros", etc.
**ENXOFRE DUPLO VENTILADO
"JUPITER"**

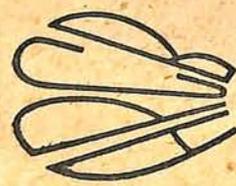
Para pulverizações
PO BORDALES ALFA "JUPITER"
Fungicida enérgico com
16% de cobre)

VERDE PARIS
(Verde de Schweinfürth) e outros
PRODUTOS QUÍMICOS AGRÍCOLAS
e INDUSTRIAIS

ARSENIATOS "JUPITER"
"exterminadores do "curuquerê"

FORMICIDA "JUPITER"
O Carrasco da Saúva
PRODUTOS QUÍMICOS

"ELEKEIROZ" S/A
S. Bento, 503 - S. PAULO - C. Postal 255



Serviço de Controle Leiteiro da A.P.C.B.

♦ (16.5 a 15-6-1946) ♦

LACTAÇÕES TERMINADAS

| Cic. | Nome da vaca | N.º SCL | Dias | Produções (ks.) | | Raça | PROPRIETARIO |
|------|--------------|---------|------|-----------------|-------|------|--------------|
| | | | | Leite | M. G. | | |

Vacas submetidas a três e duas ordenhas — Divisão B

| | | | | | | | |
|-----|-----------|-----|-----|-----------|---------|------|--|
| 7.a | Grauna | 58 | 365 | 7.104,725 | 301,125 | 4,24 | Hols. Frie. PCOC — Joaquim Barros Alcântara. |
| 6.a | Pintura | 268 | 300 | 4.374,600 | 192,780 | 4,40 | Hol. p b 3/4 — João Morais Barros. |
| 5.a | Vitoriosa | 304 | 272 | 4.168,944 | 178,704 | 4,28 | Hol. p b PCOC — João Morais Barros. |
| 4.a | Garça | 285 | 262 | 3.522,328 | 154,580 | 4,27 | Hol. v b 3/4 — Orlando Barros Pereira. |
| — | Borboleta | 254 | 300 | 3.249,900 | 138,570 | 4,26 | Hol. p b n r — Joaquim Barros Alcântara. |
| — | Ramona | 252 | 300 | 3.039,030 | 131,100 | 4,31 | Hol. v b n r — Orlando Barros Pereira. |

Vacas submetidas a três e duas ordenhas — Divisão A

| | | | | | | | |
|-----|------------------|-----|-----|-----------|---------|------|---|
| 3.a | Carícia | 226 | 300 | 5.242,500 | 169,200 | 3,22 | Hols. Frie. PCOC — Colégio Adventista Brasileiro. |
| 3.a | Purdia Bollhayes | 243 | 300 | 3.450,000 | 185,100 | 5,36 | Jersey PCOC — Zely Dias Figueiredo. |
| 3.a | Enna II | 272 | 300 | 3.005,400 | 112,100 | 3,75 | Hol. p b PCOC — Sociedade Civil Fzda. Maria Amélia. |

RESULTADOS DE CONTROLE

| C R I A D O R | N.º SCL | Nome da vaca | Cle. | Cont. | Prod. de leite (ks.) | Prod. de M. G. (ks.) | Perc. de M. G. | Dias de lactação | R A Ç A | |
|--|---|-----------------|-----------------|-----------------|----------------------|----------------------|----------------|------------------|---------------|---------------|
| Lafayette A. S. Camargo, Granja Vila Brandina, Campinas. Controle em 31/5/46. Regime de campo c/ ração suplementar, duas ordenhas. | 29 | Balaiaica | 5. ^a | 1.º | 17,780 | 0,645 | 3,62 | 38 | Hol. p b 7/8 | |
| | 28 | Rosquinha | 4. ^a | 1.º | 22,410 | 0,719 | 3,20 | 16 | Hol. p b PCOD | |
| | 133 | Granfina | 6. ^a | 1.º | 20,340 | 0,807 | 3,96 | 13 | Hol. p b 3/4 | |
| | 138 | Salamanca | 5. ^a | 1.º | 19,840 | 0,643 | 3,24 | 58 | Hol. p b PCOD | |
| | 203 | Linda Flôr | 4. ^a | 1.º | 18,630 | 0,647 | 3,47 | 45 | Hol. p b PCOD | |
| | 205 | Araponga | | 1.º | 18,630 | 0,642 | 3,44 | 14 | Hol. p b n r | |
| | 454 | Baiarda | | 1.º | 17,000 | 0,633 | 3,72 | 63 | Hol. p b | |
| | 455 | Lolita | | 1.º | 18,350 | 0,616 | 3,35 | 7 | Hol. p b | |
| | 456 | Combuca | 7. ^a | 1.º | 17,540 | 0,660 | 3,76 | 61 | Hol. p b PCOD | |
| | 457 | Celada | 6. ^a | 1.º | 24,120 | 0,937 | 3,88 | 8 | Hol. p b 3/4 | |
| | 458 | Siria | 7. ^a | 1.º | 17,790 | 0,551 | 3,09 | 25 | Hol. p b 7/8 | |
| | 459 | Ofélia | 3. ^a | 1.º | 22,840 | 0,713 | 3,12 | 36 | Hol. p b PCOD | |
| | Colégio Adventista Brasileiro, Sto. Amaro. Controle em 29/5/46. Regime de semi-estabulação c/ três e duas ordenhas. | 45 | Fortalesa | 2. ^a | 8.º | 16,630 | 0,595 | 3,58 | 202 | Hol. p b PCOC |
| | | 46 | Belinha | 2. ^a | 1.º | 22,890 | 0,895 | 3,90 | 3 | Hol. p b PCOC |
| 48 | | Aliança | 2. ^a | 2.º | 20,300 | 0,658 | 3,24 | 42 | Hol. p p PCOC | |
| 49 | | Valisa | 7. ^a | 1.º | 21,680 | 0,764 | 3,50 | 7 | Hol. p b PCOC | |
| 100 | | Favorita | 2. ^a | 2.º | 18,080 | 0,634 | 3,50 | 49 | Hol. p b PCOC | |
| 120 | | Falua | 3. ^a | 1.º | 16,630 | 0,465 | 2,87 | 20 | Hol. p b PCOC | |
| 139 | | Professora | | 1.º | 23,380 | 0,711 | 3,00 | 1 | Hol. p b n r | |
| 140 | | Rainha | | 1.º | 21,410 | 0,791 | 3,69 | 12 | Hol. p b n r | |
| 141 | | Traituba | | 1.º | 16,750 | 0,530 | 3,16 | 11 | Hol. p b n r | |
| 226 | | Carícia | 3. ^a | 11.º | 5,450 | 0,185 | 3,40 | 295 | Hol. p b PCOC | |
| 309 | | Marquesa | 2. ^a | 8.º | 11,720 | 0,407 | 3,47 | 233 | Hol. p b PCOC | |
| 332 | | Maravilha | 2. ^a | 7.º | 10,750 | 0,411 | 3,82 | 185 | Hol. p b PCOC | |
| 390 | | Panacéa | 2. ^a | 4.º | 17,110 | 0,571 | 3,34 | 97 | Hol. p b PCOC | |
| 460 | | Platêa Sentinel | 1. ^a | 1.º | 17,320 | 0,632 | 3,64 | 13 | Hol. p b PCOC | |
| 461 | | Marréca | 3. ^a | 1.º | 16,110 | 0,529 | 3,28 | 15 | Hol. p b PCOC | |

| C R I A D O R | N.º SCL | Nome da vaca | Cle. | Cont. | Prod. de leite (ks.) | Prod. de M. G. (ks.) | Fero. de M. G. | Dias de lactação | R A Ç A |
|--|------------|-----------------|-----------------|--------|----------------------|----------------------|----------------|------------------|---------------|
| Orlando Barros Pereira, Fazenda Sta. Filomena, Rio Claro, Controle em 4/6/46. Regime de campo c/ ração suplementar, duas ordenhas. | 51 | Pagá | 7. ^a | 1.º | 21,700 | | | 12 | Hol. v b 7/8 |
| | 106 | Duquesa | 5. ^a | 1.º | 14,520 | | | 3 | Hol. v b n r |
| | 108 | Rumba | 4. ^a | 3.º | 10,620 | | | 113 | Hol. v b 3/4 |
| | 112 | Favéla | | 1.º | 15,410 | | | 1 | Hol. v b n r |
| | 126 | Formosa | 5. ^a | 1.º | 17,590 | | | 3 | Hol. v b 1/2 |
| | 189 | Mombuca | 7. ^a | 1.º | 17,650 | | | 4 | Hol. v b PCOD |
| | 219 | Limeira | | 2.º | 13,400 | | | 28 | Hol. v b n r |
| | 252 | Ramona | | 9.º | 6,990 | | | 295 | Hol. v b n r |
| | 286 | Granfina | 3. ^a | 7.º | 10,500 | | | 266 | Hol. v b 3/4 |
| | 287 | Cristalina | 3. ^a | 8.º | 10,030 | | | 367 | Hol. v b 3/4 |
| | 310 | Carícia | | 7.º | 9,750 | | | 233 | Hol. v b n r |
| | 313 | Báia | | 7.º | 10,600 | | | — | Hol. v b n r |
| | 314 | Alvorada | | 7.º | 10,180 | | | 229 | Hol. v b n r |
| | 315 | Cachopa | 2. ^a | 7.º | 11,100 | | | 216 | Hol. v b 7/8 |
| | 333 | Carioca | | 6.º | 10,430 | | | 210 | Hol. v b n r |
| | 335 | Alegria | 4. ^a | 6.º | 11,870 | | | 200 | Hol. v b 3/4 |
| | 336 | Sonata | 4. ^a | 6.º | 13,980 | | | 198 | Hol. v b 7/8 |
| | 338 | Cascadura | 2. ^a | 6.º | 9,640 | | | 196 | Hol. v b 3/4 |
| | 389 | Normanda | 2. ^a | 6.º | 9,350 | | | 205 | Hol. v b 3/4 |
| | 392 | Maringá | 3. ^a | 3.º | 9,520 | | | 108 | Hol. v b 7/8 |
| 393 | Senhorinha | 5. ^a | 3.º | 13,580 | | | 115 | Hol. v b 3/4 | |
| 394 | Marquesa | | 3.º | 14,140 | | | 111 | Hol. v b n r | |
| 427 | Paulistana | 2. ^a | 2.º | 14,640 | | | 43 | Hol. v b 7/8 | |
| Joaquim Barros Alcântara, Fazenda S. Pedro, Caçapava. Controle em 10/6/46. Regime de campo c/ ração suplementar, duas ordenhas. | 75 | Urânia | 4. ^a | 2.º | 18,620 | 0,586 | 3,14 | 53 | Hol. p b 7/8 |
| | 78 | Háia | 7. ^a | 8.º | 12,660 | 0,658 | 5,19 | 211 | Hol. p b 3/4 |
| | 122 | Roca | 4. ^a | 3.º | 13,110 | 0,549 | 4,18 | 69 | Hol. p b PCOD |
| | 207 | Belesa | 5. ^a | 2.º | 18,840 | 0,706 | 3,74 | 29 | Hol. p b n r |
| | 208 | Inglesinha | 5. ^a | 1.º | 21,910 | 0,742 | 3,38 | 10 | Hol. p b n r |
| | 254 | Borboleta | | 10.º | 3,440 | 0,211 | 6,15 | 297 | Hol. p b n r |
| | 289 | Xumbada | | 9.º | 3,820 | 0,210 | 5,50 | 247 | Hol. p b n r |
| | 316 | Cambuquira | 4. ^a | 8.º | 10,630 | 0,491 | 4,61 | 211 | Hol. p b PCOD |
| | 317 | Conquista | 7. ^a | 8.º | 8,020 | 0,400 | 4,98 | 241 | Hol. p b n r |
| | 318 | Saira | | 8.º | 12,500 | 0,675 | 5,40 | 219 | Hol. p b n r |
| | 319 | Maravilha | | 8.º | 13,020 | 0,592 | 5,25 | 237 | Hol. p b n r |

Observação:

Por falta de material necessário, não foi realizada a prova de gordura, destes controles.

| | | | | | | | | | |
|-----|---------------------|-------|-----------------|-----------------|--------|-------|------|-----|---------------|
| 320 | Brasileira | | 1. ^a | 8. ^o | 8,160 | 0,387 | 4,74 | 217 | Hol. p b PCOD |
| 340 | Medalha | | 7. ^a | 6. ^o | 10,120 | 0,416 | 4,11 | 201 | Hol. p b PCOD |
| 369 | Baia | | 3. ^a | 6. ^o | 9,410 | 0,396 | 4,20 | 207 | Hol. p b n r |
| 370 | Argentina | | 3. ^a | 6. ^o | 9,770 | 0,526 | 5,38 | 199 | Hol. p b PCOD |
| 371 | Araponga | | 3. ^a | 6. ^o | 9,280 | 0,462 | 4,97 | 187 | Hol. p b PCOC |
| 372 | Palmeira | | 4. ^a | 6. ^o | 11,130 | 0,545 | 4,89 | 189 | Hol. p b n r |
| 373 | Araras | | 4. ^a | 6. ^o | 4,990 | 0,246 | 4,95 | 171 | Hol. p b 7/8 |
| 379 | Amélia | | 4. ^a | 5. ^o | 11,640 | 0,536 | 4,60 | 121 | Hol. p b PCOD |
| 380 | Alagóas | | 4. ^a | 5. ^o | 11,130 | 0,437 | 3,92 | 123 | Hol. p b PCOD |
| 381 | Baronesa | | 1. ^a | 5. ^o | 8,600 | 0,321 | 3,73 | 128 | Hol. p b PCOD |
| 391 | Aliança | | 4. ^a | 4. ^o | 16,650 | 0,690 | 4,14 | 110 | Hol. p b n r |
| 395 | Miragem | | 4. ^a | 3. ^o | 17,080 | 0,707 | 4,14 | 79 | Hol. p b PCOD |
| 396 | Cascata | | 1. ^a | 3. ^o | 10,480 | 0,558 | 5,32 | 73 | Hol. p b 7/8 |
| 397 | Brandina | | 1. ^a | 3. ^o | 16,360 | 0,564 | 3,44 | 66 | Hol. p b 7/8 |
| 398 | Canela | | 1. ^a | 3. ^o | 10,460 | 0,458 | 4,37 | 64 | Hol. p b PCOC |
| 399 | Belinha | | 1. ^a | 3. ^o | 10,840 | 0,424 | 3,91 | 65 | Hol. p b PCOC |
| 428 | Amapola | | 4. ^a | 2. ^o | 18,790 | 0,647 | 3,44 | 49 | Hol. p b 7/8 |
| 429 | Balinha | | 1. ^a | 2. ^o | 8,750 | 0,436 | 4,98 | 58 | Hol. p b 7/8 |
| 430 | Cabrita | | 1. ^a | 2. ^o | 12,020 | 0,500 | 4,15 | 46 | Hol. p b |
| 431 | Bacana | | 1. ^a | 2. ^o | 13,530 | 0,634 | 4,68 | 41 | Hol. p b |
| 432 | Boneca del Plata | | 1. ^a | 2. ^o | 11,540 | 0,528 | 4,57 | 53 | Hol. p b PCOD |
| 433 | Bordada | | 1. ^a | 2. ^o | 9,210 | 0,436 | 4,73 | 57 | Hol. p b |
| 434 | Aliada | | 3. ^a | 2. ^o | 15,860 | 0,628 | 3,95 | 47 | Hol. p b 7/8 |
| 435 | Amazonas | | 4. ^a | 2. ^o | 14,620 | 0,538 | 3,67 | 49 | Hol. p b 7/8 |
| 436 | Araruta | | 1. ^a | 2. ^o | 22,690 | 0,934 | 4,11 | 47 | Hol. p b 7/8 |
| 462 | Balalaica del Plata | | 1. ^a | 1. ^o | 8,170 | 0,323 | 3,95 | 18 | Hol. p b PCOD |
| 463 | Bonita del Plata | | 1. ^a | 1. ^o | 17,260 | 0,617 | 3,57 | 11 | Hol. p b PCOD |
| 143 | Hansa | | 6. ^a | 1. ^o | 19,800 | 0,720 | 3,63 | 12 | Hol. p b 3/4 |
| 342 | Única | | 6. ^a | 7. ^o | 16,330 | 0,604 | 3,69 | 187 | Hol. p b PCOD |
| 400 | Verónica | | 1. ^a | 3. ^o | 11,490 | 0,324 | 2,82 | 88 | Hol. p b n r |
| 464 | Sabina | | 1. ^a | 1. ^o | 17,550 | 0,620 | 3,53 | 4 | Hol. p b PCOD |
| 465 | Sata Prilly | | 1. ^a | 1. ^o | 16,750 | 0,633 | 3,78 | 3 | Hol. p b PCOD |
| 466 | Yantze | | 2. ^a | 1. ^o | 21,010 | 0,773 | 3,67 | 2 | Hol. p b PCOC |
| 467 | Pantalla | | 1. ^a | 1. ^o | 16,850 | 0,596 | 3,53 | 1 | Hol. p b PCOD |
| 468 | Canilla | | 2. ^a | 1. ^o | 21,820 | 0,837 | 3,83 | 2 | Hol. p b PCOD |

Carlos A. W. Auerbach, Fazenda Bela Vista, Mogi das Cruzes. Controle em 8/6/46. Regime de semi-estabulação c/ três ordenhas.

C R I A D O R

João Morais Barros, Fzda. Boa Vista, Campinas. Controle em 29/5/46. Regime de campo c/ ração suplementar, duas ordenhas.

| N.º SCL | Nome da vaca | Cle. | Cont. | Prod. de leite (ks.) | Prod. de M. G. (ks.) | Perí. de M. G. | Dias de lactação | R A Ç A |
|---------|---------------|-----------------|-------|----------------------|----------------------|----------------|------------------|---------------|
| 209 | Negrinha | 7. ^a | 2.º | 11,690 | 0,453 | 3,87 | 49 | Hol. p b 3/4 |
| 212 | Campineira II | 4. ^a | 2.º | 16,440 | 0,636 | 3,86 | 30 | Hol. p b 7/8 |
| 213 | Soberana | 5. ^a | 2.º | 14,140 | 0,659 | 4,66 | 27 | Hol. p b PCOD |
| 266 | Saudade | 7. ^a | 1.º | 15,400 | 0,547 | 3,55 | 13 | Hol. p b 1/2 |
| 268 | Pintura | 6. ^a | 9.º | 7,020 | 0,327 | 4,65 | 280 | Hol. p b 3/4 |
| 296 | Campineira | 4. ^a | 8.º | 16,130 | 0,585 | 3,62 | 250 | Hol. p b PCOC |
| 297 | Dudinha | 4. ^a | 8.º | 8,230 | 0,317 | 3,85 | 265 | Hol. p b PCOC |
| 298 | Mimosa | 8.º | 8.º | 12,780 | 0,424 | 3,31 | 250 | Hol. p b PCOC |
| 300 | Cativa | 4. ^a | 8.º | 8,330 | 0,346 | 4,15 | 246 | Hol. p b PCOC |
| 302 | Odalisca | 2. ^a | 8.º | 5,550 | 0,255 | 4,59 | 250 | Hol. p b 7/8 |
| 303 | Nobresa | 4. ^a | 7.º | 9,890 | 0,404 | 4,08 | 246 | Hol. p b 7/8 |
| 343 | Baronesa | 6. ^a | 6.º | 12,770 | 0,527 | 4,12 | 206 | Hol. p b PCOD |
| 344 | Garopa | 4. ^a | 6.º | 10,840 | 0,437 | 4,03 | 195 | Hol. p b PCOC |
| 346 | Lorena | 5. ^a | 6.º | 12,250 | 0,503 | 4,10 | 206 | Hol. p b 7/8 |
| 347 | Javanesa | 6. ^a | 6.º | 15,750 | 0,700 | 4,44 | 189 | Hol. p b 7/8 |
| 348 | Rita | 6.º | 6.º | 7,850 | 0,296 | 3,77 | 203 | Hol. p b PCOC |
| 349 | Ligeira | 2. ^a | 6.º | 6,640 | 0,309 | 4,65 | 179 | Hol. p b PCOC |
| 350 | Flauta | 4. ^a | 6.º | 8,040 | 0,315 | 3,91 | 182 | Hol. p b PCOC |
| 352 | Lipa | 4. ^a | 6.º | 8,710 | 0,321 | 3,68 | 196 | Hol. p b 7/8 |
| 353 | Melindrosa | 1. ^a | 6.º | 11,690 | 0,455 | 3,89 | 207 | Hol. p b 7/8 |
| 354 | Jaca | 4. ^a | 5.º | 9,280 | 0,407 | 4,38 | 206 | Hol. p b 3/4 |
| 355 | Guariba | 2. ^a | 6.º | 10,610 | 0,424 | 3,99 | 181 | Hol. p b PCOD |
| 357 | Gazetinha II | 2. ^a | 6.º | 9,500 | 0,362 | 3,81 | 189 | Hol. p b 7/8 |
| 358 | Carioca | 1. ^a | 6.º | 13,430 | 0,556 | 4,14 | 206 | Hol. p b PCOC |
| 374 | Menina | 2. ^a | 5.º | 11,860 | 0,452 | 3,81 | 147 | Hol. p b 7/8 |
| 375 | Dondoca | 3. ^a | 5.º | 9,890 | 0,437 | 4,41 | 156 | Hol. p b 7/8 |
| 376 | Esperança | 4. ^a | 5.º | 9,870 | 0,399 | 4,04 | 154 | Hol. p b 7/8 |
| 377 | Mariposa | 7. ^a | 5.º | 8,950 | 0,337 | 3,76 | 164 | Hol. p b PCOC |
| 382 | Noiva | 5. ^a | 4.º | 16,780 | 0,732 | 4,36 | 110 | Hol. p b 7/8 |
| 383 | Faceira | 4.º | 4.º | 12,270 | 0,487 | 3,97 | 140 | Hol. p b 7/8 |
| 384 | Rebeca | 7. ^a | 4.º | 16,850 | 0,645 | 3,82 | 134 | Hol. p b 7/8 |
| 385 | Cocada | 5. ^a | 4.º | 11,460 | 0,384 | 3,35 | 117 | Hol. p b PCOC |
| 386 | Gregga | 7. ^a | 4.º | 14,720 | 0,531 | 3,60 | 121 | Hol. p b PCOC |
| 387 | Moderna | 7. ^a | 4.º | 15,830 | 0,681 | 4,30 | 139 | Hol. p b 7/8 |
| 388 | Oncinha | 3. ^a | 4.º | 8,960 | 0,382 | 4,26 | 114 | Hol. p b PCOC |
| 2090 | Fazinha II | 6. ^a | 4.º | 16,260 | 0,618 | 3,80 | 167 | Hol. p b PCOD |

| | | | | | | | |
|-----|---------------|-----------------|--------|-------|------|-----|---------------|
| 401 | Corruira | 3. ^a | 9,420 | 0,402 | 4,26 | 99 | Hol. p b PCOC |
| 402 | Pitanga | 5. ^a | 13,940 | 0,562 | 4,03 | 63 | Hol. p b PCOC |
| 403 | Cereja | 5. ^a | 8,250 | 0,345 | 4,18 | 96 | Hol. p b PCOC |
| 404 | Itapira | 5. ^a | 19,810 | 0,854 | 4,31 | 55 | Hol. p b PCOC |
| 405 | Niagara | 3. ^a | 15,470 | 0,520 | 3,36 | 63 | Hol. p b PCOC |
| 406 | Pipoca | 5. ^a | 18,680 | 0,679 | 3,63 | 102 | Hol. p b 1/2 |
| 407 | Pinda | 6. ^a | 9,600 | 0,370 | 3,85 | 81 | Hol. p b PCOC |
| 408 | Gralha | 1. ^a | 12,020 | 0,447 | 3,71 | 67 | Hol. p b PCOC |
| 409 | Araras | 1. ^a | 10,650 | 0,384 | 3,60 | 86 | Hol. p b PCOC |
| 410 | Léda | 5. ^a | 13,180 | 0,488 | 3,70 | 72 | Hol. p b 7/8 |
| 411 | Indiana | 1. ^a | 8,450 | 0,338 | 4,00 | 90 | Hol. p b PCOC |
| 412 | Bela | 4. ^a | 9,320 | 0,376 | 4,03 | 59 | Hol. p b 7/8 |
| 414 | Tunisia | 3. ^a | 15,570 | 0,556 | 3,57 | 81 | Hol. p b PCOC |
| 415 | Estrelinha II | 7. ^a | 12,190 | 0,523 | 4,29 | 59 | Hol. p b 7/8 |
| 416 | Dália | 4. ^a | 8,950 | 0,428 | 4,78 | 77 | Hol. p b PCOC |
| 417 | Dúvida | 4. ^a | 17,890 | 0,546 | 3,00 | 99 | Hol. p b PCOC |
| 418 | Catalina | 3. ^a | 10,480 | 0,436 | 4,16 | 53 | Hol. p b PCOC |
| 419 | Dadá | 4. ^a | 12,380 | 0,514 | 4,15 | 95 | Hol. p b 7/8 |
| 420 | Havana | 1. ^a | 10,990 | 0,369 | 3,35 | 54 | Hol. p b PCOC |
| 421 | Aurora | 5. ^a | 11,450 | 0,495 | 4,32 | 103 | Hol. p b PCOC |
| 437 | Coruja II | 7. ^a | 16,810 | 0,601 | 3,57 | 40 | Hol. p b PCOC |
| 438 | Carioca II | 1. ^a | 11,700 | 0,414 | 3,53 | 37 | Hol. p b PCOC |
| 439 | Borboleta | 4. ^a | 12,990 | 0,516 | 3,97 | 43 | Hol. p b PCOC |
| 440 | Frisia III | 6. ^a | 21,160 | 0,890 | 4,20 | 27 | Hol. p b PCOC |
| 441 | Lindóia III | 7. ^a | 16,450 | 0,607 | 3,68 | 25 | Hol. p b PCOC |
| 442 | Seliza | 4. ^a | 19,700 | 0,707 | 3,58 | 30 | Hol. p b 3/4 |
| 443 | Briosa III | 7. ^a | 10,640 | 0,413 | 3,88 | 41 | Hol. p b PCOC |
| 444 | Veterana III | 7. ^a | 14,320 | 0,632 | 4,41 | 25 | Hol. p b 7/8 |
| 445 | Polaca | 7. ^a | 19,280 | 0,709 | 3,67 | 27 | Hol. p b PCOC |
| 446 | Suissa II | 6. ^a | 14,430 | 0,594 | 4,11 | 20 | Hol. p b 3/4 |
| 447 | Granfina | 2. ^a | 14,450 | 0,622 | 4,30 | 30 | Hol. p b 7/8 |
| 448 | Dona | 3. ^a | 12,560 | 0,490 | 3,90 | 37 | Hol. p b PCOC |
| 449 | Araçá II | 3. ^a | 19,450 | 0,773 | 3,96 | 23 | Hol. p b PCOC |
| 450 | Noruega | 1. ^a | 10,480 | 0,426 | 4,06 | 24 | Hol. p b PCOD |
| 451 | Duquesa | 1. ^a | 12,710 | 0,501 | 3,94 | 26 | Hol. p b PCOC |
| 469 | Amorosa | 2. ^a | 9,730 | 0,398 | 4,09 | 2 | Hol. p b 7/8 |
| 470 | Dansarina | 5. ^a | 22,160 | 0,820 | 3,79 | 7 | Hol. p b 1/2 |
| 471 | Roleta | 3. ^a | 11,920 | 0,469 | 3,93 | 10 | Hol. p b 7/8 |

| C R I A D O R | | N.º SCL | Nome da vaca | Cle. | Cont. | Prod. de leite (ks.) | Prod. de M. G. (ks.) | Perc. de M. G. | Dias de lactação | R A Ç A |
|--|--|---------|-----------------|-----------------|-------|----------------------|----------------------|----------------|------------------|---------------|
| | | 472 | Aviadora II | 7. ^a | 1.º | 16,820 | 0,468 | 3,85 | — | Hol. p b 7/8 |
| | | 473 | Plata | 5. ^a | 1.º | 19,290 | 0,702 | 3,63 | 11 | Hol. p b PCOC |
| | | 474 | Manga | 6. ^a | 1.º | 14,540 | 0,502 | 3,45 | 8 | Hol. p b 7/8 |
| | | 475 | Bolota | 6. ^a | 1.º | 8,480 | 0,392 | 4,62 | 8 | Hol. p b 7/8 |
| Zely Dias Figueiredo, Granja Carolina, Estr. Itapeperica. Controle em 2/6/46. Regime de semi-estabulação c/ duas ordenhas. | | 237 | Nesla Bollhayes | 4. ^a | 7.º | 10,630 | 0,562 | 5,28 | 189 | Jersey PCOC |
| | | 239 | Zondla | 4. ^a | 4.º | 16,150 | 0,727 | 4,50 | 92 | Jersey PCOC |
| | | 242 | Randla | 3. ^a | 5.º | 11,690 | 0,550 | 4,71 | 128 | Jersey PCOC |
| | | 243 | Purdla | 3. ^a | 10.º | 10,140 | 0,630 | 6,21 | 294 | Jersey PCOC |
| | | 245 | Layla | 3. ^a | 6.º | 8,330 | 0,398 | 4,77 | 143 | Jersey PCOC |
| Sociedade Civil Fazenda Maria Amélia, Fazenda Lapa, Campinas. Controle em 2/6/46. Regime de semi-estabulação c/ duas ordenhas. | | 272 | Ema | 3. ^a | 8.º | 7,830 | 0,308 | 3,93 | 290 | Hol. p b PCOC |
| | | 273 | Audácia | 3. ^a | 8.º | 8,800 | 0,410 | 4,65 | 268 | Hol. p b PCOC |
| | | 306 | Nina | 2. ^a | 8.º | 9,520 | 0,508 | 5,33 | 254 | Hol. p b PCOD |
| | | 307 | Bagé | 2. ^a | 8.º | 8,110 | 0,410 | 5,05 | 252 | Hol. p b PCOC |
| | | 360 | Darci | 3. ^a | 6.º | 10,940 | 0,462 | 4,22 | 218 | Hol. p b PCOC |
| | | 364 | Bandeira | 1. ^a | 6.º | 8,770 | 0,322 | 3,68 | 211 | Hol. p b PCOC |
| | | 365 | Bonita | 3. ^a | 6.º | 10,110 | 0,449 | 4,44 | 214 | Hol. p b n r |
| | | 366 | Fiteira | 3. ^a | 6.º | 9,300 | 0,312 | 3,35 | — | Hol. p b 7/8 |
| | | 367 | Vitória | 5. ^a | 6.º | 7,900 | 0,366 | 4,63 | 190 | Hol. p b n r |
| | | 422 | Maravilha | 7. ^a | 3.º | 13,230 | 0,491 | 3,71 | — | Hol. p b 7/8 |
| | | 425 | Novidade | 7. ^a | 3.º | 6,720 | 0,304 | 4,52 | 108 | Hol. p b n r |
| | | 426 | Campineira | 7. ^a | 3.º | 10,640 | 0,528 | 4,95 | 144 | Hol. p b 3/4 |
| | | 453 | Silvia | 2.º | 2.º | 14,700 | 0,594 | 4,04 | 54 | Hol. p b |
| | | 476 | Seriema | 1.º | 1.º | 12,840 | 0,436 | 3,40 | 3 | Hol. p b |

OBSERVAÇÕES: — Cle. = Classe; Hol. = holandesa; p b = preta e branca; v b = vermelha e branca; n r = não registrada; PCOC = pura por cruz de origem conhecida; PCOD = pura por cruz de origem desconhecida; Hols. Frie. = Holstein Friesian.

CLASSES: — 1.º) novilhas até 3 anos; 2.º) fêmeas de 3 a 4 anos; 3.º) fêmeas de 4 a 5 anos; 4.º) fêmeas de 5 a 6 anos; 5.º) fêmeas de 6 a 7 anos; 6.º) fêmeas de 7 a 8 anos e, 7.º) fêmeas de mais 8 anos.

8.ª EXPOSIÇÃO...

(Conclusão da pag. 40)

dávida a sinceridade de propósitos que anima o espírito do chefe da Nação.

De muito necessitamos, Sr. Ministro, porque, infelizmente, esta é a verdade, quase nada temos. Devemos ter a coragem e a decisão necessárias para nos desapegarmos da mística que sempre embalou nossos sonhos: de que a nossa terra é um eterno um perene manancial de ouro e de esmeraldas... Saint'Hilaire, percorrendo o sul e o centro do país já nos contava, naquela sua encantadora ingenuidade, a pobreza que encontrava por todas as regiões que visitava.

Vivemos alardeando grandes riquezas em potencial, mas não queremos ou não podemos mobilizá-las.

Evidentemente, não ha negar — temos pela frente, grandes possibilidades. Mas para que possamos produzir suficientemente, faz-se mister que tenhamos estradas de ferro bem aparelhadas, conjuntos motorizados para a lavoura, boas estradas de rodagens que sulquem o Estado em todas as direções. Exceção feita de algumas construídas pelo Batalhão Rodoviário do Exército, em Bela Vista, Aquidauana, Nioaque e Murtinho, as demais são extensos picadões alanceando o seio agreste de nossa "jungle", mais feitas pelas rodas dos automóveis.

As nossas terras são de uma feracidade pasmosa, mas elas ainda aí estão a desafiar a coragem de nosso homem, para seu amanhã. O nosso homem principalmente o sertanejo, fazamos justiça — não conhece desencorajamento. E' sempre o grande estoico de que nos fala Euclides da Cunha. Mas sem as facilidades de meios de comunicação e transporte, todo o seu trabalho, toda a sua luta, resulta improficuos.

Dai a necessidade de um melhor aparelhamento que vise auxiliá-lo em sua faina áspera, além de que ele, estimulado por algum resultado compensador, redobre o seu esforço, contribuindo dest'arte para o progresso e o desenvolvimento da região em que vive.

Sem embargo da hora tormentosa que estamos vivendo, apesar da crise tremenda que paralizou todas as nossas iniciativas, temos bem fundadas esperanças de que não iremos parodiar o "Vae Vincitis" do general gaulês. Haveremos de reagir e haveremos de vencer.

Permita V. Excia. Sr. Ministro que o façamos o porta-vóz da mensagem de confiança que destas paragens longinquas de nossa pátria enviamos ao Exmo. Sr. Presidente da República. O povo de Mato Grosso que sente as mesmas palpitações, que comunga dos mesmos anseios de progresso dos irmãos de outros rincões do Brasil, toma a liberdade de fazer de V. Excia., o interprete de suas mais caras aspirações, entregando sua sorte, depositando sua fé e suas esperanças nas mãos do illustre filho desta terra que hoje conduz os destinos da grande nação brasileira.

CULTURA EM FAIXA

(Conclusão da pag. 76)

cos segundo as curvas de nivel, em alguns casos chega a representar uma redução de 25 a 30% da força usualmente consumida nos sistemas que trabalham a terra morro abaixo e morro acima. Essa economia representa, assim, a redução de 3 para 2 burros.

Essas grandes vantagens verificadas no uso das curvas de nivel já vêm acarretando, até a mudança de alguns antigos conceitos de beleza e de perfeição. Antigamente, por exemplo, a aradura mais gabada e tida como mais perfeita era aquela cujas leivas fossem mais retas e mais bem alinhadas. Hoje, entretanto, na era conservacionista em que estamos ingressando, o arador mais exímio, assim como o agricultor mais adiantado, é aquele que mais de perto acompanha as curvas de nivel do terreno.

Essas curvas de nivel deverão constituir, mesmo, a espinha dorsal da estruturação de qualquer fazenda. A beleza e a utilidade de suas sinuosidades, dever-se-ão estampar indelivelmente nos caminhos nas cercas e nas divisas e arruamentos das culturas de todas as nossas propriedades rurais, apagando de uma vez para sempre os desastrosos vestígios das primorosas mas inúteis retas.

Da associação racional dos três princípios fundamentais de contróle de erosão que vimos de expôr, foi que nasceu o sistema de cultura em faixas, o qual pôde, portanto, ser definido como a disposição alternada de diferentes, em faixas de largura limitada, orientadas segundo as linhas de contôrno nos lançantes do terreno.

Notas

Estabelecimentos que contribuem para manutenção da secção "O Leite e seus Derivados", em nossas páginas:

A. J. Byington

Alves, Azevedo & Cia.

Gonçalves Salles & Cia.

Usina Dominio

Usina União de Laticínios

Fábrica Produtos Alimentícios "Vigor" S. A.

Cooperativa Central de Laticínios

Laticínios "Léco".

| Q U E I J O Kg. — produtos de 1.a qualidade (Atacado) | Atacado | |
|--|--------------------|--------------------|
| | São Paulo | Rio de Janeiro |
| Prato | Cr\$ 12,00 a 14,00 | 14,00 a 16,00 |
| Parmesão Nacional | 14,00 a 15,00 | |
| Parmesão Argentino | 18,00 a 19,00 | |
| Minas | 10,00 a 12,00 | 10,00 a 12,00 |
| M. Curado | 12,50 a 18,00 | 12,50 a 18,00 |
| Tipo Reino — enlatado, cx. de 12 formas embrulhado papel celofane, idem | 400,00 a 450,00 | |
| Ulab (fundido) cx. c/ 48 pacotes de ¼ kg., c/ pacote (Marca "Borboleta") cx. c/ 4 blocos de 2½ kgs. | 5,00-5,80 48,00 | 5,00-5,80 48,00 |
| L E I T E C O N D E N S A D O | | |
| Caixa de 48 latas de 400 grs., líquido | | 170,00 |
| L E I T E E M P Ó — (a granel) Kg. | | |
| Magro | | |
| Gordo | | |
| L A C T O S E "Boeke" — kg. | | |
| Em saca de 20 kgs. | | |
| Em lata de 10 kgs. | | |
| Em lata de ¼ kg. | | |
| C A S E I N A — kg. | | |
| De 1.a qualidade | 5,50 | 6,00-7,00 |
| Argentina | 8,00 | 7,00-8,00 |

★ Ofertas e Procuras ★

B O V I N O S

GADO HOLANDES — Vendem-se 2 touros e 5 bezerros puros de pedigree e algumas vacas e bezerras mestiças. Granja Vianna, Km. 23 da Estrada de Cotia. Caixa Postal, 3520 — Tel. 2-7101 — S. Paulo.

TOURO GIR — Neto de Maxixe. Está com 3 anos e 6 meses. Chita vermelho. Olvío Junqueira. Tatuf. E. F. S.

S U I N O S

PORCOS NILO — Vendem-se reprodutores suínos da raça Nilo, à Cr\$ 12,00 o quilo. Sociedade Agrícola Prudente Corrêa, Brauna, N. O. B., Est. S. Paulo.

PORCOS PIAU — Na Fazenda Santa Helena vendem-se leitões desmamados puro sangue Piau, tipo médio aos preços de Cr\$ 300,00 cada um, macho ou fêmea, ou Cr\$ 500,00 o casal. — Fazenda Santa Helena - Tel. 26 - Pedreira - Cia. Mogiana E. F. — Estado de S. Paulo.

L A C T I C I N I O S

MANTEIGA — Vendemos qualquer quantidade. Fábrica de Manteiga "Iris", Jaboticabal, Araraquara e Catanduva.

I N S E T I C I D A

INGREDIENTES "GAS-PAR"
EM PÓ E EM PEDRAS
Os mais concentrados
DO MERCADO
CAIXA POSTAL 275 - CAMPINAS

Revista dos Criadores

Volumes encadernados. Temos à venda edições de 1944 e 39 a Cr\$ 90,00. Pedidos à redação.

Preço para publicidade: Altura, 2 cms.:
1 vez, Cr\$ 40,00; 6 vezes, Cr\$ 230,00 e
12 vezes, Cr\$ 460,00.

A ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE CRIADORES DE BOVINOS
Rua Senador Feijó, 30 — S. Paulo

Junto Cr\$ 100,00 para inscrição do meu nome como sócio CONTRIBUINTE, dessa ASSOCIAÇÃO, a começar dêste mês: Data.....

Nome do criador.....

Nome da Fazenda.....

Cidade.....

E. F.....

REUNINDO quasi três mil sócios, a Associação de Criadores vale como força somada de todos eles. E quando se empenha em beneficio de um, é como se todos se empenhassem juntos, ajudando. * 80% dos sócios que iniciaram a Associação ainda nela permanecem, após 19 anos! * Temos 300 sócios há mais de 11 anos! * E 500 há mais de 6 anos! * O número de sócios aumenta dia a dia! * Inscrever-se na Associação dos Criadores é fortalecê-la e fortalecer-se! Porisso, em nome de todos os nossos companheiros, fazemos a Você este convite amigo: seja UM dos nossos e seremos TRÊS MIL por você. Preencha e nos envie a proposta acima, acompanhada da sua primeira anuidade.

Envie o cupom ACIMA para obter a matrícula na Associação

Envie o cupom ABAIXO para obter sua assinatura da revista

* A Revista dos Criadores é um resumo do mundo pastoril, e correlato, nacional e estrangeiro. * Esse mundo (no qual giram seus negocios) fica, assim, todo mês, ao seu alcance — em suas mãos. * E quanto vale isso para um homem de iniciativa, para uma organização progressista! * Com apenas quarenta cruzeiros anuais, o sr. receberá, antes de qualquer outra, esta revista completa dos assuntos que lhe interessam. * Subscryva hoje mesmo a Revista dos Criadores e essa cooperação será em seu próprio beneficio. * (Os sócios da A. P. C. B. recebem a revista gratuitamente).

A REDAÇÃO DA REVISTA DOS CRIADORES
Rua Senador Feijó, 30 — S. Paulo

Junto Cr\$ 40,00 para assinatura da "Revista dos Criadores", a começar dêste mês: Data.....

Nome do criador.....

Nome da Fazenda.....

Cidade.....

E. F.....

Estado.....

Para sua segurança, e nossa também, faça a remessa em carta com Valor declarado, Vale Postal ou Cheque.



Qual a parte
mais
importante
do
seu cavalo?

Num cavalo de liça, o mais importante é o
lombo. Quantas vezes não se larga um ani-
mal, por dias e meses, por estar pisado!

Tendo na fazenda Pasta Caloá isso não se dá
mais. Em caso de PISADURA ou qualquer
outro ferimento superficial, basta aplicar uma
vez por dia a Pasta Caloá e obterá cura fácil
rápida e econômica.

A Pasta Caloá é o mais poderoso protetor do
umbigo dos bezerros recém-nascidos e abrevia
o tratamento da UMBIGUEIRA dos touros.
Peça Pasta Caloá em pote ou lata, usando o
recorte abaixo.



Pote de 800 gr., Cr\$ 18,00



Lata de 500 gr., Cr\$ 20,00



A A. P. C. B. — Rua Senador Feijó, 80 — S. Paulo:

Para remessa imediata de $\frac{\text{lata}}{\text{pote}}$ de Pasta
Caloá, estou enviando a importância de Cr\$.....00.

Meu nome completo
(escrito bem claro)

Enderêço
(Fazenda, Cidade, Rua, Número, Estado)

Dinol - além de pião é dotôr!



DA gôsto ver como sara uma criação atacada de diarréia e tratada com Dinol. Na fazenda, o Anti-Disentérico Dinol vale o mesmo que um pião, visto que facilita o trabalho de todos, curando logo e salvando tempo para outros serviços. Se aplica tanto em leitão como em galinha, tanto em bezerro como em gado grande. Fácil de dar por boca, nunca faz mal, sai barato e, além de curar, desinfeta as fezes, evitando novos contágios. Porisso, o patrão enche o peito e garante: "Dinol, além de pião é dotôr". Peça-nos amostra gratuita ou encomende quantos vidros precise à farmácia mais próxima.

- ★ O Anti-Disentérico Dinol é dado por boca, em qualquer estado, idade ou espécie de animal - não tem contra-indicações; pode ser guardado muito tempo, nunca se estraga.
- ★ Os maiores criadores do Brasil afirmam as vantagens do Dinol.
- ★ Prefira o Concentrado para um litro, que sai ainda mais barato.
- ★ Preencha o cupon abaixo e nos envie. Receberá uma amostra grátis. Não deixe faltar Dinol na fazenda.

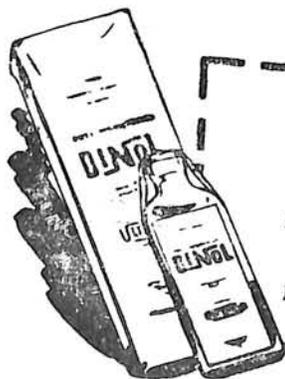
LABORATÓRIO
ULTRASAN LTDA.



Rua Cristiano Viana, 397
São Paulo

Fabricante do famoso
pó de Cargentol)

PRODUTOS DE PRATA
QUE VALEM OURO!



GRÁTIS

Cupon

Peço mandar uma amostra gratuita do Anti-Disentérico Dinol

Para: _____
(nome bem claro)

Endereço: _____
(Fazenda, cidade, rua, número, Estado)